

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS**  
**PRO-REITORIA DE GRADUAÇÃO**  
**ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES**  
**CURSO DE HISTÓRIA**

**RAQUEL DE QUEIROZ GRECO**

**REMEMORANDO GRACE MACHADO: HISTÓRIA, LITERATURA E FEMINISMO NO  
SERTÃO GOIANO (1920-1980)**

**GOIÂNIA**

**2023**

RAQUEL DE QUEIROZ GRECO

**REMEMORANDO GRACE MACHADO: HISTÓRIA, LITERATURA E FEMINISMO NO  
SERTÃO GOIANO (1920-1980)**

Trabalho de Conclusão de Curso  
(Monografia) apresentado como requisito  
para obtenção do título de Licenciatura  
em História pela Pontifícia Universidade  
Católica de Goiás.

Orientadora: Profa. Dra. Maria do  
Espírito Santo Rosa Cavalcante Ribeiro

**GOIÂNIA**  
**2023**

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus e às forças divinas que me fizeram chegar até aqui. Sou grata pela saúde, capacidade, conhecimento e disposição que me foi concedida para que eu pudesse concluir mais uma etapa da vida.

Sou grata a mim mesma por não ter desistido e nem desanimado, mesmo diante os obstáculos que apareceram durante essa trajetória.

Agradeço aos meus pais Leila e Wladimir, pois sem o apoio deles eu jamais chegaria até aqui. Me sinto gratificada por todo apoio financeiro e emocional que me deram durante todas as fases da minha vida e nessa não seria diferente. Obrigada pelo amor e carinho que me fortaleceu!

Sou extremamente grata à minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria do Espírito Santo que, com sua admirável paciência e inteligência, me auxiliou em todos os momentos que precisei. O seu apoio me fez ter coragem de seguir com a pesquisa e adquirir aquilo que ninguém pode me tirar: o conhecimento.

À minha irmã Isabella Greco que sempre acreditou em mim, por mais esquisita que ela seja. Sempre digo que amor de irmã é amor que completa a gente. Sou grata pela torcida e apoio. Além disso, também agradeço ao meu cunhado Odílio pela grande torcida!

Agradeço de todo o meu coração às minhas sobrinhas/fadinhas Luiza e Julia que, mesmo tão pequenas, me deram a maior força do mundo. Com um pequeno abraço, me fizeram acreditar em mim mesma!

Agradeço, com todo o meu amor, ao meu namorado Guilherme Halax. Sou grata por acreditar em mim e por todo auxílio que me deu quando mais precisei, sempre estando ao meu lado ao longo desses quatro anos e me motivando a seguir em frente.

Aos meus avós maternos: Marieta e Zico. Obrigada pelo incentivo, dedicação, paciência, orações e apoio emocional que sempre me deram. Pelos ensinamentos que colaboraram com o meu progresso. Obrigada por tudo!

À minha avó paterna Ione pela sua torcida, apoio e amor. E ao meu avô Ivan que hoje não se encontra entre nós, mas de onde estiver sei que sempre estará na torcida por mim.

Agradeço minha melhor amiga Susane Silva que sempre esteve comigo quando eu mais precisei, acreditando na minha capacidade e me dando forças para superar os obstáculos da vida.

Ao meu amigo de infância Matheus que, mesmo longe, se faz presente em minha vida me dando o maior apoio e torcendo sempre por mim.

Aos meus sogros Suelly e Baloo. Agradeço por todo o incentivo e carinho que tem comigo.

Às minhas amigas do ensino médio: Luisa, Cecília, Ludmilla e Bruna. A amizade e todo o apoio me fizeram forte.

Agradeço todos professores e professoras do curso. Agradeço pelos ensinamentos durante essa trajetória. A contribuição e carinho de todos é que me fez chegar até aqui.

Sou grata a todos que estiveram comigo durante este processo de aprendizado e muita dedicação. Sou privilegiada pelo apoio das pessoas que me cercam, sem me sentir sozinha durante as etapas da vida.

*Se temos mulheres em casa, cuidando dos seus sagrados deveres de família, temo-las também, entre outras modalidades da vida, nos bancos acadêmicos, nos esportes, no comércio, no sacerdócio da medicina e da advocacia, no jornalismo e nos mais altos departamentos da administração pública.*  
*(Grace Machado, 1928)*

## RESUMO

O sertão goiano, durante o século XX, foi alvo de um olhar estereotipado que o definiu como atraso e decadência, refletindo na visão sobre os sertanejos/as como incapacitados e incivilizados. As mulheres goianas enfrentaram uma série de desafios e foram inferiorizadas por muito tempo, sendo discriminadas pelo seu gênero e sua região. A sociedade da época era marcada por uma estrutura patriarcal que resultava na marginalização e subordinação das mulheres em diversas esferas da vida, negando seus protagonismos e atuações ao longo do tempo. No sertão goiano, devido a essa cultura tradicional e conservadora, as vozes das mulheres sertanejas não eram ouvidas e tampouco reconhecidas. Ainda assim, houveram àquelas que ousaram criticar o patriarcalismo vigente, como a escritora goiana Graciema Machado de Freitas (Grace Machado) que, por meio da literatura, contribuiu para o crescimento do feminismo em Goiás. A pesquisa buscou encontrar informações biográficas e obras literárias da escritora, discutindo suas atuações e contribuições entre a década de 20 e 80 no estado. Assim, a metodologia utilizada foi de pesquisa bibliográfica onde por meio de leituras de livros, textos e artigos promoveu o aprofundamento na temática. Além disso, ocorreu a pesquisa documental no Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central (IPEHBC) que permitiu o acesso aos jornais estudados no trabalho “O Lar” e “O Itaberahy”. A Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás (AFLAG) também permitiu o acesso a arquivos por meio de seus Anuários. Apesar de ter sido uma mulher ativa, feminista e intelectual, a trajetória de vida de Grace Machado não é lembrada e tampouco pesquisada. Analisar e destacar o seu percurso enquanto escritora feminista vai contra um sistema patriarcal que tenta invisibilizar e “apagar” as histórias das mulheres que lutaram/lutam pelos seus direitos.

**Palavras-chave:** Goiás. Sertão. Feminismo. Grace Machado.

## ABSTRACT

The backlands of Goiás, during the 20th century, were the target of a stereotypical look that defined it as backwardness and decadence, reflecting on the view of the backlanders as incapacitated and uncivilized. Women from Goiás faced a series of challenges and were inferior for a long time, being discriminated against due to their gender and region. Society at the time was marked by a patriarchal structure that resulted in the marginalization and subordination of women in different spheres of life, denying their roles and roles over time. In the backlands of Goiás, due to this traditional and conservative culture, the voices of country women were not heard or recognized. Even so, there were those who dared to criticize the current patriarchalism, such as the writer from goiana Graciema Machado de Freitas (Grace Machado) who, through literature, contributed to the growth of feminism in Goiás. The research sought to find biographical information and literary works about the writer, discussing her actions and contributions between the 1920s and 1980s in the state. Thus, the methodology used was bibliographical research where, through readings of books, texts and articles, it promoted deeper understanding of the topic. Furthermore, documentary research took place at the Institute of Research and Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central (IPEHBC) which allowed access to the newspapers studied in the work “O Lar” and “O Itaberahy”. The Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás (AFLAG) also allowed access to archives through its Yearbooks. Despite having been an active, feminist and intellectual woman, Grace Machado's life trajectory is neither remembered nor researched. Analyzing and highlighting her journey as a feminist writer goes against a patriarchal system that tries to make invisible and “erase” the stories of women who fought/fight for their rights.

**Keywords:** Goiás. Sertão. Feminism. Grace Machado.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> Graciema Machado de Freitas Fonte: Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, cadeira nº15.....	23
<b>Figura 2</b> Posse da Poetista Augusta Faro Fleury de Melo na cadeira nº15, 1986. Fonte: Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, Anuário 1986.....	33
<b>Figura 3</b> Ata da Fundação da A.F.L.A.G, 1970 Fonte: Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, Anuário 1970.....	95



## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1. O SERTÃO GOIANO: OS PROTAGONISMOS DAS MULHERES SERTANEJAS NO SÉCULO XX.....</b>	<b>16</b>
<b>1.1: Grace Machado: a trajetória e o protagonismo de uma escritora goiana ....</b>	<b>22</b>
1.1.1: A Primeira Onda do movimento feminista em Goiás.....	33
<b>1.2: A subestimação das mulheres goianas: Reflexões sobre a ausência de estudos e reconhecimento da escritora Grace Machado. ....</b>	<b>38</b>
<b>2. O LEGADO DE GRACE MACHADO: LITERATURA E MEMÓRIA.....</b>	<b>43</b>
<b>2.1 As escritas de Grace Machado no jornal “O Lar” (1926-1932).....</b>	<b>48</b>
<b>2.2As escritas de Grace Machado no jornal “O Itaberahy” (1926-1930) .....</b>	<b>61</b>
2.2.1 O sertão sob o olhar de Grace Machado .....	73
2.2.2 Temas diversos.....	88
<b>2.3 Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás (AFLAG): Anuários 1970-1972 .....</b>	<b>93</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>101</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>104</b>

## INTRODUÇÃO

O sertão goiano durante a primeira metade do século XX, foi submetido a uma condição de desvalorização e inferioridade que o relegou à invisibilidade. Esse fenômeno foi impulsionado por uma confluência de fatores socioeconômicos, políticos e culturais, os quais convergiram para marginalizar e subestimar o sertão de Goiás, fruto de um pensamento colonizador que definiu os sertanejos como subalternos.

A autora Spivak, em sua obra “Pode o subalterno falar?” (1985), define o significado de subalterno onde reflete sobre como os indivíduos subalternizados têm suas vozes subjugadas, são retratados e silenciados nos discursos dominantes. Spivak analisa como as estruturas de poder e controle dificultam ou mesmo impossibilitam que essas vozes subalternas sejam ouvidas. Ela questiona se é realmente possível para o subalterno, aquele que está marginalizado social e politicamente, ter uma voz autêntica e ouvida<sup>1</sup>. Nesse sentido, reflete-se que os sertanejos/as foram subalternizados na medida em que foram alvo de olhares estereotipados devido a sua região e cultura, além de que suas vozes foram silenciadas por um longo tempo.

Um dos principais aspectos que levaram ao desmerecimento do sertão goiano foi a concentração de poder e recursos nas áreas urbanas e litorâneas do país. A autora Lima (2013, p.76) reflete acerca da relação entre litoral e interior, sertão e litoral – considerando as opiniões e versões<sup>2</sup> em que apresentam o sertão com olhar negativo e como um atraso cultural. A autora retrata que independentemente de ser visto de forma positiva ou negativa, o sertão pode ser equiparado a outros lugares onde os desafios de um processo de desenvolvimento são percebidos, sendo alguns a favor desse avanço como algo inevitável, enquanto outros acreditam que há margem para escolhas nesse processo. Assim, o desenvolvimento industrial e urbano ocorreu principalmente nas regiões costeiras e nas grandes cidades, enquanto o sertão goiano ficou à margem desse processo. Torna-se importante discutir as visões que subestimaram o sertão goiano e a desconstrução da ideia de que a região estaria ligada apenas ao atraso e decadência.

As mulheres goianas do século XX não são destacadas e seus protagonismos permanecem ocultos, pois as mulheres sertanejas eram discriminadas pelo seu gênero e

---

<sup>1</sup> SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG (2010 [1985]).

<sup>2</sup> LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil*. São Paulo: Editora Hucitec, 2ª edição, 2013.

sua região haja vista que elas eram educadas para gerenciar e cuidar dos afazeres domésticos e atender as demandas dos seus lares “enquanto o homem era educado para a vida pública e política institucional, para o trabalho assalariado e bem pago” (Ribeiro; Longo, 2019, p.11). Assim, ao longo da história do estado de Goiás, a sociedade inferiorizava as mulheres e enaltecia os homens – considerando o gênero feminino como incapaz, enquanto o masculino competente.

Diante de uma sociedade patriarcal, haviam mulheres que lutavam pelos seus direitos e resistiam às inúmeras formas de opressão – seja por meio da literatura, política ou educação. Dentre estas mulheres, encontramos a escritora Graciema Machado de Freitas (Grace Machado) que, por sua vez, enquanto mulher goiana trouxe maior visibilidade feminina na época onde publicou em jornais renomados as suas escritas – defendendo os direitos das mulheres e apoiando o feminismo. Mesmo com publicações e escritas em seu tempo, a diversidade de temas tratados por Grace Machado nunca foram abordados e analisados em pesquisas e trabalhos acadêmicos atuais, afinal, devido ao patriarcalismo existente “mesmo com todas as dificuldades e amarras relativas ao seu gênero, muitas mulheres foram capazes de escrever, mas suas obras foram esquecidas no tempo (Romanelli, 2014, p.15).

Tendo em vista que o estudo gira em volta de uma época em que o patriarcado é vigente, torna-se necessário entender o conceito e concepção de patriarcado. A autora Souza expõe que o termo *patriarcado* é um sistema e organização social que está relacionado a dominação, violência, exploração e poder, destacando que representa uma estrutura familiar, social, política e econômica “onde tudo é submetido ao patriarca, senhor das coisas, da vida e da morte, impondo a monogamia feminina, a patrilinearidade e a propriedade privada dos seres e das coisas” (2021, p. 62). A autora debate, além disso, sobre a monogamia feminina e explica de que forma ela é utilizada como forma de controle, domínio de exploração do homem sob o corpo feminino, “legitimando o sexo violento e violentador, o estupro destro das relações legalizadas pelo Estado” (Souza, 2021, p.62).

A consequência do patriarcado é, sobretudo, a relação de poder entre os gêneros e isso afeta não só a dinâmica conjugal, mas também outras relações de poder na sociedade: “poder, dominação, controle e exploração do homem sobre a mulher e todas as demais coisas, filhos, escravizados, agregados e animais.” (Souza, 2021, p. 62). Nesse sentido, o patriarcado presente no século XX está associado a crença de que os homens eram naturalmente superiores e que sua liderança e controle eram essenciais para a ordem

social. Como resultado, as mulheres enfrentaram várias formas de discriminação, onde o patriarcado era evidente nas relações de poder entre maridos e esposas e pais e filhas.

Apesar das dificuldades enfrentadas por ser mulher naquele tempo, Grace Machado foi uma mulher de privilégios na medida em que estava inserida na alta sociedade. Sua família, considerada elitizada, estava associada às questões políticas no interior em que viviam, o município de Jaraguá. A autora Soihet discute que as lutas das mulheres para conquistar os seus direitos dependem de determinados fatores onde “explicam-se as lutas diferenciadas, desenvolvidas pelas mulheres para obtenção dos citados direitos de acordo com uma série de variáveis, como tempo, lugar, classe social, etnia etc” (2008, p.192).

Assim, o trabalho discute o fato de Grace Machado e demais mulheres brancas e elitizadas tinham livre acesso à educação, literatura e demais privilégios. As suas atuações contribuíram para o crescimento do feminismo no estado, afinal suas obras discutiam claramente sobre o movimento feminista local e regional. A autora Ergas aborda sobre a definição do feminismo, pontuando que “o termo feminismo indica um conjunto de teorias e de práticas historicamente variáveis em torno da constituição e da legitimação dos interesses das mulheres” (1994, p.590). Assim, essa luta inclui questões como direitos políticos, sociais, econômicos e culturais, buscando uma sociedade mais justa e igualitária independentemente do gênero.

Soihet discute as lutas das mulheres para conseguir desfrutar dos mesmos direitos que os homens, onde através do feminismo, durante o final do século XIX e primeiras décadas do século XX, a lutas das feministas predominou em “direitos sociais, em termos de leis de proteção ao trabalho feminino, no tocante às questões da discriminação sexual, da licença maternidade, de igualdade salarial etc” (2008, p. 192).

A construção e predominância de uma sociedade patriarcal no decorrer da história de Goiás, refletiu-se nos estudos sobre a trajetória de vida e o legado da escritora Grace Machado, onde suas obras não são lembradas e tampouco reconhecidas. Esse cenário torna-se motivo de ressaltá-la e estudá-la, afinal é de se admirar que uma mulher goiana que atuou como professora, escritora e diretora não tem sido pesquisada. Assim, o principal objetivo dessa pesquisa é protagonizar e lembrar sua trajetória e suas narrativas de maneira que ressalte suas vivências no sertão de Goiás, afinal, por que uma mulher sintonizada com as demandas do seu tempo não é lembrada?

Percebe-se que “pouco existe de registro da educadora, jornalista, escritora e defensora dos direitos femininos, como o direito ao voto” (Curado; Valdez, 2017, p. 253).

Com isso, o foco do trabalho é memorizar a sua trajetória e mostrar a sua intelectualidade exercida na década de 20 do século XX enquanto mulher, escritora e sertaneja.

A compreensão do conceito de *memória* e *rememorar* está relacionado a forma que a pesquisa releva a historiografia na contemporaneidade. A palavra memória está relacionada a lembrar, guardar e recordar. Segundo o autor Pollak (1992), a memória é um fenômeno construído socialmente e individualmente e, nesse sentido, a memória relembra eventos e experiências<sup>3</sup>. O conceito de rememorar está associado ao ato de recordar ou lembrar do passado – sendo que esse processo auxilia na construção da memória. Assim, a pesquisa espera recuperar memórias sobre as vivências, os protagonismos e narrativas da escritora Grace Machado.

A autora Delgado reflete sobre tempo, memória e identidades<sup>4</sup> onde explica que tempo e memória são fontes de ligação, afinal “a memória por sua vez, como forma de conhecimento e como experiência, é um caminho possível para que sujeitos percorram a temporalidade de suas vidas” (2003, p.16). A memória é um elemento que reconstrói o conhecimento e contribui para a compreensão do passado.

O tempo da pesquisa é a contemporaneidade e tem como objetivo evidenciar vivências e narrativas da escritora goiana Grace Machado, onde “a narrativa contém em si força ímpar, pois é também instrumento de retenção do passado e, por consequência, suporte do poder do olhar da memória” (Delgado, 2003, p.22).

Em primeiro momento, é discutido, analisado e contextualizado o sertão goiano, abordando as visões negativas impostas sob a região durante o século XX. Além disso, é evidenciado as visões positivas a respeito do sertão, desconstruindo a ideia de que a região está ligada apenas ao atraso e os sertanejos/as são incapacitados/as. Assim, é refletido sobre os protagonismos das mulheres goianas, ou seja, suas dificuldades e enfrentamentos perante uma sociedade patriarcal.

Em seguida, é pontuado a biografia de Grace Machado, destacando o lugar em que viveu, aspectos sobre sua família, sua importância e o início de sua jornada no campo da literatura e educação. Por ser uma escritora privilegiada em relação a outras mulheres desta época, é discutido e caracterizado a chamada “primeira onda” do movimento feminista – abordando o crescimento do feminismo no estado de Goiás. Para entender o reflexo do patriarcado construído desde séculos passados nos dias atuais, é analisado em

---

<sup>3</sup> Pollak, Michael. Memória e identidade social. **Revista estudos históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

<sup>4</sup> Delgado, L. A. N. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. *Revista da Associação Brasileira de História Oral*, n. 6, p. 9-25, 2003.

um único tópico a falta de estudos sobre a escritora, haja vista que mesmo se tratando de uma mulher branca, elitizada e intelectual, sua trajetória não tem sido reconhecida.

No segundo capítulo, num primeiro momento, é pontuado o legado literário de Grace Machado. Utilizando a literatura para expor suas opiniões, capacidades e intelectualidades, a escritora não tinha medo de assinar suas obras com o próprio nome. Assim, são discutidas as produções literárias das mulheres daquela época e a utilização de pseudônimos literários.

As escritas de Grace Machado que debatia sobre o feminismo foram colocadas, por muitas vezes, de forma irônica. Nesse sentido, para compreender algumas de suas obras, torna-se necessário entender o conceito do estilo literário irônico. A autora Duarte (1989, p.95) discute que a ironia não se limita apenas a dizer algo sem expressá-lo diretamente, mas vai além, transmitindo mensagens mais complexas e profundas do que aparentam à primeira vista. Nesse sentido, a ironia é vista como uma forma de expressão mais conectada ao intelecto do que aos sentidos, sendo reflexiva e consciente<sup>5</sup>.

O estilo literário irônico se caracteriza pelo uso sutil e muitas vezes humorístico da ironia para expressar ideias, críticas ou observações. Ele envolve uma discrepância entre o que é dito e o que realmente se quer comunicar, muitas vezes utilizando o sarcasmo ou a subversão do significado literal das palavras para transmitir uma mensagem mais profunda ou oposta à aparente. As mulheres do século XX, como Grace Machado, utilizavam a escrita irônica para refletir e criticar o patriarcado, haja vista que eram restringidas nos campos políticos e sociais.

São utilizados como base os jornais *O Lar* (1926) e *O Itaberahy* (1926), caracterizando os periódicos e pontuando os escritos publicados por Grace Machado. É importante destacar que embora o trabalho tenha inúmeras obras da escritora, há ainda muitos escritos de sua autoria em outros jornais da época, como *O Araguay*, *Voz do Povo*, *Nôvo Horizonte*<sup>6</sup> etc.

Após afastar-se da literatura, na década de 30, devido aos encargos de família, Grace Machado retorna ao campo literário na década de 60, colaborando com a fundação da Academia Feminina de Letras e Artes em Goiás (AFLAG) ocorrida em 1969. Assim, no último tópico é caracterizado a fundação da AFLAG e apresentado as obras deixadas por Grace na academia, haja vista que esses escritos foram feitos em outra década, ou

---

<sup>5</sup> DUARTE, Lélia Parreira. Ironia, revolução e literatura. *Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura*, n. 22-24, p. 92-113, 1989.

<sup>6</sup> Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, Anúário 1970, Cadeira n°15, p.90.

seja, momento em que o estado se encontra mais modernizado e desenvolvido tecnologicamente.

Este trabalho é uma reflexão e um olhar a respeito dos protagonismos das mulheres goianas, uma vez que suas trajetórias têm sido esquecidas no tempo. Sendo assim, destacar e reviver Grace Machado é reconhecer o seu protagonismo como escritora e sua contribuição para a expansão das pautas do feminismo em Goiás nas primeiras décadas do Séc. XX.

Para alcançar os propósitos da pesquisa, realizou-se a busca por fontes históricas que abordassem informações a respeito da vida e obra da escritora Grace Machado. Assim, foi feita a pesquisa no Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central (IPEHBC), onde foi encontrado os jornais O Lar e O Itaberahy. Além disso, ocorreu a pesquisa na Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás (AFLAG), onde foi encontrado as últimas obras de Grace Machado e dados biográficos da escritora. Realizou-se também leituras e análises de autores/as que debatem a respeito da temática, como Mary Del Priore, Joana Maria Pedro, Rachel Soihet, Simone de Beauvoir, Virgínia Woolf e dentre outras autoras que estudam a história das mulheres e a categoria gênero. Além disso, o estudo utilizou obras de autores que debatem o olhar sobre o sertão, sobretudo o sertão goiano, como Nasr Chaul, Nísia Trindade e Paulo Brito. Outros autores foram Michael Pollak e Lucilia Delgado que trazem discussões a respeito de memória.

## 1. O SERTÃO GOIANO: OS PROTAGONISMOS DAS MULHERES SERTANEJAS NO SÉCULO XX

*Eu falo por mim e sei que minha palavra terá repercussão no espírito de muitas outras, cuja inteligência aguçada se prepara antecipadamente para irmos às urnas e sagrarmos nosso Presidente: que as mulheres ajudarão a eleger o presidente que, bem escolhido, saberá elevar o nome de Goiás aos pináculos do desenvolvimento, tornando-o conhecido nas rodas brasileiras. Eu serei eleitora. Eu também reclamo o direito de votar.<sup>7</sup>*

O historiador Chaul (2011)<sup>8</sup> examina a história de Goiás a partir do declínio do ciclo aurífero, destacando a construção de um estigma de decadência que impregnou as análises sobre a região. A visão de que o estado de Goiás estaria ligado ao “atraso” e “decadência” perpetuou por um longo período onde só mais tarde, com o processo de modernização, introduziu-se uma nova perspectiva de progresso. Assim, revela-se como estratégia superar a estigmatização anterior e posicionar o estado como parte ativa do desenvolvimento nacional. Essa mudança na narrativa de que o estado está associado ao atraso não apenas redefiniu a percepção de Goiás, mas também refletiu uma transformação nas representações simbólicas e culturais de Goiás.

Nas primeiras décadas do século XX o estado de Goiás ainda tinha como prevalência a zona rural e não apresentava crescimento tecnológico e industrial como os outros estados do Brasil, sendo que “alguns dos motivos para que isso ocorresse era a baixa densidade populacional e a falta de estradas que deixava o estado desconectado do restante do país” (Haddad, 2016, p. 72). A partir da década de 30 é que a região deu início de fato ao seu crescimento e modernização. Destaca-se que, ao longo desse tempo, a

---

<sup>7</sup> Escrito por Grace Machado em sua obra “Sursum Corda”. JORNAL O LAR, Cidade de Goiás: 15/01/1928, p. 3.

<sup>8</sup> CHAUL, Nasr Fayad. A identidade cultural do goiano. Ciência e Cultura, v. 63, n. 3, jul. 2011.



região era ignorada e invisibilizada na medida em que se tratava de um sertão, ou seja, o sertão goiano.

O estado de Goiás nas primeiras décadas do Séc. XX era caracterizado como sertão. O conceito de sertão é muito mais abrangente do que podemos imaginar. Os sertões brasileiros eram percebidos como inferiores e sem capacidade de progresso, sendo alvo de um olhar estereotipado. Por estar relacionado a zona rural, a população goiana era reputada pelas suas vestimentas, seu vocabulário, o seu jeito “caipira de ser” – sendo julgada com o olhar de intolerância. Os sertanejos eram adaptados a uma vida rural, simples e da roça e, portanto, eram vistos como atrasados e isolados. Na passagem do século XIX para o século XX, a palavra sertão foi subalternizada<sup>9</sup>: “a solidão, a miséria, o analfabetismo universal, o abandono completo dessa pobre gente, devastada moralmente pelo obscurantismo...” (Neiva; Pena, 1999, p. 220-221). A autora Lima, em sua obra “Um sertão chamado Brasil”, discute o nation-building<sup>10</sup> onde o conceitua e o relaciona com as visões gerais sobre o conceito de sertão no Brasil:

A representação do processo de nation-building apresentou como um dos seus eixos centrais o dualismo entre o litoral e o sertão presente em toda uma tradição de estudos que teve como objeto o homem das regiões interioranas – quer este fosse identificado como sertanejo, caboclo ou caipira (Lima, 2013, p.50).

A autora relaciona sertão, litoral e o nation-building. A partir de sua análise, questiona-se o por que a ideia de contraste entre o Brasil do litoral e o dos sertões é tão presente no pensamento social do país. Baseando-se neste questionamento, a autora Lima (2013, p. 62) discute que “no caso brasileiro, sertão e litoral podem ser vistos como imagem espaciais e simbólicas que guardam estreita relação com esta ideia de dois tipos de ordem social”.

Assim, discute-se o pensamento dualista entre litoral e sertão: por um lado, havia a percepção de uma nação atrasada, doente, abandonada, isolada e considerada incivilizada, especialmente em suas áreas interioranas. Por outro lado, havia a concepção de uma região litorânea em pleno progresso, intelectualmente desenvolvida e considerada civilizada (Lima, 2013). Reflete-se que a ideia de contraste entre litoral e sertão está

---

<sup>9</sup> O termo e conceito de subalternizada é discutido na introdução

<sup>10</sup> O termo nation-building traduzido para o português significa “Construção de nação” e, sendo assim, a autora Lima (2013) aponta o nation-building relacionado ao conceito sertão na medida em que o termo reflete sobre a construção das identidades e os desenvolvimentos sociais e políticos no sertão, além de analisar as visões positivas e negativas das regiões sertanejas no Brasil.

enraizada em representações culturais e literárias que foram perpetuadas ao longo do tempo.

Percebendo a visão positiva, o sertão foi romanticamente idealizado como um lugar de tradição e autenticidade por muitos autores, principalmente na literatura de José de Alencar em seu romance “O sertanejo” (1875).<sup>11</sup> O objetivo do escritor no romance é retratar o sertão brasileiro, suas paisagens, desafios e o modo de vida do sertanejo. Alencar busca canonizar as características do homem do interior, seu cotidiano, seus valores e coragem diante das dificuldades vivenciadas por ele. A obra, além disso, busca explorar a formação da nação brasileira, ressaltando a cultura e a força do povo sertanejo na construção do Brasil.

Da tentativa do autor de “apagar o deserto”, ou conciliar fantasia e realidade, o olhar europeu e o olhar autóctone, e principalmente em valorizar, simultaneamente, a liberdade do brasileiro comum e o poder patriarcal e aristocrático, surge uma face do romance extremamente perturbadora, peculiar e difícil, que merece ser olhada com mais cuidado (Scheidt, 2010, p.337).

Nesse sentido, a ideia de nation-building<sup>12</sup> se agrega em uma relação entre a construção nacional e a experiência histórica e cultural do sertão goiano. Segundo a autora Lima (2013) essa imagem do sertão como região carente e atrasada teve um impacto significativo na construção nacional brasileira, uma vez que contribuiu para a formação de uma identidade nacional que valorizava o progresso, a modernidade e a urbanização em detrimento das culturas e modos de vida mais tradicionais em que os estados mais desenvolvidos possuíam nesta época:

Por mais imprecisa que seja a definição espacial e social do sertão, boa parte dos intelectuais que se voltam para o tema focaliza, de forma positiva ou negativa, a camada intermediária das áreas rurais brasileiras – a dos ‘homens livres na ordem escravocrata’, a dos

---

<sup>11</sup> ALENCAR, José de. O sertanejo: romance brasileiro, v.1 e 2. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1875.

<sup>12</sup> A autora Lima (2013) destaca um ponto importante que ajuda a entender a ideia de nation-building e, conseqüentemente, relacionar com o sertão goiano: a identidade nacional. É importante destacar que é necessário valorizar e preservar as tradições, costumes e saberes do sertão goiano no processo de nation building, reconhecendo a sua importância para a formação da identidade brasileira, sem que haja exclusão da cultura e região do sertão goiano – o que se tornou um enfrentamento no decorrer do século XX.

vaqueiros, barqueiros, tropeiros, pequenos sitiantes, agregados e parceiros – vista, muitas vezes, como partícipe de um mesmo universo cultural e de um modo de vida pré-capitalista (Lima, 2013:282).

A autora desenvolve um diálogo intelectual que explica a formação nacional, investigando a dicotomia entre sertão e litoral, e analisando suas representações ao longo do tempo. A necessidade de transcender essa visão simplista influencia na compreensão da riqueza e da diversidade intrínseca a cada uma dessas regiões, tanto no contexto histórico quanto nos tempos atuais. Diante disso, destaca a importância de superar a oposição simplista entre sertão e litoral, buscando interpretar a complexidade e a diversidade presentes no sertão.

Tendo em vista o fato de que os discursos nas civilizações “apoiado pela ciência, tinha que condenar os sertanejos à marginalidade e submissão, e que se rendessem à perseguição e ao extermínio” (Zilly, 1999, p.150), a autora Lima (2013) evidencia sua complexidade, riqueza cultural e potencialidades, contrapondo-se à visão simplista e depreciativa que historicamente tem prevalecido sobre o sertão onde questiona que “o problema da historicidade da vida social em uma análise fina que busca esclarecer as conexões de sentido engendradas no processo histórico-social entre categorias e relações sociais nas interpretações do Brasil” (Botelho, 2015, p.1509).

O cenário sertanejo em Goiás refletia os traços típicos do ruralismo brasileiro, com suas vilas, lavouras e fazendas. Nesse sentido, a população sertaneja, ainda que no processo de progresso, era subalternizada por outros estados do país – tentando fazer com que a sua história e sua cultura caísse no esquecimento. Porém, é importante desconstruir essa ideia de que o sertão está ligado à inferioridade.

O interior e o mundo rural são frequentemente marginalizados em comparação com os centros urbanos – influenciando na visão de que os sertanejos eram caipiras, sem o refinamento das pessoas que vivem nas grandes cidades. A autora Leitão analisa os olhares sob o estado de Goiás que se estendeu durante o século XIX e XX:

foi considerada como sendo área ligada predominantemente ao campo, ao sertão, regiões tradicionalmente entendidas como lugares desertos, sem urbanização, distantes dos centros dinâmicos e civilizados, onde a população adotou formas peculiares de existência (Leitão, 2012, p. 128).

Ao estudarmos a história e a sociedade do sertão goiano nesta época, logo, indagamos: onde estão as mulheres neste contexto histórico? Por que os estudos das mulheres foram, por um longo tempo, ignorados e “apagados” das memórias da história de Goiás? Notamos que as histórias de vida, os protagonismos e as contribuições das mulheres não são e tampouco estão apagadas e sim são ocultadas, afinal a história das mulheres e dos estudos de gênero são iniciativas de caráter isolado (Costa, 2004). Devido a uma estrutura patriarcal que busca apagar o papel das mulheres para exaltar a posição dos homens, mantem-se por muito tempo uma “tradição” que retrata as mulheres como incapazes, enquanto os homens são qualificados e competentes. Esse cenário reflete de maneira mais intensa nas mulheres do sertão goiano, onde há a desvalorização e subestimação impulsionada por visões estereotipadas que as categorizam pelo fato de serem mulheres e sertanejas.

As mulheres do século XX, em sua maioria, só podiam ter uma prioridade: encarregar-se das tarefas domésticas, obedecerem aos seus pais/maridos e cuidar dos seus filhos. Elas eram privadas de expressar suas opiniões, enfrentavam limitações para integrar o mercado de trabalho e eram excluídas de participar ativamente em assuntos políticos.

Destaca-se que é desafiador estudar a vida dessas mulheres, já que, em suas épocas, eram impedidas de narrar suas próprias histórias e expressar suas opiniões, sendo que “...era exigida a abstenção de qualquer atitude que pudesse macular a sua imagem, a de seus pais ou a de seu marido. Sua pessoa era constantemente vigiada e posta à análise da sociedade” (Souza, 2012, p.07).

Ainda assim, haviam aquelas que tentavam conquistar o seu lugar na sociedade de sua época e, mesmo com dificuldades, lutavam contra as variadas formas de opressão. Na primeira metade do século XX, por exemplo, haviam professoras, escritoras e musicistas que traziam, de certa forma, maior visibilidade para as mulheres goianas. As que gozavam destas oportunidades, geralmente, eram de famílias mais ricas onde seus pais ou maridos possuíam autoridade e influência política ou social. Infelizmente, aquelas que ainda residiam na roça cuidando dos/as filhos/as e gerenciando as tarefas domésticas não tinham sua vontade respeitada, afinal “...era intenção masculina demarcar posições: Ele, o sexo forte, viril, possuidor de autoridade, respeito e dotado de razão. Ela, o oposto, o sexo frágil, destinada à submissão” (Souza, 2012, p. 03).

Em Goiás, na década de 20 do século XX, deu-se início ao crescimento do feminismo onde as mulheres começaram a exigir seus direitos. Nesse período, as

mulheres passaram a ser alvo de críticas nos jornais e revistas, com matérias que depreciavam sua imagem e papel na sociedade. Isso visava obstruir a conquista de sua liberdade e a garantia de seus direitos. Com isso, surgiu-se zombarias e sarcasmos dos homens e até mesmo de algumas mulheres da época:

Crônicas sobre a inversão dos papéis, charges ridicularizando o movimento para a emancipação feminina e até caricaturas maldosamente desenhadas sobre tipos feministas eram, frequentemente, vistas nos meios de comunicação com o objetivo de deter uma possível liberdade feminina tida como incompatível com o ideal de beleza, meiguice e resignação, características tomadas como naturais da mulher... (Souza, 2012, p. 4).

A emancipação feminina ocorreu de forma lenta na sociedade goiana, afinal, se tratava de um local que priorizava o homem como proeminente. Na década de 30, com o crescimento do estado de Goiás e o surgimento de Goiânia, alguns jornais apoiavam os direitos das mulheres, especialmente o sufrágio feminino, enquanto outros tentavam impedir esse avanço: “questionavam a entrada (principalmente das mães) no mercado de trabalho e que vetavam a inclusão da mulher na política” (Freire, 2013, p.34).

Ainda que na década de 20 haviam mulheres que tentavam ter voz por meio da imprensa em Goiás, só na década de 30 que houve de fato uma maior conquista de direitos e visibilidade. O processo foi lento, sobretudo, para aquelas que não tinham acesso à informação, tecnologia e viviam nas áreas rurais. A autora Diniz (2013, p.29) reflete que “na década de 1920, a participação das mulheres na esfera pública, sobretudo da elite, se fazia por meio da organização de atividades sociais, intelectuais e culturais”. Ou seja, as mulheres mais elitizadas desfrutavam de maiores privilégios, enquanto as mulheres da zona rural eram mais silenciadas e não tinham apoio – estando sujeitas a violência física, abusos psicológicos e sexuais, além de realizarem trabalhos árduos no campo. Contudo, haviam jornais que começaram a defender, mesmo que discretamente, os direitos das mulheres:

Com o movimento republicano, e, posteriormente, Proclamação da República, são formadas as primeiras ligas femininas com um duplo objetivo: ampliar a participação da mulher na esfera pública e divulgar as formas e os modelos de comportamento considerados exemplares para a mulher moderna. Datam desse período as primeiras manifestações em Goiás em torno da criação dessas ligas, divulgadas pelo jornal A Rosa e, mais tarde, pelo folhetim O Lar, que expressavam a luta a favor do progresso feminino (Ribeiro, 2001, p. 53)

Aos poucos e com inúmeros obstáculos, as mulheres foram adquirindo sua liberdade e seu espaço na sociedade. A ação, o protagonismo e as conquistas, ainda que lentas, foram rompendo a dominação masculina e o lugar dos homens de exclusividade nos espaços públicos.

### **1.1: Grace Machado: a trajetória e o protagonismo de uma escritora goiana**

A historiadora e escritora Mary Del Priore, em seu livro “História das mulheres no Brasil”<sup>13</sup> (1997), destaca a importância de compreender o papel das mulheres na sociedade que muitas vezes é negligenciado ou subestimado pela historiografia tradicional. Em sua obra, Priore destaca os diversos aspectos da experiência feminina, desde as mulheres indígenas e negras até as elitizadas e intelectuais, explorando aspectos como trabalho, família, sexualidade, educação, entre outros. Ela destaca que a história das mulheres “é a história do seu corpo, da sua sexualidade, da violência que sofreram e que praticaram, da sua loucura, dos seus amores e dos seus sentimentos” (Priore, 1997, p.07).

Na história do estado de Goiás houve mulheres intelectuais que utilizaram da literatura e educação para serem reconhecidas, porém, suas obras e trajetórias têm sido relegados ao esquecimento. Dentre as mulheres intelectuais goianas do século XX, Graciema Machado de Freitas foi umas delas. Suas escritas e sua personalidade de mulher ousada impactou e incomodou a sociedade, sendo um dos motivos para que sua trajetória não tem sido estudada. A ousadia de Grace é mostrada em suas próprias palavras, onde percebe-se os seus posicionamentos ditos com firmeza.

A escritora Graciema Machado de Freitas era conhecida e referida na época como *Grace Machado*, onde “pseudônimo literário, a professora, diretora, escritora e feminista – dentro do tempo em que viveu – é nome de rua e de uma Fundação de Assistência Social em sua cidade natal” (Curado; Valdez, 2017, p. 253). Destaca-se no Anuário de 1970 da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás (AFLAG) que Grace Machado também utilizou o pseudônimo “Isis”.

---

<sup>13</sup> PRIORE, Mary Del (Org). História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto/Unesp, 1997.



**Figura 1** Graciema Machado de Freitas Fonte: Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, cadeira nº15.

Nascida na cidade de Jaraguá no dia 12 de dezembro de 1906, Grace Machado vivenciou o interior de Goiás, mas vinha de uma família socialmente e economicamente bem estruturada para a época. Seu pai, Manoel Ribeiro de Freitas Machado<sup>14</sup>, era um homem sociável e de classe mais alta em que vivia no interior de Jaraguá na década de 20 do século XX. Devido a isso, Grace Machado possuía privilégio por ter espaço e voz em uma sociedade que subestimava as mulheres, mas ainda assim enfrentava algumas críticas da imprensa que tentava desqualificá-la.

as mulheres que viviam no interior goiano eram isoladas por um determinismo geográfico e só mesmo com muita argúcia e dedicação elas conseguiam romper as difíceis barreiras, pois as comunicações eram escassas (Curado, 2010, p.02).

As vivências e as escritas de Grace Machado priorizavam, na maioria das vezes, defender os espaços das mulheres. A forma que expressava seus sentimentos, emoções e opiniões era por meio da literatura. Suas obras literárias favoreciam os direitos das mulheres e, por isso, percebe-se que pelos seus posicionamentos ideológicos e políticos para a época, Grace Machado soube perceber as demandas do seu tempo e com coragem, intelectualidade e personalidade, ousou criticar o patriarcado<sup>15</sup> vigente em Goiás. O autor Curado destaca o estilo literário da escritora Grace Machado:

Escritora de estilo versátil, polifônica, com imagens fortes, versáteis. Ricas eram suas produções que focalizavam ângulos vários, fixando-se ora no histórico, ora no econômico - político-social. Não era apenas

<sup>14</sup> Manoel Ribeiro de Freitas Machado, casado com Leonor Gomes Machado – cuja dessa união tiveram Grace Machado (sétima filha do casal) – era um homem progressista e de influência política que ocupou importantes cargos como superintendente na cidade de Jaraguá (Curado, 2010).

<sup>15</sup> O conceito de patriarcado encontra-se na introdução do trabalho.

uma "moça romântica e sonhadora" no coração geográfico do Brasil dos anos de 1920. (Curado, 2010, p. 02).

Defensora do feminismo<sup>16</sup> e de uma autonomia intelectual crítica, destacava que as mulheres eram capazes de exercer as mesmas posições e usufruírem dos direitos dos homens – as vezes ironicamente e as vezes diretamente. Este fato chocava a sociedade da época, mas por um lado positivo dava maior ênfase e visibilidade às mulheres, no qual o seu nome e seus escritos estavam evidentes em jornais da época “assinando artigos, crônicas, contos, tudo maravilhosamente elaborado, com português bem construído em estilo cristalino” (Curado, 2010, p. 02). Suas escritas eram destacadas ao público tanto do estado de Goiás como também em outros estados do país como São Paulo e Rio de Janeiro:

Suas páginas eram vistas, porque solicitadas, nos principais periódicos de então: O Lar, da cidade de Goiás, fundado em 1926, por Oscalina Alves Pinto; O Itaberaí, da cidade do mesmo nome, e de propriedade de Arthur Pinheiro de Abreu; O Araguaary, do Triângulo Mineiro; Goyaz Acadêmico, de Belo Horizonte, dirigido pelo goiano Valporê de Castro; Novo Horizonte, de Catalão, de propriedade de Zoroastro Artiaga; Voz do Povo, da então Capital do Estado e dirigido pelo Dr. Augusto Jungmann, sem se falar em revistas de outros estados (Curado, 2010, p. 02-03).

A historiadora e professora Soihet debate que a presença de conduta das mulheres em papéis que eram considerados dos homens tinha como consequência uma forte oposição masculina: “A reação masculina às reivindicações femininas de participação em espaços e no desempenho de papéis considerados privativos dos homens vinha de longa data, manifestando-se na religião, nas leis e costumes” (2011, p.192).

É observado que havia contraposição das próprias mulheres em relação àquelas que apoiavam o feminismo e lutavam por justiça – intensificando o receio ao movimento feminista: “constantemente reatualizadas de beleza, meiguice, delicadeza, paciência, resignação, o que não poucas vezes leva mulheres a rejeitar sua inserção no feminismo e até a combatê-lo” (Soihet, 2008, p.193).

Quando Grace Machado e outras escritoras da época aderiam aos discursos feministas e tentavam se impor contra o patriarcado, a população goiana reagia de forma negativa na tentativa de extinguir tais demonstrações de resistência. Mesmo sendo de uma família com melhores condições sociais e financeiras na época, a escritora ainda

---

<sup>16</sup> É discutido na introdução sobre feminismo.



enfrentava as dificuldades por ser mulher e, devido a isso, indagamos: e quanto as mulheres que não possuíam condições sociais e financeiras? Elas enfrentavam uma série ainda maior de restrições devido às suas condições socioeconômicas e culturais.

Grace Machado era uma mulher possuidora de conhecimento, modesta, curiosa e viajante: “apreciadora de viagens, Grace Machado conheceu a Europa, América, Alemanha e Argentina. De espírito calmo, católica praticante era caridosa e amiga dos humildes” (Curado, 2010, p.04). As condições em que se encontrava e a família elitizada que possuía influenciou nas oportunidades que surgiam a ela. Por meio de suas inúmeras viagens realizadas – algo inverossímil para uma mulher entre a década de 20 e 40 em Goiás – pode-se dizer a escritora era portadora de conhecimentos culturais e sociais não apenas de Goiás, mas também de outros estados e países no século XX.

Nesse sentido, o acesso a outros costumes, práticas e estudos a motivou escrever sobre as mulheres e defender a conquista de seus direitos, afinal “nessa época, já colaborava com jornais como O Itaberay, O Lar, O Paratodos, O Jornal, além de revistas cariocas e jornais de São Paulo” (Curado, 2010, p.03).

Além de ter sido uma influente escritora, também atuou como professora e diretora aos 21 anos de idade do Grupo Escolar de Jaraguá, criado pelo seu pai, no ano de 1927 (Curado; Valdez, 2017). Seus estudos foram nas cidades de Jaraguá, Pirenópolis e Cidade de Goiás em colégios considerados elitizados, como o Colégio Sant’Anna<sup>17</sup>. Segundo o autor Curado (2017) foi o colégio em que permitiu a sua entrada no mundo da literatura. Assim, Grace Machado formou-se no curso Normal na Cidade de Goiás em 1920:

Um diploma de normalista nos anos vinte, do século XX, tinha uma acepção valorosa no mundo feminino, pois significava a saída da mulher do ambiente doméstico para o mercado de trabalho. Foi o caso de Grace, que se formou no colégio da antiga capital no ano de 1920 com quatorze anos de idade e, diplomada, exerceu a função de professora em escolas primárias na cidade de Pirenópolis até se tornar a primeira diretora do Grupo Escolar de Jaraguá, assumindo este posto no ano de 1927, com idade de vinte e um anos de idade. (CURADO; VALDEZ, 2017, p. 254-255).

---

<sup>17</sup> “O Colégio Sant’Anna mantinha uma proposta de educação feminina sustentada por princípios religiosos, morais e sociais visando formar jovens educadas, polidas, cultas, caridosas obedientes, com a ressalva de que nem sempre o esperado é o resultado” (CURADO; VALDEZ, 2017, p.254).

Após sua formação, atuou como professora na cidade de Pirenópolis onde efetuou a sua docência por um determinado tempo. Em seguida, a escritora se dedicou ao grupo escolar criado pelo seu pai:

Seu pai, então, criou o Grupo Escolar de Jaraguá, ali lotando quatro professoras formadas, fato inédito para a época: Alice Santiago, Ester Campos, Dulce Gomes Pereira da Silva e *Graciema Machado*. Por sua competência e vasto conhecimento, foi diretora do referido grupo até 1930, ali realizando admirável trabalho pedagógico (Curado, 2010, p. 03).

Foi o primeiro grupo escolar criado no município de Jaraguá, onde Grace Machado foi a primeira diretora em 1927. O terreno utilizado para o grupo escolar foi ofertado por um morador da região onde possuía o objetivo de utilizá-lo apenas para meios educacionais (Curado; Valdez, 2017). O pai de Grace Machado não via problemas em inseri-la nos meios literários e educacionais e, diante disso, percebe-se que sua vida era privilegiada.

Os pais e os maridos da maioria das mulheres desta época controlavam o que elas poderiam ou não fazer, onde “a mulher é representada como um ser incompleto, que precisa do acompanhamento e cuidado constante de uma figura masculina” (Souza, 2017, p. 51). Portanto, as vozes de mulheres que ecoavam na luta por maior visibilidade e conquista de seus direitos vinham daquelas que tinham “permissão” para falar e espaço facilitado na sociedade, como Grace Machado:

O Grupo Escolar reuniu alunos de várias escolas isoladas existentes na área rural e urbana da cidade e tinha professoras formadas nomeadas para o cargo. Além de Graciema Machado, pode-se citar as normalistas Alice Santiago, Ester Campos e Dulce Gomes Pereira da Silva, raridade na época. (Curado; Valdez, 2017, p. 255)<sup>18</sup>.

Nota-se que o acesso das mulheres à educação nesta época contribuiu para a emancipação das mulheres em Goiás, onde protagonizaram suas capacidades e competências – transmitindo força às outras mulheres que ainda não possuíam poder de fala. Ainda na década de 1920, após formar-se e atuar como escritora e professora, Grace Machado casou-se com o seu primo e político Clotário de Freitas<sup>19</sup>, um homem público

<sup>18</sup> “No ano de 1933, o Grupo Escolar passou a se chamar Ruy Barbosa e, em 1936, recebeu o nome do doador do terreno: Manoel Ribeiro de Freitas Machado” (Curado; Valdez, 2017, p. 255)

<sup>19</sup> Clotário de Freitas nasceu em 12 de setembro de 1904, na cidade Jaraguá-GO. Faleceu em 21 de setembro de 1998 (Campos; Duarte, 2002).

e bem designado em Jaraguá no século XX. Fruto deste matrimônio, Grace Machado teve dez filhos:

Depois, absorvida, sem dúvida, pelos encargos de família, sobressaindo-se, dentre eles, a educação dos filhos, Grace afastou-se das lides literárias sem, entretanto, ser jamais esquecida por pesquisadores, embora inédita para a juventude goiana, por força de um cânone literário excludente e injusto (Curado, 2010, p.04).

Clotário de Freitas exerceu as profissões de farmacêutico e fazendeiro, mas possuiu maiores cargos na política. Casou-se com Grace Machado, foi prefeito de Jaraguá (1946-1948), Deputado Estadual e Secretário do Interior e Justiça do Estado de Goiás (Campos; Duarte, 2002). Mudou-se para Goiânia na década de 50, juntamente com sua esposa, devido ao seu cargo político como deputado (Curado; Valdez, 2017, p. 258-259).

Não há detalhes e informações sobre a relação da escritora com o seu marido, mas há relatos de que Grace Machado dedicou-se a sua família. Quando uma mulher possuía filhos naquela época, a sua vida era composta de obrigações domésticas uma vez que a sociedade coagia que o empenho de cuidar e educar os filhos era de responsabilidade da mãe e esposa:

Trata-se de práticas produzidas/reproduzidas em consonância com as representações de gênero, difundidas no social e, instituidoras do real em seus aspectos social e individual. Como tais, elas se encontram atravessadas pela perspectiva binária, uma vez que as atividades identificadas como masculinas dizem respeito ao mundo dos negócios, ao espaço público e da política, enquanto as femininas são aquelas vinculadas às obrigações no seio da família com os filhos e os afazeres da casa, o que inclui as habilidades de bordar, costurar, pintar, tricotar, cozinhar, limpar, tocar piano etc (Sant'anna, 2012, p. 52).

Era muito difícil as mulheres terem acesso à educação nos anos 20 e 30 em Goiás, a não ser aquelas que tinham condição socioeconômica privilegiada, como Grace. A inserção no mercado de trabalho, a participação política e o reconhecimento como intelectuais eram praticamente improváveis para a maioria delas. Aquelas que possuíam acesso a literatura, como Grace Machado, eram criticadas por parte da sociedade e suas escritas eram postas em sentinela, dado que “a literatura oferece riscos as/aos leitoras/leitores, possibilita vislumbrar possíveis mundos, e nesse caso até mesmo as leituras destinadas às mulheres eram alvo de vigilância” (Souza, 2017, p. 22).

As mulheres que se tornavam mães, a sociedade exercia uma pressão ainda maior sobre elas, esperando que dedicassem todo o seu tempo aos cuidados dos/as filhos/as e

do lar, como se não deveriam se ocupar de mais nada. O autor Curado (2010) ressalta que Grace Machado se afastou da literatura por conta dos deveres familiares e a educação de seus/seus filhos/as, mas talvez houvessem outros motivos que não são mencionados em sua biografia.

Após se mudar para Goiânia na década de 50, devido a vida política que seu marido estava inserido, Grace Machado retornou a literatura no final da década de 60 quando a Academia Feminina de Letras e Artes em Goiás (AFLAG)<sup>20</sup> foi fundada em 1969 pelas escritoras Rosarita Fleury, Nelly Alves e Ana Braga:

Reconhecida no mundo da literatura feminina, de 1969 a 1985, Grace Machado, a convite das escritoras Rosarita Fleury, Nelly Alves de Almeida e Ana Braga Machado Gontijo, ocupou uma das cadeiras da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás (hoje sua cadeira é ocupada pela escritora Augusta Faro Fleury de Mello) e da Academia Trindadense de Letras, Ciências e Artes (CURADO; VALDEZ, 2017, p. 258)

Com a ocupação da cadeira de número 15 na Academia Feminina de Letras e Artes em Goiás, Grace Machado publicou alguns escritos nas décadas de 60 e 70 em revistas da própria AFLAG. Ainda na década de 70, a escritora se afastou novamente da literatura por motivo de problemas de saúde. Assim, faleceu no dia 12 de julho de 1985 aos seus setenta e nove anos de idade. A escritora Augusta Faro Fleury<sup>21</sup>, ao tomar posse da cadeira de Grace Machado na AFLAG em 1986, fez um admirável discurso onde demonstrou deslumbramento – expressando elogios a respeito da escritora e destacando suas características:

Caros amigos:

Piso os umbrais da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, com o respeito que desperta em mim a tradição dos templos. As Academias são como as Catedrais. Atravessam o tempo, Intocáveis, brilhando ao sol dos séculos. Nelas, a santidade maior repousa no saber e na cultura. Trazem a longevidade da Grécia, repercutindo na

<sup>20</sup> Nas páginas 85 e 86 é discutido sobre a fundação da AFLAG, destacado informações sobre as fundadoras e debatido algumas das obras deixadas por Grace Machado na academia.

<sup>21</sup> Augusta Faro Fleury nasceu na cidade de Goiânia no dia 4 de novembro de 1948. É uma escritora desde a década de 80 que adquiriu visibilidade na literatura goiana tanto no final do século XX quanto no século XXI. De acordo com a autora Nascimento (2021, p. 51-52), Augusta Faro destina suas escritas à literatura fantástica, sendo que “seus livros já foram indicados para leitura nos vestibulares da UFG, UEG e PUC Goiás; existem programas de pós-graduação inserindo sua literatura nas ementas e grupos de discussões; embora ainda poucos, há teses e artigos publicados visibilizando seus contos fantásticos e sua literatura, em geral; além de receber notas elogiosas em jornais e revistas, locais e/ou de outros Estados: Tribuna da imprensa (RJ) em 2004, pelo crítico e jornalista Roberto Pompeu de Toledo na Revista Veja, jornal O popular em 2019”.

reencarnação espalhada por Platão em todas as Academias, que floresceram de sua plantação nos jardins de Academus.

Piso os umbrais da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás e me transformo numa caminhante do tempo. Aqui estou, com a humildade de um viajante que percorre as sendas da vida, querendo aprender um pouco mais, cada dia que passa.

Entro nesta casa guiada pelas mãos de Grace Machado.

Jaraguá surgiu no fim do Século XIX. Uma pequenina cidade como muitas outras que cochilavam no leito das montanhas ou nessas planuras goianas.

Distante dos centros de progresso, nossas cidades pouco se relacionavam com os acontecimentos culturais que ocorriam lá longe. Mesmo na antiga Capital, não repercutiam os ecos em movimento ascendente, apesar de ali estar centralizada toda dinâmica de Goiás - Sede do Governo, escolas principais e uma sociedade até burilada para o determinismo geográfico que escurecia nossos limites.

Jaraguá - pequena cidade que vegetava sob a égide de famílias tradicionais, que se estendiam em frondosas árvores genealógicas.

Daí nasceu uma flor delicada: Graciema Machado.

Nas famílias de visão mais arejada, que não viam na mulher apenas um adorno e acessório do lar, havia um costume bem constante: mandar suas filhas estudarem na Capital do Estado, mais precisa mente no Colégio Santana, das Dominicanas Francesas onde o ensino sempre foi de invejável orientação. Assim, Grace foi estudar e, terminado o curso, voltou à sua pequena Jaraguá {...}

Neste momento do discurso, Augusta Fleury ressalta sobre a pequena cidade em que Grace Machado viveu. O interior de Jaraguá era considerado um sertão, no qual as mulheres que tinham o privilégio de estudar, deviam mudar-se da cidade para conquistar uma educação com qualidade nas escolas de cidades mais desenvolvidas, como as capitais dos estados. Assim ocorreu com Grace Machado que com o apoio familiar e condições favorecidas, pôde estudar em colégios preeminentes fora da sua cidade natal.

A escritora Fleury (1986) destaca em seu discurso os privilégios das famílias que estavam inseridas na alta sociedade no tempo de Grace Machado, onde estas mulheres eram mais valorizadas e nem sempre eram vistas como mulheres do lar – o que era invejável e desejado por àquelas que não possuíam estes favorecimentos. Ainda assim, Grace Machado enfrentou limitações por ser mulher. Na continuação do discurso de Fleury (1986, p. 17-18) destaca sobre a personalidade e intelectualidade no campo literário de Grace Machado:

Imagino como aquele espírito aberto às grandes aspirações, aquela inteligência que criava asas nos ensinamentos do Colégio Santana sentia pesar em sua liberdade as cadeias do provincianismo goiano.

Sua cidade só dava a ela o céu limitado pelo azul dos horizontes.

Amava sua terra e sua família, identificava-se com seus costumes, mas possuía uma personalidade que se projetava além daquele reduzido ambiente.

Construiu então seu mundo, abriu a si mesma as fronteiras do espírito: fez-se escritora.

Todo o turbilhão de emoções, vibrações do cérebro, Grace colocava em suas crônicas. Na década de 20, sua carreira expandiu-se, alimentada pela sede de espaço que as asas de sua inteligência pediam.

A imprensa desde o século XIX, quando foi fundado o jornal "Matutina Mela-Pontense", era a pobre vazante da literatura goiana.

Desde então, sempre tivemos jornais feitos com dedicação e sacrifício, pequenos e heroicos jornais a que não faltavam colaborações, pois em nosso Estado, os jornalistas, escritores e poetas eram numerosos, contribuindo muito para o aprimoramento do meio.

A inteligência de Grace e a expansão de sua carreira é destacada nas palavras de Fleury. Grace transforma suas emoções e pensamentos em crônicas, utilizando sua inteligência e sede por espaço para impulsionar sua carreira na década de 20 do Séc. XX. Fleury também faz referência à imprensa em Goiás, descrevendo-a como “pobre vazante da literatura goiana” (Fleury, 1986). No entanto, destaca a presença de jornais que, embora pequenos, não carecem de colaborações, já que o estado tinha um grande número de jornalistas, escritores e poetas que contribuía para o desenvolvimento cultural e literário da região.

Surgiu um novo sol: a Semana de Arte Moderna, em 1922, novas luzes sobre a literatura brasileira. Goiás não fugiu à regra. Léo Lince encaminhou a linha revolucionária nas letras. Graciema Já era então Grace Machado. Crescia em graça e talento, desmentindo o tabu de que mulher inteligente nunca é bonita. Sua presença era marcante sempre que vinha à Capital. Estava em plena ebulição Literária.

Suas crônicas eram cortejadas por nossos jornais e também publicadas fora de nossos limites. Seu artigo "A Defesa" foi reproduzido em jornais de São Paulo e Rio de Janeiro.

Com estilo renovador no meio feminino, sua maneira de escrever acentuava o avanço de sua mentalidade à altura de suas divagações.

Em 1926 Oscarlina Alves Pinto fundou o Jornal "O Lar". Sua finalidade era projetar a mulher goiana, estimulando-a a escrever, descobrindo novos mundos, a encontrar-se fora dos muros domésticos. Muitos nomes femininos de comprovada vocação literária reuniram-se nesse jornal {...}

A literatura permitiu que Grace pontuasse suas ideias, contraposições e ponderações sobre a sociedade em que estava inserida. Apesar de possuir escritos sobre temas diversos, mantinha o seu foco sobre as mulheres e seus direitos – afinal, ela

percebeu que a partir de sua escrita poderia trazer maior ênfase às demandas das mulheres goianas que, naquele momento, eram desconsideradas:

Grace encontrou aí, seu desaguamento para o promissor rio de sua criatividade. Revendo números de "O' Lar' tive oportunidade de verificar suas colaborações sempre versáteis, repletas de vivacidade, e uma visão do mundo avançada para seu tempo e geografia. Grace escrevia sobre assuntos polêmicos, estimulava a mulher a valorizar sua pessoa e personalidade. No artigo "O Feminismo em Goiás", sente os tabus e preconceitos que a família goiana alimentava. Vejamos alguns títulos de seus escritos: "A Cultura da Ginástica no mundo feminino", "O Feminismo em Goiás", "Fêmina", "Feminil" e outros. No artigo "Sursum Corda", Grace diz: "Eu falo por mim e sei que minha palavra terá repercussão no espírito de muitas outras, cuja inteligência aguçada se prepara antecipadamente para irmos às urnas e sagrarmos nosso Presidente: que as mulheres ajudarão a eleger o presidente que, bem escolhido, saberá elevar o nome de Goiás aos pináculos do desenvolvimento, tornando-o conhecido nas rodas brasileiras. Eu também reclamo o direito de votar" {...}

Dona de uma personalidade única onde era ousada em suas palavras sem amedrontamento em defrontar o patriarcado, Grace Machado, com esmero e competência, marcou presença na sociedade goiana do século XX. Foi uma das primeiras mulheres a defender o sufrágio feminino que, devido a ser atualizada e ativa nas questões sociais e políticas, mobilizou-se para reivindicar o direito de envolver-se no processo democrático por meio do voto. Sua posição em relação ao assunto representou não apenas uma busca pela igualdade política, mas também uma demanda por reconhecimento intelectual e poder de decisão sobre questões que afetavam diretamente a vida das mulheres em Goiás nesta época:

Vemos assim, que Grace foi uma inovadora. E seu jornalismo procurou destacar nosso Estado. Suas crônicas tem um caráter humanístico e social que fizeram da autora um esteio da intelectualidade consciente e politizada da época.

Com o nascimento de Goiânia, a vida de Grace tomou outros caminhos: casou-se, mudou para a nova Capital e se afastou da literatura.

Mais tarde, com a fundação da AFLAG, o fogo sagrado da literatura foi renovado, e Grace, participando, veio ocupar a cadeira nº15.

Pena que pertinaz enfermidade a afastou de todo convívio social. Grace veio a falecer dia 12/07/85. Seu nome não será esquecido, e, como patrona da cadeira nº 15 da AFLAG tem eternizada sua trajetória literária.

Em Jaraguá, a "Fundação Grace Machado" é uma homenagem sincera à filha ilustre.

É com alegria que ocupo agora a cadeira nº 15, conduzida pela centelha da viva inteligência de Graciema Machado.

Piso o umbrais da AFLAG e faço a minha profissão de fé:

Creio na cultura, que é a síntese do belo - com as cores da Pintura, as formas da Escultura, a harmonia da Música, com a palavra que é a expressão máxima da Literatura.

Creio nos apóstolos da Cultura, que atravessaram os séculos sofrendo a renovação das raças, carregando o peso do tempo, incinados na alquimia do pensamento.

Creio nos poetas, de todo o coração.

Quero a poesia como lume de minhas andanças pela a vida a fora.

Creio na AFLAG, que reúne a essência do Pensamento em comunhão com todas as academias do mundo.

Serei a sacerdotisa desse credo, com a humildade na eterna caminhada de sempre procurar a sede da sabedoria.

Saúdo Runi, companheira e amiga que comigo entra nessa casa.

Abraco minha família e meus amigos, que são meu alento, força e renovação.

Saúdo a Presidente Rosarita Fleury, com seu trabalho incansável junto à AFLAG e início com minhas companheiras acadêmicas a caminhada da amizade na tarefa conjunta em benefício de nossa cultura {...}

As palavras de Fleury descrevem que sua participação na Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás (AFLAG) permitiu que Grace Machado estivesse atuando nos últimos anos de sua vida naquilo que sempre apreciou: a literatura. Fleury também deixa evidenciado em suas palavras que suas crônicas possuíam uma abordagem humanista e social, tornando-a um pilar da intelectualidade consciente e politizada da época. Após seu afastamento da literatura, anos depois, com a fundação da AFLAG, seu interesse pela literatura foi reacendido ao ocupar a cadeira número 15.

Sem dúvida alguma, o falecimento de Grace Machado gerou um vazio no campo literário goiano e, devido a suas resistências, contribuições literárias e protagonismo na sociedade goiana do século XX, suas memórias jamais podem ser esquecidas. A autora Fleury (1986, p.18), ao tomar posse da cadeira de número 15, finaliza o seu discurso com as seguintes palavras:

Saúdo a mulher, sexo forte onde habita o espírito, a flama, fonte de vida, gênese perpétua da raça humana.

Saúdo nosso valor, nossa luta, nossa fortaleza e até nosso conformismo. E digo: caminhemos, renovando sempre nosso fanel, que a fome chega e a vaidade não é bom alimento.

Eu disse em meu livro: "As alturas me chamam com insistência".

É para lá que caminhamos, para as altitudes infinitas da criação.



Cheguei à AFLAG. Tomo posse na cadeira n° 15. Estou Feliz!! (Fleury, 1986, p.17-19).<sup>22</sup>

Reviver e destacar as mulheres intelectuais e seus discursos oportuniza reconhecer e valorizar o quanto foram capazes e competentes em todos os campos dos saberes, desmistificando a noção de "sexo frágil" imposto pela sociedade patriarcal para diminuí-las. De acordo com a autora Souza (2017, p. 35), os discursos articulados pelos pais/maridos, escolas e igrejas idealizavam as mulheres como frágeis onde são postas como “fisicamente incapacitadas para os serviços pesados e intelectualmente despreparadas para discussões políticas, filosóficas ou econômicas”.



**Figura 2** Posse da Poetista Augusta Faro Fleury de Melo na cadeira n°15, 1986. Fonte: Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, Anuário 1986.

### 1.1.1: A Primeira Onda do movimento feminista em Goiás

A autora Santos (2022, p.376) debate sobre a primeira onda do movimento feminista, onde aponta que o movimento feminista teve a sua origem entre mulheres de classe média alta nos Estados Unidos, ou seja, mulheres elitizadas. Cansadas de serem limitadas em qualquer decisão, as mulheres começaram a agir proativamente entrando na luta para assegurar sua participação na sociedade e reivindicar direitos para integrarem-se na esfera política.

<sup>22</sup> O discurso encontra-se disponível no Anuário 1987-1988 na Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás (AFLAG).

A feminista Simone de Beauvoir, em sua obra “O Segundo sexo” (1949), discute sobre o que é ser mulher e suas condições na sociedade. Ela debate sobre a visão de como as mulheres são vistas como "o outro" em relação aos homens, debatendo que numa sociedade dominada por homens, há uma codificação que estabelece a mulher como inferior. Beauvoir reflete que a mulher só consegue eliminar essa inferioridade ao dismantelar a superioridade associada ao masculino<sup>23</sup>. Assim, para que a mulher se liberte dessa posição de subordinação, é necessário desafiar e mudar as estruturas de poder e superioridade atribuídas aos homens na sociedade. Nesse sentido, percebe-se que a liberdade e autonomia feminina é percebida e conhecida pelas mulheres ao longo do tempo, influenciando para o crescimento do movimento feminista.

No final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, o estado de Goiás foi marcado pelo início de uma maior movimentação das mulheres, onde “construiu a si mesma como sujeito político e ressignificou seu papel na sociedade” (Santos; Clímaco, 2018, p. 05). O crescimento do feminismo instituiu-se no estado de Goiás quando o tema passou a ser discutido com frequência no Brasil e no mundo, além de que os movimentos feministas começaram a se expandir de forma significativa.

Nesta época, nos Estados Unidos e na Europa mulheres estavam à frente de manifestações buscando mudança na sociedade na tentativa de conquistar seus direitos e ter o mesmo espaço que os homens. Assim, dá-se o início as discussões a respeito da inserção das mulheres no mundo do trabalho, da política e das questões econômicas. Este momento refletiu e proporcionou o surgimento do feminismo em Goiás, pois o movimento das mulheres no estado foi, de certa forma, uma ressonância do que estava acontecendo nos Estados Unidos e na Europa:

As mudanças políticas, jurídicas e trabalhistas que vinham ocorrendo na Europa no início da modernidade estabeleceram sociedades chamadas de democráticas que beneficiaram, no entanto, pequenos grupos de homens brancos e donos de propriedades em detrimento do restante da população. Tais grupos estabeleceram as regras dos mais variados setores sociais e negaram a todas as mulheres a possibilidade de tomarem decisões em qualquer âmbito da vida social e, conseqüentemente, sobre suas próprias vidas (Zirbel, 2021, p. 12-13).

---

<sup>23</sup> BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo: a experiência vivida, v. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

A chamada “primeira onda” do movimento feminista, iniciada no final do século XIX, estava centrada sobretudo na luta pelas reivindicações dos direitos das mulheres, com foco especial na igualdade de direitos civis e políticos. Esta primeira fase do feminismo colaborou com a criação do espaço para o debate e a conscientização sobre questões de gênero e desigualdade, estabelecendo as bases para o movimento feminista subsequente. Embora os objetivos e estratégias do feminismo foram evoluindo ao longo do tempo, a primeira onda desempenhou um papel fundamental na busca pela igualdade de gênero e na defesa dos direitos das mulheres.

A autora Pedro (2011, p. 271) enfatiza que analisar o feminismo a partir de suas diferentes fases “reforça a ideia da existência de centros irradiadores e suas margens; é como se uma pedra tivesse sido atirada na água, formando várias ondas”. Seguindo este raciocínio, a metáfora da pedra atirada na água em que a autora exemplifica reflete-se sobre a forma como o feminismo se expande e se desenvolve ao longo do tempo. Ao pensar o feminismo em ondas, entende-se que cada onda simboliza um momento histórico e um conjunto específico de ideias e resistências das mulheres. Essas ondas surgem a partir de uma emissão, que são os movimentos e grupos feministas que impulsionaram as transformações sociais:

Nas narrativas do feminismo existe a noção de que essas ideias têm formado várias ondas. Na Primeira Onda (final do século XIX e início do XX), as mulheres reivindicavam direitos políticos, sociais e econômicos; na Segunda Onda (a partir da metade dos anos 1960), elas passaram a exigir direito ao corpo, ao prazer, e lutavam contra o patriarcado (Pedro, 2011, p. 271).

A autora destaca que também existem as margens, que são os grupos e indivíduos que estão à margem desses centros irradiadores e podem ter perspectivas diferentes. Essa concepção de centros irradiadores e suas margens faz refletir acerca das perspectivas dentro do feminismo. Cada onda traz consigo diferentes demandas, preocupações e abordagens – refletindo a evolução e a complexidade do movimento.

As mulheres goianas, durante a primeira onda do movimento feminista, começaram a ser vistas em outros espaços como na música, na arte e na literatura. Através das práticas artísticas e de suas escritas é que demonstravam as suas capacidades e qualidades intelectuais assim como a escritora Godoy (1944, p.46) descreve: “...a verdade é que nós mulheres, somos capazes de acompanhar o homem em seu mergulho no abismo metafísico dos mais transcendentes pensamentos”.

No estado de Goiás durante o século XX, as condições sociais e financeiras das famílias influenciavam nas posições das mulheres, onde o feminismo conseguiu mobilizar àquelas que tinham acesso à leitura e educação. Sendo assim, as mulheres brancas e urbanas tinham maiores possibilidades – haja vista que este momento histórico estava sendo marcado pela primeira onda do movimento feminista. E quanto as mulheres negras? E as sertanejas? E aquelas mulheres que suas famílias não tinham visibilidade social? As escritas de Grace Machado na primeira metade do século XX foram prestigiadas por pessoas de cargos importantes e jornais renomados. Este fato era comum para mulheres brancas nesta época. A autora Leal ressalta os preconceitos vivenciados pelas mulheres negras e a diferença de tratamento em relação às mulheres brancas na sociedade:

Em geral, argumenta-se que, se as questões raciais fossem resolvidas, automaticamente as dificuldades pelas quais as mulheres negras passam desapareceriam. Assim, negligencia-se o fato de que sobre as mulheres negras não recai somente a opressão racial. Por serem mulheres, recai também sobre elas a opressão de gênero e, de modos mais violentos do que sobre as mulheres brancas, já que as mulheres brancas não estão sujeitas ao racismo (2021, p. 16-17)

As mulheres negras e sertanejas em Goiás enfrentaram o preconceito étnico-racial e do pertencimento ao interior, região que era historicamente marginalizada, onde a população sertaneja foi por muito tempo colocada em posição subalterna. Durante a história do estado de Goiás não se via/vê mulheres negras ocupando lugares de destaque, afinal “a intersecção de estruturas racistas e machistas sobre estas mulheres as coloca mais expostas a condições de vulnerabilidade política e social” (Leal, 2021, p.18). Assim como Grace Machado, há a exceção de Leodegária de Jesus<sup>24</sup> onde enquanto mulher, negra e goiana conseguiu ocupar o lugar de escritora no final do século XIX e início do século XX – algo não muito comum para a época:

perceptível que, em meados do século XIX e no início do século XX, em pleno processo de desenvolvimento mundial, a sociedade não parecia reconhecer de nenhuma forma a importância e o valor do negro

---

<sup>24</sup> Os autores Cunha e Dering (2020, p.113-114) acentuam informações sobre a escritora. Leodegária de Jesus nasceu em 1889 onde, vinda da cidade de Jataí, presenciou o sertão e interior goiano nos séculos XIX e XX, onde “mesmo considerada uma intelectual, e sempre buscando integrar a sociedade vilaboense, Leodegária de Jesus era ainda assim uma mulher negra; a cor não lhe dava vez, não lhe dava voz, tampouco a sensação do verdadeiro pertencimento. Contrariando sua condição social de mulher, e ainda mais de uma mulher negra, Leodegária, de algum modo, conseguiu abrir espaço com suas palavras e com seus versos, e seu grito criou voz e corporeidade”. Assim, foi a primeira a publicar um livro de poesia em 1906, tornando-se escritora e revelando sua intelectualidade.

como ser humano e ser social, e a mulher como indivíduo potencialmente capaz. (Dering; Silva, 2016, p. 38).

Em termos educacionais, as mulheres brancas como a escritora Grace Machado, tinham mais oportunidades de acesso à educação formal em comparação com as mulheres negras. Isso lhes proporcionava uma vantagem em mostrar suas intelectualidades e capacidades, além da possível obtenção de melhores oportunidades profissionais:

As imagens de gênero que se estabelecem a partir do trabalho endurecedor, da degradação da sexualidade e da marginalização social, irão reproduzir até os dias de hoje a desvalorização social, estética e cultural das mulheres negras e a supervalorização no imaginário social das mulheres brancas, bem como a desvalorização dos homens negros em relação aos homens brancos. Isso resulta na concepção de mulheres e homens negros enquanto gêneros subalternizados... (Carneiro, 2003, p.5)

Ressalta-se que Grace Machado vivenciou o interior de Jaraguá, cidade em que sua família possuía grande influência política e era considerada elitizada naquela época. O autor Curado (2017) ressalta os interesses das famílias nesta época e a busca por poder político no município em que a escritora viveu – explicando sobre a formação de grupos políticos, alianças e o estabelecimento de relações de patronagem que dava prestígio a família:

A família Ribeiro de Freitas, de origem lusitana, branca e escravocrata, que teve participação determinante na constituição da vida política, econômica e social da cidade. Aristocracia e poder do parentesco não estavam (ou não estão) atrelados somente em Jaraguá, assim como não parece ser característica de cidades pequenas onde a elite rural se reveza no poder (nem sempre com harmonia). Era o caso da família Castro e da família Freitas de Graciema, que se revezavam no poder à custa de disputas próprias do coronelismo agrário, como o casamento intrafamiliar, prática seguida pela nossa biografada, que casou com seu primo e político Clotário de Freitas e tiveram dez filhos. (Curado, 2017, p. 254)

Nesta época era comum a busca por poderes entre as famílias mais elitizadas, como a de Grace Machado. Devido a isso, ressalta-se que o seu acesso à educação e sua visibilidade enquanto escritora se deu em decorrência dos privilégios que sua família possuía e o apoio familiar. Além disso, o momento histórico favoreceu a escritora, pois, se tratava de um momento em que primeira onda do movimento feminista expandia as demandas das mulheres brancas mundo a fora, onde “como em outros Estados brasileiros, as mulheres goianas enfrentaram seus próprios desafios na luta pela emancipação política,

intelectual e econômica” (Diniz, 2013, p.28). No entanto, os privilégios das mulheres brancas não significam que todas elas possuíam uma vida de plena igualdade e liberdade. Apesar dos favorecimentos, o machismo e o patriarcalismo ainda restringiam suas oportunidades em muitos aspectos, limitando suas escolhas.

### **1.2: A subestimação das mulheres goianas: Reflexões sobre a ausência de estudos e reconhecimento da escritora Grace Machado.**

No cenário literário goiano, há vozes marcantes de mulheres que enriqueceram e trouxeram visibilidade feminina no estado de Goiás. Em meio às narrativas e escritas destas mulheres intelectuais, percebe-se um vazio perturbador: a subestimação das mulheres goianas e a falta de estudos dedicados às suas vivências e contribuições literárias. Percebe-se que Grace Machado é um exemplo dessa subestimação, pois sua biografia e suas obras permanecem escondidas e não são destacadas. Devido a isso, questiona-se: por que uma escritora feminista e intelectual, cujas obras e vida tiveram destaque no século XX, não está sendo referenciada na atualidade? Destaca-se que muitas mulheres se sobressaíram às condições impostas (Souza, 2017, p.42).

Em uma época em que o patriarcalismo era vigente, a sociedade em geral e, principalmente, os homens se sentiam prejudicados na medida em que as mulheres deviam se dedicar as tarefas domésticas e ao matrimônio, sendo que “a mulher que ousava adentrar o espaço público era uma vergonha para a família, uma má influência para outras mulheres” (Souza, 2017, p. 43). Devido a isso, percebemos que a tentativa de as inferiorizar perpassou todo o século XX no Brasil e, principalmente, em Goiás – onde essa visão perdura, ainda que não tão evidenciada, até os dias de hoje. Pode-se dizer que este fato influenciou para que a história dessas mulheres fosse negligenciada, principalmente quando se trata da produção intelectual, afinal “prossigue a crença na inferioridade intelectual e nas fragilidades femininas” (Costa, 2009, p. 06).

No decorrer do século XX a escritora Grace Machado teve o seu nome divulgado em muitos jornais da época: *Jornal O Lar*, *O Itaberahy*, *O Araguay* e *Voz do Povo*. Além de ter atuado como professora e realizado inúmeras viagens, num contexto de mudanças demarcado pela primeira onda do movimento feminista, onde mulheres elitizadas conseguiam acessar essas mudanças, ainda assim enfrentavam limitações:

Apesar dessas mudanças, as mulheres da elite continuavam limitadas porque não possuíam nem autonomia, nem igualdade perante os

homens, já que, a estrutura social, cultural e econômica era apanágio masculino. As limitações eram mais exacerbadas em relação às mulheres menos privilegiadas que se mantinham na ignorância por não poderem desfrutar dos mesmos privilégios que suas colegas da elite. As mulheres pobres, quando possível, freqüentavam as escolas normais, que não possuíam boa qualidade, e cursavam ao máximo o ensino primário (Follador, 2009, p. 13).

O início do crescimento do feminismo no estado fez com que a sociedade patriarcal procurasse métodos de impedir o protagonismo de mulheres elitizadas na medida em que estas estavam adquirindo seus espaços. Essa tentativa de apagar e esconder a história das mulheres goianas reflete uma visão dominada pelo patriarcado, onde os feitos e as perspectivas das mulheres são subestimados:

Dentro desta perspectiva, um novo estoque de fontes tornou-se possível para a escrita da história. Foi neste sentido que, escrevendo na década de 80 do século XX, Maria Odila Leite da Silva Dias perguntava, em seu livro, que se tornou base para esta nova historiografia, se o que tornava difícil a história das mulheres era a ausência de fontes ou a invisibilidade ideológica destas. E a proposta era a de buscar as minúcias, de ler nas entrelinhas, de garimpar o metal precioso das fontes em meio a abundante cascalho. Tem sido desta forma que inúmeras pessoas têm escrito a história das mulheres. Na trilha da História das Mulheres, muitas pesquisadoras e pesquisadores têm procurado destacar as vivências comuns, os trabalhos, as lutas, as sobrevivências, as resistências das mulheres no passado (Pedro, 2005, p. 85-86).

A falta de estudos sobre as mulheres permitiu que pesquisadoras e pesquisadores expandissem o estudo sobre os protagonismos das mulheres na sociedade, revelando suas contribuições e desafios ao longo de suas trajetórias. Ao trilhar o caminho da história das mulheres, eles/as buscaram reconhecer as vozes, ouvir os sussurros de mulheres que haviam sido apagadas, marginalizadas e esquecidas das narrativas históricas. Essa nova historiografia enfatiza a importância de reconhecer as experiências das mulheres como parte integrantes da história em geral e não apenas como apêndice e/ou complemento, mas como protagonistas, destacando suas vivências, suas conquistas e suas resistências para quebrar os estereótipos sutis ou escancarados que ainda teimam em persistir sobre o gênero feminino.

Ainda assim, percebemos a falta de estudos sobre mulheres ousadas, como Grace Machado. Os autores Curado e Valdez (2017) ressaltam as dificuldades para adquirir informações sobre Grace Machado e outras escritoras da época – tornando-se necessário pesquisar a sociedade e os contextos da época para entender o porquê suas histórias estão escondidas:

Como Grace, há outras pioneiras da escrita, da opinião e do feminino em Goiás. Estão escondidas em alguma fonte, algum documento, alguma obra memorialista, com vontade de aparecer e mostrar que a história é feita por todas as gentes. Ao buscar dados nos relatos de memorialistas da cidade onde Grace viveu, o que se encontra em destaque é um mundo masculino que parecia, e parece, ser definidor da vida política, econômica, social e religiosa do lugar. Homens, destacados como vultos ilustres, nobres, magnânimos, notáveis, exímios, distintos, insígnies, eminentes e outros, reinam sobrepondo-se às desconhecidas e ignoradas mulheres, como Grace Machado e tantas outras (Curado; Valdez, 2017, p. 258).

Percebe-se que, além de Grace Machado, há muitas outras mulheres intelectuais em que suas obras e histórias de vida estão ocultas e não há estudos preocupados em ressaltá-las. Mesmo que a escritora estivesse inserida na elite goiana, o patriarcalismo influenciou e refletiu no reconhecimento de sua trajetória:

Apesar de fazer parte da elite da cidade, seu anonimato na história não é coincidência, mas sim resultado de uma junção de fatores históricos que cristalizaram em torno do suposto poder masculino, contrapondo-se com a suposta fragilidade e submissão feminina (Curado; Valdez, 2017, p. 258).

Assim, há ainda a falta de destaque de mulheres pioneiras e suas contribuições significativas para a sociedade. As consequências da tentativa de impossibilitar as obras e a vida de mulheres do século XX em Goiás resulta em ignorar as suas existências e não enfatizar suas participações políticas, literárias e sociais. Pode-se dizer que a dominação dos homens sobre as mulheres e a necessidade de subjugar-las podem ser consideradas formas de violência simbólica. O historiador Chartier discute a submissão imposta às mulheres como forma de violência simbólica:

Definir a submissão imposta às mulheres como uma violência simbólica ajuda a compreender como a relação de dominação – que é uma relação histórica, cultural e linguisticamente construída – é sempre afirmada como uma diferença de ordem natural, radical, irreduzível, universal. O essencial é identificar, para cada configuração histórica, os mecanismos que enunciam e representam como “natural” e biológica, a divisão social dos papéis e das funções (1995, p.82).

Ao compreender essa submissão imposta às mulheres, reconhecemos que as formas de opressão se manifestam em ideias, crenças e valores que sustentam a hierarquia do gênero feminino. A violência simbólica opera através da imposição de significados, discursos e estruturas de poder que moldam as relações sociais e mantêm as mulheres em



posições subalternas. Percebe-se que a escritora Grace Machado não é renomada em muitos trabalhos e dicionários que tem como foco ressaltar mulheres goianas:

O Dicionário do Escritor Goiano, organizado por Teles (2000) não faz nenhuma menção ao nome de Grace, algo de se estranhar diante da projeção que esta teve. Na obra *Parceiros da história: Jaraguá*, obra financiada pela prefeitura de Jaraguá, o organizador Soares (2008), destaca perfis de políticos, patronos e vultos ilustres da cidade, quase cem por cento quadros masculinos. O pai de Graciema é um deles, na parte reservada para sua família incluem-se os oito filhos; ela, a sétima filha, é descrita por meio do marido e dos filhos. Nenhuma palavra sobre Dicionário de Educadores e Educadoras em Goiás: séculos XVIII - XXI 259 sua atuação na literatura, vida política ou social (Curado; Valdez, 2017, p. 259).

Há poucas informações a respeito da biografia de Grace e, além disso, suas obras não são referenciadas em nenhum lugar – tendo como consequência o “apagamento” das suas vivências e das escritas valorosas enquanto mulher, feminista e escritora goiana durante o século XX:

Apesar de sua importância, não é suficientemente mencionada no DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO DE GOIAS (1984), de Lisita Junior, não é referida no DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO BRASILEIRO (2001, 5 volumes, 6.211 páginas), da Fundação Getúlio Vargas e nem é convenientemente referida, em nenhuma das enciclopédias nacionais, Delta, Barsa, Larousse, Mirador, Abril, Koogan/Houaiss, Larousse Cultural, etc. Não é estudada em ENSAÍSTAS BRASILEIRAS (1993), de Heloísa Buarque de Hollanda e Lúcia Nascimento. Não é lembrada no DICIONÁRIO DE MULHERES (1999), de Hilda Agnes Hubner Flores, bem como em DICIONÁRIO CRÍTICO DE ESCRITORAS BRASILEIRAS (2002), de Nelly Novaes Coelho e ainda em DICIONÁRIO MULHERES DO BRASIL (2000), de Schuma Schumacher (Sem autoria, s.d).<sup>25</sup>

Identifica-se uma notável falta de reconhecimento e visibilidade de Grace Machado em importantes obras de referência e coletâneas que abordam a literatura e a história das mulheres no Brasil e no estado de Goiás. A ausência de seu nome nessas obras representa um silenciamento e uma lacuna na narrativa histórica, na qual sua contribuição e legado literário não são documentados e valorizados devido ao patriarcalismo que tenta esconder as vivências e contribuições das mulheres. Nota-se que a falta de estudos de Grace Machado é reflexo de uma sociedade que invisibiliza as

---

<sup>25</sup> Disponível na pasta de Grace Machado (cadeira 15) na Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás (AFLAG).

mulheres “pois não parece ser coincidência a tentativa de reduzir sua história ao anonimato” (Curado; Valdez, 2017, p. 259).

## 2. O LEGADO DE GRACE MACHADO: LITERATURA E MEMÓRIA

*Porque, como li algures, na maior parte da família brasileira, a mulher é revolucionário e o homem... político legalista.*<sup>26</sup>

A escritora Virginia Woolf, em seu ensaio “*Um teto todo seu (1929)*”, discute que ao longo da história as mulheres foram sistematicamente excluídas das oportunidades educacionais, financeiras e sociais que teriam permitido o desenvolvimento de seu potencial literário. Woolf debate a ideia de que para uma mulher escrever ficção, ela precisa de dinheiro e de um espaço próprio – daí o título do ensaio “*Um teto todo seu*”. Olhando para os diferentes conceitos de Feminismo no Pós-Colonialismo, as análises de Woolf levanta questionamentos sobre a posição e o papel das mulheres na sociedade contemporânea (Senem, 2008, p. 112).

No campo literário, muitas mulheres intelectuais foram destacadas devido às suas escritas. Durante o século XX no estado de Goiás, ainda que o patriarcalismo agisse na tentativa de ocultar histórias e obras de mulheres escritoras, houve àquelas que resistiram e protagonizaram suas vidas. A trajetória de vida e as obras de Grace Machado mostra isso, como já visto no primeiro capítulo, suas escritas transcendem as fronteiras do seu tempo. Seu percurso na literatura mostra que suas narrativas possuíam o poder de questionar e inspirar na medida em que buscavam valorizar e protagonizar as mulheres. Destaca-se que há o momento de interseção da literatura com o feminismo onde é necessário compreendê-lo, uma vez que as escritas eram um meio pelo qual as mulheres expressavam suas demandas por direitos.

A autora Duarte (2003) reflete que a exclusão da literatura de autoria feminina deriva da interligação com preconceitos arraigados e da relutância em abraçar uma perspectiva literária distinta. Isso se deve ao fato de que, dentro das normas estabelecidas pela sociedade burguesa, a literatura é legitimada predominantemente através da lente única do olhar masculino. Essa perspectiva unidirecional acaba por marginalizar a produção literária das mulheres. Assim, percebe-se que há um medo enraizado na sociedade de que as mulheres direcionam, por meio de suas escritas, reflexões ao público

---

<sup>26</sup> Escrito por Grace Machado em sua obra “Feminina”. Jornal O Lar, Cidade de Goiás: 15 de setembro de 1927, p. 3.

feminino que faça outras mulheres enxergar a necessidade de buscar seus direitos, pois as escritas influenciadas pelo pensamento feminista “busca retratar a luta por direitos iguais, espaços e reconhecimento, além de trazer como demanda em suas obras” (Brito, 2021, p. 26-27).

Os homens do século XX do estado de Goiás tinham receio das escritas de autoria feminina que abordavam assuntos relacionados ao feminismo. Na década 20 do século XX, emergiram diversas manifestações literárias de cunho feminista que encontraram veiculação nos periódicos da época, muitas vezes carecendo de autoria identificável. Um exemplo disso é a escrita intitulada “Do Feminismo”, publicada no jornal O Itaberahy (1926):

O ingente, pertinaz estorço que a Eva brasileira vem empregando nos derradeiros tempos, afim de elevar intellectualmente o nome de nossa patria, não póde despercebido a todo individuo que acompanhe o movimento intellectual deste país.

Não se conceberia mesmo que a mulher brasileira se deixasse ficar adstricta ao papel secundario de companheira do homem no lar, distribuindo entre elle e os pimpolhos todos os seus affectos, todos os seus carinhos.

Si noutros paizes de civilização millenaria, carunchosa por assim dizer, a mulher tem procurado conquistar um logar ao sol, nada mais natural que, na livre America, as mulheres se báterem pelo ideal justissimo de intellectualmente, ser igualada ao homem. (Saturno, O Itaberahy, 14/02/1926).

A escrita literária citada acima foi assinada no jornal como “*Saturno*”, mas não se sabe a verdadeira autora (o). O objetivo foi enfatizar a ideia de que as mulheres não devem se limitar ao papel tradicional de esposas, mães e donas de casa, mas devem buscar os seus espaços na sociedade enquanto intelectuais. As publicações de escritos nos jornais dessa época, ao abordar temas polêmicos, quase nunca possuíam autoria na medida em que a indignação social era notável. Mulheres que escreviam sobre assuntos como o feminismo eram julgadas e, por isso, as escritas eram assinadas com outro nome ou eram publicadas sem nenhuma assinatura. Ainda que a autora(o) da escrita questionasse o papel das mulheres, em sua continuação, se manifesta contra sua atuação na política:

Entretanto, malgrado assim pensar, não julgo, como outros, que a mulher dera querer immiscuir-se nos nogocios politicos, onde os proprios homens se debatem em xingatorios, em descomposturas soezes, reveladoras de sentimentos ancestraes na conquista da melhor parte do quinhão.

Ora convenhamos em que si è adoravel ler uma poesia escripta por mulher, e em que ella derrame toda sensibilidabe de seu coração sonhador e lyrico, nada teria de bello assistir a uma contenda politica entre representantes do outro sexo.

Eu, que admiro o empenho de Julia Lopes, Bertha Lutz, Albertina Bertha Gilka Machado, querendo fundar uma associação feminina de letras; porque lhes é vedado ingresso na Academia Brasileira, votar-lhes-ia profunda antipathia, si as visse – como vejo a ineffavel sra. Leolina Daltro – a concorrer com os homens nas justas politicas. E com razão... (Saturno, O Itaberahy, 14/02/1926).

O olhar de que as mulheres são sensíveis, doces e frágeis influencia na ideia de não as inserir nas decisões políticas. Por que as mulheres não podem participar da vida política? Por que não podem concorrer aos cargos públicos? Por que a participação delas na política não teria a mesma beleza? Na escrita é mencionada como exemplo figuras femininas que buscavam fundar uma associação feminina de letras, mas ao mesmo tempo expressa antipatia pela ideia de vê-las competindo com homens na política.

Talvez a escrita seria de um autor político que lutava pelo afastamento das mulheres no campo governamental. Não é à toa que Grace Machado, em uma de suas obras que exigiu e defendeu o sufrágio feminino, foi amplamente julgada, uma vez que no Brasil do final do século XIX e primeiras décadas do século XX, “com o debate em torno do sufrágio feminino, recebeu calorosos defensores entre os congressistas! No entanto, recebeu também acirradas críticas” (Karawejczyk, 2013, p.79).

As escritas de Grace Machado eram assinadas nos jornais com o seu próprio nome e, portanto, era uma mulher ousada para divulgar suas opiniões sobre diversos temas, afinal “publicava crônicas ácidas, tecia diálogos com o feminismo local e nacional e também colaborava com críticas às estruturas sociais de forma satírica e irônica” (Freire, 2016, p. 87). No jornal O Itaberahy (1927), Grace Machado foi noticiada e elogiada:

#### GRACE MACHADO

Em companhia de sr. cel. 1º vice Presidente do Estado, passou para a capital a prendada e talentosa senhorinha Grace Machado, nossa distinctissima e constante collaboradora, residente em Jaraguá.

Voltando de sua viagem a Bomfin, já se encontra na capital do Estado, o sr. dr. Celso Calmor, competente e energico chefe de policia, em cujo posto tem prestado relevantes serviços ao Estado (Sem autoria, Jornal O Itaberahy, 1927).

O nome da escritora ser destacado como título fez com que ela tivesse maior visibilidade no jornal da época. Ser notada como colaboradora do jornal e ser mencionada como uma mulher em companhia do vice-presidente do estado mostrou que ela possuía

conexões políticas e sociais – o que era incomum para as mulheres naquele tempo. Em um outro momento, a escritora foi mencionada mais uma vez no mesmo jornal, desta vez, recebendo opiniões sobre a sua personalidade:

### **Grace Machado**

Foi numa rosea manhã de Abril, manha meiga e luminosa, em que o sol refletia de mansinho, como que a medo, que conheci Grace Machado.

Era então alumna do Collegio de Sant'Anna, em Goyaz, e demandava á chacara naquella hora matutina.

Vi-a passar numa soturnidade quasi cenobetica, que tinha qualquer cousa de sombrio.

E Grace naquela manhã afigurou-se-me um mundo de melancolia dentro de uma alma querula e brumal, em que a força invisivel de um pensamento secreto atormenta.

Mais tarde, quando tive a oportunidade de conhecel-a de perto, percebi, então, que Grace me tinha enganado, e que aquelle seu aspecto soturno era apenas uma fantasia do seu espirito travesso e irrequieto.

Ella nada tinha de melancolica, nem de sombria.

E Grace ao fitar-me naquelle dia com os seus lindos olhos de luz que queima, num indiferentismo muito seu, parecia derramar sobre a gente um vulcão eruptivo de ardência espiritual.

A luz erodente de seus olhos invadio-me tão fortemente, que tive impressão de que se irrompia em mim um violento incendio, que avultava em proporção quanto mais me devassava. (S.N, Jornal O Itaberahy, 1 de julho de 1927).

A publicação no jornal foi assinada por “S.N” e, portanto, não se pode deduzir ou afirmar a quem a sigla se refere. As palavras construídas no decorrer da escrita mostram que, o encontro do autor/a com Grace Machado, faz com que ele/a formasse uma opinião acerca da sua personalidade. A escritora é referida como uma mulher de espírito agitado e seus olhos são considerados como uma fonte de intensidade. Após referir palavras caracterizando o jeito de ser da escritora, o/a autor/a conclui sua escrita manifestando encantamento pela sua inteligência:

Mantive com Grace tão agradável conversação que, ao deixar-me, lamentei não poder se eternizar aquelle momento de delicia tão suave.

E' que Grace tem divino dom de prender a gente com o fulgor da sua intelligencia,

Com a intelligencia do seu espirito irradiante.

E desde então venho admirando-a com respeitosa veneração, num crescendo proporcional ao triumpho que vem ella obtendo na imprensa de nossa terra, onde o seu nome fulgura de modo invejavel.

A multiformidade de seus escriptos, o modo variado de suas chronicas, às vezes jocosas, ás vezes repassadas de exquisito symbolismo, è bem o reflexo de sua alma em fremente ebulição.

Grace é como um moto-contínuo de produções que não somente prendem como agradam. E tudo nella encanta e fascina, tudo nella seduz e docemente impressiona.

Por tudo isso, é que vejo em Grace Machado um espirito culto e fecundo, uma intelligencia de robustez sadia, que muito promette, que por isso mesmo merece a admiração de todos e é por isso mesmo que admiro-a com força, com verdadeira vehemencia. (S.N, Jornal O Itaberahy, 1 de julho de 1927).

Neste momento é destacado a capacidade intelectual de Grace Machado onde o/a autor/a da escrita enaltece suas produções literárias ora jocosas, ora simbólicas, e mostra que a escritora é dona de uma inteligência única. Sua personalidade encantadora e sua notável habilidade intelectual a levou a ser vista com o merecimento de ser reconhecida. Por ser de família de classe alta e elitizada, ela possuiu privilégios e incentivo da sua família e até mesmo de alguns homens da época. Ainda assim, o estilo de Grace Machado e alguns de seus escritos foram criticados e desaprovados por homens e mulheres que espalhavam comentários tendenciosos a seu respeito pelas cidades do estado.

Desse modo, a escritora não ficou ileso dos preconceitos direcionados à mulher pela sociedade patriarcal, afinal, “independente da classe da mulher, a política local não a incluía e não a referenciava de forma legitimada” (Freire, 2016, p.18). No jornal O Itaberahy, no ano de 1928, surgiu-se publicações de escritas anônimas vindas de uma mulher em que ousava criticar as injustiças em relação às mulheres. Com pseudônimo literário “Lolota”, por um determinado momento, houve insinuações e dúvidas de que seria Grace Machado. A então questionada escritora fez uma publicação rebatendo a suposição:

#### **SOU MULHER**

Mandei, ha poucos dias, algumas linhas ao ITABERAHLY e achei adorável o efeito por ellas produzido aqui.

Ficaram todos intrigados com a tal Lolota.

Não foram capazes de descobrir a paternidade ou, melhor, a maternidade daquelles beliscões, que irreverentemente andei dando nas minhas companheiras de sexo. Queriam uns que eu fosse fulana, mas qual! esta não tem cadencia para a coisa, ponderavam logo; a Graace não é, porque seu stylo é de ouro não de cobre azinhavrado e tambem seus artigos são da mais alta categoria – afirmaram outros; e assim bamboleavam todos dentro da grande duvida.

Sentiam até comixões nos cotovellos por não poderem rasgar o véo, que resguarda esse objecto de tanta curiosidade!

Os mais affeitos sustentavam: “Isso não é escripto de mulher: não sendo, como não é da Graace, de outra não pode ser.  
As mulheres desta terra não vão nesse negocio de jornal!  
E' de homem o tal escripto, »  
Ora esta! Então o escrever nos jornaes, aqui é privilegio só dos barbados? (Lolota, Jornal O Itaberahy, 1928).

Nesse momento, a escritora teve o objetivo de questionar as dúvidas sobre seus escritos pertencerem a um homem. Percebe-se a seguinte indagação: Ora, se “Lolota” não é Grace Machado, de quem poderia ser? Ou seja, outra mulher não pode ser? Senão é de Grace Machado, então a escrita é de um homem? A sociedade goiana da época limitava as mulheres e Grace Machado era uma das poucas que possuía o privilégio de publicar seus escritos assinados pelo seu próprio nome.

## **2.1 As escritas de Grace Machado no jornal “O Lar” (1926-1932)**

Os periódicos goianos que circulavam nas décadas de 20 e 30 nas cidades do estado de Goiás colaboraram para maior visibilidade das causas feministas e as conquistas dos direitos das mulheres. As publicações e notícias tratadas em suas páginas enriqueciam a imprensa goiana, pois devido ao conservadorismo devassado na sociedade “a imprensa ocupou um papel estratégico na elaboração de discursos e valores a serem apreendidos ou contestados” (Diniz, 2013, p. 21). Com o decorrer do tempo, a imprensa foi sendo valorizada na medida em que discutia sobre novos espaços e perspectivas sociais. Dentre inúmeros temas tratados, os jornais incluíam temáticas que exploravam principalmente as mulheres na sociedade, afinal, nesse momento histórico o feminismo estava sendo debatido no Brasil e no mundo.

Os escritos que Grace Machado publicou no jornal “O Lar” (1926), deram visibilidade ao seu nome enquanto mulher intelectual, afinal, ela buscou opor-se ao patriarcalismo e defender o feminismo com palavras claras e diretas. Considerada uma escritora feminista, não há como negar o fato de que o seu propósito no periódico foi defender o direito das mulheres, mesmo que diretamente ou ironicamente.

O jornal “O Lar”, surgido no ano de 1926 na cidade de Goiás, tinha como diretora Oscarlina Alves e como redatoras Altair de Camargo, Ophélia do Nascimento, Maria Ferreira e Yeda do Nascimento (Diniz, 2013, p.49). Nesta época ocorria no estado de Goiás uma tentativa de reconhecimento local, buscando exceder a memória do estado e representar a identidade regional, “orientando um novo olhar que redefinisse a região para



os próprios goianos” (Nepomuceno, 1998 apud Sandes, 2003, p. 32). A autora Santos destaca de que forma o jornal *O Lar* se inseriu neste contexto:

O *Lar* se insere nesse contexto juntamente com outros artigos da imprensa como *Revista Informação Goyana* que circulou na capital federal, com o intuito de projetar nacionalmente a região goiana, inserindo-a naquele projeto de nação moderna, forjando uma identidade goiana que supostamente se distanciava do espectro do atraso e isolamento (2018, p.107).

Criado na cidade de Goiás, capital do estado nesta época, o jornal era conhecido e tinha alta circulação também em outras cidades. A autora Freire discute que o periódico “também houve diálogos com o feminismo local e nacional. O periódico possui características próprias, contextualizadas e regionais” (2018, p. 181). Nesse sentido, percebe-se que a circulação do jornal atingia um considerável público leitor. Um exemplo disso é o apoio da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF)<sup>27</sup> que *O Lar* teve naquela época. A secretária da Federação teceu as seguintes palavras:

Com os cumprimentos a redação do “*O Lar*” de Goiás, venho em nome da diretora da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, agradecer os jornais enviados e transmitir os votos para que “*O Lar*” continue a colaborar conosco na campanha feminista.<sup>28</sup>

O periódico, dirigido e fundado por um grupo de mulheres, almejava veicular as narrativas e perspectivas das mulheres goianas, onde “novos direitos políticos, sendo o direito ao voto um importante bandeira levantada pelo jornal” (Santos, 2018, p.06). As colaboradoras do periódico eram mulheres elitizadas que estavam ligadas de alguma forma ao contexto político da época. As condições sociais dessas mulheres influenciavam para que tivessem maiores privilégios e voz, pois “enquanto mulheres de elite, foi relevante para tornar possível a elaboração do jornal” (Santos, 2018, p.10).

Ainda que o jornal “*O Lar*” era composto por mulheres, muitos homens publicaram suas escritas e opiniões no periódico. A autora Santos destaca que o jornal também visava “promover o que elas chamavam de progresso moral das mulheres, resguardando direitos domésticos, como a maternidade, garantindo a harmonia e o bom funcionamento da família” (2018, p.06). Assim, para que o jornal não fosse considerado

<sup>27</sup> A Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF) foi criada em 1922 na cidade do Rio de Janeiro. (Calixto, Gouvêa, 2020). Nas páginas 50 e 51 discuto sobre a Federação e os contextos em que seu surgimento estava inserido.

<sup>28</sup> *O Lar*. Cidade de Goiás, p.1, 15 de setembro de 1931, n.98.

“contra a família” e “muito feminista”, as mulheres buscavam ainda inserir as opiniões do sexo masculino.

As escritas de Grace Machado neste periódico eram mais diretas e buscavam criticar o machismo presente na época. A escritora falava sobre o feminismo com maior frequência e até se opunha a alguns escritos de homens. Em outros periódicos escrevia sobre temas mais diversos, enquanto no jornal “O Lar” dirigia suas palavras à emancipação das mulheres goianas com intelectualidade e plenitude. Assim, por ser um jornal dedicado às mulheres, percebe-se que Grace Machado se sentia mais livre em escrever sobre causas femininas, afinal, os discursos feministas “causaram incômodo significativo, o que provavelmente colaborou diretamente para o esvaziamento do apoio público a essa iniciativa jornalística e literária dessas mulheres” (Santos, 2018, p.58).

Em sua obra nomeada “Feminina” (1927), a escritora inicia suas palavras proferindo o fortalecimento das causas das mulheres, que antes eram discutidas principalmente em círculos sociais mais restritos. Ela destaca, principalmente, que a instituição do voto feminino “já é alguma coisa”:

#### FEMININA

As causas femininas, despertando-se, timidamente, das discussões pessimistas ou otimistas das palestras de salão, já se abrem no bocejo promissor, se alongam em colunas magistras [...]

A Mauricio de Lacerda, o majestoso orador, que foi delirantemente aclamado e carregado em triunfo pelo povo, quando liberto da indigna prisão que fora vítima, já acompanhava o sorriso bom de alegria das mulheres que divisavam nele um protetor às suas pretensões.

Com a palavra fluente e autoritária, que o caracteriza, discorre com simpatia sobre o sufrágio feminino e determinou à mesa do legislativo carioca officiar as mesas da Câmara e do Senado, sugerindo às respectivas comissões fosse incluído no projeto que dispõe o voto no Distrito Federal, o “voto secreto” e instituindo o voto da mulher nos pleitos municipais.

Já é alguma coisa.

E Eva, cujos sentimentos de ingratidão se digladiam no seu meio, vai, paulatinamente, ganhando terreno nessa guerrilha semi-velada e astuciosa, que move em prol da emancipação, e igualando-se aos homens no direito que aparteia a todos os ardilosos que perseveram de lutar e vencer.

[...] Portanto a figura simpática e imponente do ilustre ex prisioneiro da legalidade, agindo bem para o feminismo atual não faz mais do que criar um nó górdio, uma trama intrincada para a mulher vindoura, que há de implorar por leis e fatos a quebra da reivindicação e o anulamento de alguma instituição que, breve e indubitavelmente aparecerá, criando ao lado do voto secreto o voto cabal do sexo frágil. (Jornal O Lar, 15/09/1927, p. 3).

Ao referir suas palavras às causas feministas, a escritora destaca principalmente as mulheres na esfera política. Citando o orador e político Maurício de Lacerda<sup>29</sup>, ela enaltece o posicionamento do tribuno em prol do feminismo, que compactuou com sufrágio feminino – demonstrando que o seu apoio é necessário para a conquista das mulheres no direito de votar.

Maurício de Lacerda foi um orador, político, jornalista e escritor entre os anos de 1912 e 1935. Por ser militante e se envolver em movimentos operários durante a sua trajetória, Maurício e seus irmãos (associados ao Partido Comunista Brasileiro) foram perseguidos, mas não deixaram de revolucionar e defender as reivindicações sociais. Nesse sentido, os elogios de Grace Machado ao orador eram intencionais, afinal, uma escritora defendendo um político associado ao partido comunista no jornal não era comum.

Nessa época, o feminismo era um assunto debatido em Goiás e, portanto, as palavras da escritora impõem a importância de as mulheres equiparar-se aos homens nos direitos políticos. Além disso, evidencia que apesar dos avanços já conquistados, ainda existe uma luta contínua pela igualdade de gênero e pela remoção de barreiras institucionais que persistem. Na continuação, Grace Machado ironiza sobre a posição que a sociedade colocava as mulheres e a política aplicada na época:

A vantagem gloriosa da cooperação mulhêr nas eleições será, talvez, trazer para os rebeldes o que eles não conseguiram com a bravura incontestável de que deram provas no longo e perigoso “raid” que encetaram pelas nossas cidades.

Porque, como li algures, na maior parte da família brasileira, a mulher é revolucionário e o homem ... político legalista.

Os nossos recenseamentos e estatísticas evidenciam a superioridade numérica das mulheres sobre os homens.

E então nas campanhas eleitorais haveria de se constatar com satisfação a colossal vitória que obteriam os revoltosos e, sobretudo, o regresso da maior figura de nossa futura história – Luiz Carlos Prestes – o super-homem, o intrépido trabalhador, o guerreiro indomável, a

---

<sup>29</sup> Maurício Paiva de Lacerda nasceu na cidade de Vassouras (Rio de Janeiro) em 1888. Seu pai, Sebastião Eurico Gonçalves de Lacerda, foi político entre os anos de 1891 e 1912 onde exerceu cargo de deputado e ministro. Seus irmãos Fernando de Lacerda e Paulo de Lacerda eram líderes do Partido Comunista do Brasil, depois chamado Partido Comunista Brasileiro (PCB). Seguindo o mesmo caminho, Maurício de Lacerda se envolveu em movimentos grevistas e operários e na luta pelas reivindicações proletárias, participando, inclusive, da fundação da Liga Socialista. Além disso, foi proprietário do jornal Carioca em 1922. Se juntou com civis e participou ativamente de revoltas ocorridas entre os anos de 1922 e 1924, onde ocasionou até mesmo sua prisão. Ainda preso, em 1926 foi eleito vereador no Distrito Federal, sempre articulado com organizações operárias e movimentos sociais. Participou e deu apoio à Aliança Liberal (AL) e foi opositor de Getúlio Vargas (Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro pós 1930. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2001).

nobreza personificada, a criatura superior, acima de todos os exaltantes qualificativos – do Inferno Verde para o seio desse Brasil, do qual o valoroso general se mostrou, pela lúcida inteligência, pela admirável abnegação, pela nobreza de sentimentos, pela arriscada empresa em que, com galhardia e desprendimento esteve à frente, filho mais digno e mais amante do que vários daqueles que, mascarados com a tinta grosseira de defensores do poder legal, nada mais pretendiam senão locupletar-se na exposição mesquinha e cerimoniosa da “indústria da legalidade”.

Ao lado dos surtos vantajosos, os direitos femininos, cabalísticos como todas as questões, apresentam também as suas desvantagens: as controvérsias, as divergências, sob o ponto de vista, entre Adão e sua respectiva companheira. {...}

Neste instante, Grace Machado também constrói elogios à Luiz Carlos Prestes, destacando suas qualidades e sua forma de liderar. Percebe-se que a escritora o considera um líder digno e nobre, em contraste com outros políticos que são vistos como preocupados com seus próprios interesses. Além disso, ela opina e se refere às críticas direcionadas a ele vindas de líderes opositores como “exposição mesquinha e cerimoniosa da “indústria da legalidade””. A autora Freire (2016, p.127) destaca que Grace Machado se mostrou decidida ao elogiar Maurício de Lacerda e Luiz Carlos Prestes, pois “ambos foram interpelados como subversivos, e os movimentos políticos que eles apoiaram e participaram foram considerados ilegais pela conjuntura de poder em Goiás, os Caiados”.

Grace Machado também destaca que as mulheres podem desempenhar um papel importante nas eleições que é o de contribuir para o sucesso dos “rebeldes”, como referido por ela (ou seja, de grupos políticos não convencionais ou revolucionários), afinal, ela completa que as mulheres são mais revolucionárias e já os homens são inclinados ao legalismo político. Em seguida, a escritora acentua a superioridade numérica das mulheres em relação aos homens, onde destaca que a conquista das mulheres no direito de votar é favorável aos interesses políticos, considerando que nesta época haviam muitas mulheres.

Apesar de sempre focalizar os lados positivos do sufrágio feminino, Grace Machado também pontua ironicamente algumas desvantagens, que podem ser percebidas na sua crítica e ironia em relação às condições futuras das mulheres. A escritora alfineta que haverá arrependimento por parte das mulheres em não se manterem submissas e dependentes em seus lares. Nesta época, para os homens, as mulheres serem restringidas dos direitos públicos e ter a responsabilidade de cuidar de seus lares significava tranquilidade, onde os discursos da época “ajustaram-se perfeitamente com a alegação de

que o casamento garantiria a proteção física, moral e material delas” (Santos, 2018, p.72).

Assim, a escritora conclui a sua escrita de forma irônica:

E a mulher do porvir, cansada de trabalhar e de discutir, reconhecerá o erro em que caíram suas antecessoras de se libertarem do harém confortável de seus maridos, para as lides enganosas das oficinas; a leviandade que cometeram de abandonar seu papel inocente, ingênuo, hipócrita, de rainhas, escravas ou conselheiras para adjuntas e auxiliares do sexo forte, nas despesas e obrigações das casas, o passo em falso que darão de quebrar os grilhões que as faziam deusas ou “diabretes”, para se masculinizarem, a bem da humanidade.

Mas, até lá, o batalhão feminino já terá feito alguns atos nobres e grandiosos, louváveis e imortais.

Enquanto, porém, não houver ainda nada de definitivo, alguns atos nobres e grandiosos, nós que vivemos sufocadas e alheias aos movimentos subversivos no Coração do Brasil, conservemo-nos neutras, até que os grandes vultos femininos, da literatura e das demais agremiações patricias, declarem, abertamente, apoiadas em princípios irrefutáveis, contendas sufragistas para que nos deixemos arrastar também pela correnteza e desembocarmos, vencidas ou vencedoras, no campo político e social de nossa bela e sempre querida Pátria. (Jornal O Lar, 15/09/1927, p. 3)

O não acesso das mulheres na política e no mercado de trabalho significava também segurança e conforto: “Na estrutura clássica, burguesa e católica de família, a mulher era a guardiã da moral e do conforto do lar e o homem deveria ser o provedor financeiro” (Santos, 2018, p.79). Nesse sentido, na obra é ironizado que as mulheres do porvir, ficarão cansadas de discutir e trabalhar onde “sentirão falta” da limitação estabelecida. A escritora alfineta que as mulheres que buscam igualdade e independência estão se “masculinizando”, como se a feminilidade estivesse em oposição à igualdade de gênero – refletindo na visão tradicional de que as mulheres devem ser frágeis e dependentes.

Devido às conquistas feministas, as mulheres alcançam o direito de persistir, criticar, opinar e ter voz na sociedade – fato que não era possível no início do século XX. Portanto, o sarcasmo usado por Grace Machado faz refletir que, as mulheres podem trabalhar, discutir e participar das questões políticas e sociais e que o injusto e errado é ser limitada, julgada e restringida pela sociedade.

Evidencia-se, na conclusão de suas palavras, a importância de um apoio unificado e fundamentado em princípios sólidos para que as mulheres possam efetivamente fazer a diferença no campo político e social do Brasil. De acordo com a autora Freire havia um silenciamento em Goiás em relação aos conflitos e desavenças políticas ocorridas no

estado e o jornal “O Lar”, nesse período, “o periódico buscava passar uma imagem de “neutralidade”, que como efeito garantiu a sua continuidade nesse contexto conflituoso” (2016, p.122).

Em outro momento, Grace Machado publicou uma escrita em que discursava a favor das mulheres ocuparem espaços fora das atividades familiares – expressando que elas são capazes de exercer outros cargos que não seja o de cuidar de seus lares:

#### FEMINISMO EM GOYAZ

A mulher brasileira já vai, fortemente, despertando do seu letardo de séculos – disse e, há pouco, a sra. Arroxellas Galvão.

E foi bem inspirada no seu pensamento a vibrante jornalista e escritora patricia, quando o proclamou, com a sua reconhecida autoridade, a um dos grandes matutinos da Capital da República.

Realmente já se apresenta algum tanto acentuado o movimento da mulher em nosso país. Vemo-la, de norte a sul, a infiltrar-se por quase todos os ramos da atividade humana. Se temos mulheres em casa, cuidando dos seus sagrados deveres de família, temo-las também, entre outras modalidades da vida, nos bancos acadêmicos, nos esportes, no comércio, no sacerdócio da medicina e da advocacia, no jornalismo e nos mais altos departamentos da administração pública.

No domínio das letras, por exemplo, é bastante promissivo o entusiasmo que vem empolgando a alma feminina nesse nosso Brasil querido. Somente Goiás, parecia, não desejava fazer coro com as nossas irmãs de outros Estados. Agora, felizmente, surge na capital um grupo de goianas abnegadas, empunhando a bandeira do reerguimento do sexo.

Bravos! Com a aparição d’ O Lar, órgão da mentalidade feminina, e que, pela sua significação, encerra o que há de mais sublime para a mulher, rompeu-se o indiferentismo do meio: vai falar a mulher de nossa terra!

Parabéns, portanto, a esse punhado de heroínas. A elas, as minhas retumbantes palmas, acompanhadas das mais efusivas congratulações com o feminismo conterrâneo e dos ardentes votos que faço, pela interminável existência desse jornal em boa hora idealizado e que auguro bem recebido, para que assim se complete o êxito esperado, em torno do progresso da mulher goiana” (O Lar, 15/08/1926, p. 2).

Em suas primeiras palavras, é referida a sra. Arroxellas Galvão, umas das membras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, tecendo elogios. Não se tem muitas informações a respeito da biografia da sra. Arroxellas Galvão, mas sabe-se que enquanto membra da Federação trabalhou junto com as fundadoras Bertha Lutz, Jerônima Mesquita, Stela Guerra Duval, Carmem Portinho e Maria Amália Bastos. Todas estas mulheres colaboraram para o crescimento do feminismo, tendo como destaque Bertha Lutz que foi a principal fundadora e ativista feminista da Fundação:

A entidade compunha-se basicamente de mulheres da elite, que faziam uso das suas relações pessoais e, em alguns casos, profissionais, para articular campanhas em defesa das suas bandeiras e arregimentar defensores para suas causas. Logrou criar raízes em todo o território nacional, através das suas entidades filiadas, e estabeleceu fortes laços com o movimento feminista internacional. (Calixto; Gouvêa, 2020, p.240).

Nesse sentido, as palavras da escritora a respeito de uma das contribuintes da Fundação, cuja principal causa era a promoção do avanço das mulheres e o fortalecimento dos movimentos feministas, evidenciam o seu apoio ao feminismo. No momento em que a escritora diz que a sra. Arroxellas “foi bem inspirada no seu pensamento”, percebe-se que os elogios de Grace Machado mostrando a sua visão de que a colaboradora é uma figura inspiradora, necessária e influente no meio jornalístico.

A Federação Brasileira pelo Progresso Feminino (FBPF) foi fundada em 1922 no Rio de Janeiro com o objetivo de resistir ao patriarcalismo na sociedade e lutar pelos direitos das mulheres: o direito à educação, o acesso ao mercado de trabalho e o sufrágio feminino eram as principais pautas defendidas pela Federação. Na segunda década do século XX, as mulheres já lutavam pela conquista dos seus direitos e, sendo assim, as principais fundadoras da Federação (Bertha Lutz e Carrie Chapman Catt) antes mesmo da sua formação já escreviam em periódicos e discutiam pautas que defendiam o feminismo, onde tinham privilégios por serem elitizadas: “tinham uma vida pública, pertencendo a famílias importantes, ou tendo casamentos importantes, que as davam visibilidade na sociedade” (Pires, 2016, p.28).

Uma das primeiras causas discutidas na Federação foi sobre a educação feminina, onde “Lutz acreditava que uma educação de verdade, igualitária, para as mulheres acabariam com as mazelas de uma sociedade desigual” (Pires, 2016, p.30). As fundadoras e suas membras afirmavam que, se são as mulheres que criam os seus filhos, elas devem ter o direito a educação para assim ensiná-los sobre o respeito às mulheres. Nesse sentido, os elogios descritos na obra “Feminismo em Goyaz” destacando uma das membras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino é uma estratégia em se mostrar a favor do feminismo.

Tendo em vista o fato de que as mulheres “quanto menos se expunham, melhor era para continuar mantendo a imagem, não só sua, mas também do marido, a quem devia respeito e devoção, e a de sua família” (Pires, 2016, p.33), Grace Machado se opôs a este pensamento ao dizer que “se há mulheres cuidando dos seus filhos e dos deveres do seu lar, também se pode tê-las em outros espaços públicos” (Freitas, 1926). Neste momento,

ela conduz suas palavras no sentido de mostrar que as mulheres são capazes de exercer diferentes cargos que são efetivados livremente por homens.

Outro ponto percebido pelas falas de Grace Machado é o seu sentimento de satisfação em ver que as mulheres estão se unindo para promover o progresso feminino no estado de Goiás. A escritora conclui sua fala com palavras de parabenização, deixando claro que a criação do jornal *O Lar* é um marco significativo para o progresso do feminismo em Goiás – haja vista que a literatura e a imprensa eram importantes ferramentas de expressão e mobilização nesse movimento histórico, pois “a imprensa aprimorou técnicas, discursos e sensibilidades coerentes com a velocidade e a transitoriedade característica do imaginário moderno” (Diniz, 2013, p. 45).

Na página anterior do periódico em que estava a obra “Feminismo em Goyaz” citada acima, houve a publicação de um escrito feito por Luiz do Couto<sup>30</sup> que apresentava introdutoriamente o jornal. Segundo Freire as palavras do escritor entraram em divergência com as de Grace Machado pois Luiz do Couto deixa claro que o jornal “seria tanto a inserção intelectual como a reiteração ideológica da mulher nos espaços domésticos” (2016, p.92), enquanto Grace Machado em seguida faz um discurso feminista. Em uma parte da escrita de Luiz do Couto percebe-se a tentativa do escritor, enquanto homem, em mostrar os objetivos e missões do jornal – incluindo o pensamento de manter a preservação da família onde as mulheres devem “fazer o lar feliz”:

Não será um jornal feminino revolucionário, se batendo por certas reivindicações que as sufragistas pretendem, atirando bombas de dinamite, destruindo obras de arte e vidas. Nada disso.

A sua missão é de fazer o lar feliz, formar o espírito da moça dentro dos princípios sadios, desenvolver a sua cultura, encaminhando-a para a Beleza e Amor aos grandes e nobres sentimentos humanos.

A maior ventura da terra é a felicidade do lar. É por essa felicidade que se bate a mulher goiana.

É por ela e para ela que se fundou esse jornal.

Bem-ditas sejam essas moças que tornaram sobre ombros tão sagrada missão!

Bem-ditas sejam. (Duas palavras, Luiz do Couto, *O Lar*, 15/08/1926, p. 1)

---

<sup>30</sup> Luiz Ramos de Oliveira Couto foi um escritor, poeta e jornalista goiano. Nasceu na cidade de Goiás em 1884 e faleceu no ano de 1948. Ficou conhecido pelo seu desempenho jurídico, literário e como cofundador da Academia Goiana de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás: “participou das principais instituições culturais de Goiás do início do século XX, como o Gabinete Literário, o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (o qual ajudou a fundar), da ordem dos Advogados de Goiás e da Academia Goiana de Letras” (Lacerda, 1986, p. 47 apud Silva, 2011, p. 228).



Quando Luiz do Couto diz que “Não será um jornal feminino revolucionário”, utilizou-se uma estratégia para indeferir e limitar as escritas do jornal. Além disso, “a missão do jornal, nas palavras de Couto, seria tanto a inserção intelectual como a reiteração ideológica da mulher nos espaços domésticos” (Freire, 2016, p.92). Nesse sentido, as palavras de Grace Machado após a publicação do escritor foram consideradas insurgentes quando ela defende a ideia de que se as mulheres podem cuidar dos seus lares, elas também podem estar inseridas em “quaisquer outras modalidades da vida” (Freitas, 1926).

O escritor Luiz do Couto, ao se referir às sufragistas como violentas e destruidoras, remete-se ao que estava ocorrendo na Europa. As mulheres europeias no início do século XX estavam lutando para conquistar o direito ao voto onde, alguns grupos de mulheres, reagiam de maneira mais violenta. A autora Santos ressalta que, com notícias espalhadas pelo mundo sobre atentados por parte das mulheres militantes, “engrossava os argumentos de opositores que condenavam as sufragistas pela violência considerada atípica e inapropriada para “a natureza feminina” (2018, p.44).

Destaca-se que as mulheres estavam exaustas das restrições sociais e políticas que as limitavam. Esse cansaço se manifestava de maneiras diversas, levando cada mulher a encontrar sua própria forma de reação e resistência. Algumas optavam por desafiar as normas por meio de escritos incisivos e discursos, enquanto outras se engajavam em atividades políticas diretas, como manifestações e petições. Assim, as mulheres exigiam os seus direitos eram postas como violentas.

Grace Machado e Oscarlina Pinto foram as escritoras que mais abordaram sobre o feminismo em suas escritas e assinavam com seus próprios nomes, afinal, nesta época era muito comum mulheres publicarem suas escritas sem autoria. Grace Machado destaca Oscarlina Pinto em uma de suas escritas e utiliza das palavras para elogiar a criação do jornal como um espaço onde as mulheres podem trocar ideias, difundir seus pensamentos e reivindicar seus direitos. Ela menciona que o jornal "O Lar" é um reflexo da alma da mulher goiana e que sua existência é um triunfo do feminismo no estado de Goiás – expressando a esperança de que o jornal continue a contribuir para o desenvolvimento do estado:

#### **O Lar e o Feminismo**

Já vai para um ano e escrevia Oscarlina Pinto: - Há muito que vínhamos notando no nosso meio social a falta de um jornalzinho, onde

a mulher com mais liberdade pudesse trocar ideias, difundir seus pensamentos, e, escrevendo-o apresentava-nos “O Lar” – “Ninho querido das almas felizes. Não se deixa desanimar pela descrença essa nossa fulgente diretora e, auxiliada por algumas patrícias esforçadas e valorosas contribuiu, em grande parte, para o “desmantelamento da profecia” do nosso nem sempre infalível Barão de Ergonte, Luiz do Couto – astro da primeira grandeza no firmamento do jornalismo goiano: Lançou a ideia de um jornal feminino e a semente plantada criou raízes, cresceu, floriu e frutificou.

Aí temos, pois, “O Lar”, produto genuíno da vontade de meia dúzia de moças, acompanhadas de perto por poucos, porém iluminados companheiros de lides jornalísticas; e, possuindo nós essa pequena folha que não é senão o espelho da alma da mulher goiana, já se nos torna impossível duvidar do valor dessa mesma mulher que, destarte, se associa ao concerto universal em prol das reivindicações intentadas pelo nosso sexo. Confirma-se, portanto, o conceito de que, tal como nos mais adiantados Estados da Federação brasileira e nos países mais civilizados de todos os continentes, a mulher da nossa terra também em si conduz a capacidade das grandes realizações. Este primeiro aniversário do nosso jornalzinho que tem sabido vencer, pela sua pontualidade, todos os embaraços naturais ao meio, marca indiscutivelmente um imarcescível triunfo do feminismo em Goiás.

E se palmas eu bati, quando do seu aparecimento em agosto passado, renovo agora, ainda mais retumbantes e, com o pensamento voltado para Deus, a “O Lar” jornal continuo agourando a mesma solidez do lar goiano, para que infindáveis sejam os benefícios à mocidade e ininterrupta a marcha em direção ao desenvolvimento destas terras que é nossa, materialmente nossa! (O Lar, 15/08/1927, p. 3-4)

Oscarlina Pinto<sup>31</sup> dirigiu o jornal O Lar e, portanto, era uma mulher representante naquela época: “Oscarlina Alves Pinto fundou o primeiro jornal feminino, com intenso labor e constância admirável”<sup>32</sup>. Pelas palavras de Grace Machado, percebe-se que havia admiração de sua pessoa pela diretora do jornal feminino ao proferir elogios a então diretora e o seu jornal.

O reconhecimento de Grace Machado ao jornal O Lar é percebido durante o seu discurso onde suas palavras demonstram que o jornal é um reflexo das perspectivas e aspirações das mulheres goianas. Assim, a existência e sucesso do jornal demonstram que as mulheres em Goiás têm a capacidade “das grandes realizações” (Freitas, 1927) à

---

<sup>31</sup> Nasceu na cidade de Goiás em 1885: “Oscarlina era filha de Amália Amélia com Luiz Alves Pinto, ela viveu com seus pais e sete irmãos. Além de dirigir o jornal, ela também trabalhou nos correios, nos telégrafos e na tipografia e papelaria de seu irmão Caetano, inclusive tomando conta praticamente sozinha dos negócios da família, após a morte do pai e do irmão. Na tipografia da família eram impressos os números do jornal” (Silva, 2018, p. 24)

<sup>32</sup> SILVA, Genezy de Castro. O aniversário inesquecível. ANUÁRIO – AFLAG. Goiânia. 1981-1982, p. 59-60 (Arquivo da AFLAG).

semelhança das mulheres de regiões mais avançadas do Brasil e do mundo. A escritora celebra o primeiro aniversário do jornal como uma vitória do movimento feminista em Goiás, indicando que a criação do periódico é um passo significativo no avanço das reivindicações das mulheres na região. Grace Machado conclui suas palavras dizendo: “E se palmas eu bati, quando do seu aparecimento em agosto passado, renovo agora...” (Freitas, 1927). Ou seja, a escritora demonstra esperança de que "O Lar" seja um avanço importante para o crescimento do feminismo e valorização das mulheres.

Na próxima obra de Grace Machado, novamente evidencia sua defesa incisiva do feminismo e sua luta contínua pela igualdade de gênero. Em "Sursum Corda", a escritora pontua sua visão sobre como os homens frequentemente encaram o feminismo como uma aberração, buscando controlar as questões femininas e enxergando as mulheres como o "sexo frágil", negando-lhes direitos fundamentais como o sufrágio e outras conquistas essenciais para a igualdade de gênero. Assim, ela descreve o egoísmo dos homens:

#### SURSUM CORDA

[...] A grande aberração do momento é, sem dúvida, o feminismo que, sob a luz da ribalta que cintila na faina insaciável da igualdade, veio trazer à mulher a certeza de que ela ocupa parte importantíssima da vida social e dos homens

[...] Todos se movimentam e as penas de homens ilustres cuidaram com carinho da questão feminina, expuseram a sua opinião, muitas das quais com requinte de ironia, em graciosas paráfrases e duetos a louvável e genial ideia de inculcar nos deveres da mulher mais o serviço militar e dos jurados, ao lado do sufrágio ... outros precisam tão somente a falta de preparo para receber o movimento de emancipação e o “golpe do estado” que o voto projetará no seio dos casais. Afinal, se os homens não se preocupassem com o sexo frágil, teriam recebido, mudos, a notícia do sufrágismo com um sorriso de aprovação ou simplesmente encolheriam os ombros com irreverência.

[...] Eles, egoístas, as querem só para si e a expandem raivosamente a ideia de que elas possam um dia existir para a coletividade e irradiar além das paredes de suas casas e das fronteiras de suas cidades o prestígio de sua capacidade, os benefícios de sua ação... E no meio feminil, o desejo de emancipar-se nasceu justamente de um estado de insatisfação. E é este estado que impulsiona, ao lado de um sentimento filantrópico, a mulher no ardor de procurar em horizontes mais amplos, a verdade de realização, a maneira de igualar-se, de exceder aos homens em todos os direitos.

[...] E eu, às vezes, pergunto a mim mesma que diriam hoje, em nossas cidades, as vovós de 100 anos atrás, tão dignas, tão severas, tão recatadas, que enrubesciam quando se punha em foco o nome feminino, que viviam numa santa ignorância, analfabetas, que não almejavam outra coisa senão a paz e o sossego do lar... se lhe aderissem que o feminino e o nome da mulher andariam hoje num baralho compulsório, à flor das apreciações, das bocas e dos magazines, e que são as coisas mais divertidas do século XX?!

[...] O Feminismo para as velhas provincianas de então era o desmantelamento das famílias e elas não procuraram conhecer os nomes suntuosos das Evas imortais, que naquele tempo, como agora, apareciam tocadas de beleza e admiração.

[...] O objetivo das verdadeiras feministas que veem no sufrágio não um meio de se elevarem, de aparecerem, uma maneira de publicidade, mas o campo de ação que elas pretendem corroborar, em contato íntimo com os homens, o ideal comum de todos os povos: o engrandecimento, a fortaleza, a glória de sua Pátria.

[...] Eu falo por mim e sei que minha palavra terá repercussão no espírito de muitas outras, cuja inteligência aguçada se prepara antecipadamente para ir aos urnas e sagrarmos nosso Presidente: que as mulheres ajudarão a eleger o presidente que, bem escolhido, saberá elevar o nome de Goiás aos pináculos do desenvolvimento, tornando-o conhecido nas rodas brasileiras.

[...] Eu serei eleitora. Eu também reclamo o direito de votar (O Lar, 15/01/1928, p. 3).

Destaca-se que os homens quiserem as mulheres só para si e cuidar de suas escolhas e decisões. Nesse sentido, os anseios das mulheres para conquistar a emancipação feminina surgiu precisamente de um sentimento de descontentamento e que isso as impulsionou no desejo igualar-se: “a mulher no ardor de procurar em horizontes mais amplos, a verdade de realização, a maneira de igualar-se, de exceder aos homens em todos os direitos” (Freitas, 1928). Este pensamento é se opor a ideia de que as mulheres devem estar apenas no aconchego do lar, sem liberdade e direitos. Grace Machado completa seu pensamento se referindo às “vovós de 100 anos atrás” que viviam em uma época em que o nome e a presença das mulheres eram tratados com grande discrição, muitas vezes ficando em segundo plano.

Tendo em vista que o feminismo local “estava embrenhado nos embates políticos de ordem mais geral, e nas próprias concepções do que seria antigo, atrasado e o que seria progresso” (Kofes, 2001 apud Santos, 2018, p.128-129), Grace Machado destaca que o feminismo era visto como a destruição das famílias e que as mulheres não se preocupavam em admirar as conquistas femininas. Para a escritora “o feminismo representava o futuro e a modernidade na medida em que propiciava às mulheres, uma nova possibilidade de futuro...” (Santos, 2018, p.128).

Nas suas últimas palavras, ressalta-se os propósitos das feministas daquela época, dizendo que elas enxergavam no sufrágio um meio de participar ativamente e igualmente no processo político em conjunto com os homens. Na conclusão de seu discurso, Grace Machado diz: "Eu também reclamo meu direito de voto" (Freitas, 1928), deixando claro

seu posicionamento favorável ao feminismo e sua defesa inequívoca pelo sufrágio feminino.

## 2.2 As escritas de Grace Machado no jornal “O Itaberahy” (1926-1930)

O jornal “O Itaberahy”<sup>33</sup> surgiu no ano de 1926 com o objetivo de publicar notícias, crônicas e artigos que circulavam no estado de Goiás. Como o próprio nome já diz, o jornal surgiu no município de Itaberahy-GO (Itaberaí-GO). A cidade, que hoje conta com aproximadamente 44.734 moradores<sup>34</sup>, era uma das menores do estado nas primeiras décadas do Séc. XX. O surgimento do jornal visava valorizar e destacar o município, pois naquela época as cidades interioranas não eram apreciadas e reconhecidas. Apesar de noticiar acontecimentos locais, o periódico também abordava informações e discussões vindas de outros municípios, afinal, “O jornal à época significava o único meio de comunicação de “massa” – ou pelo menos próximo a isso” (MENDONÇA, 2012, p. 8). Nesse sentido, o periódico não se limitava apenas a notícias locais, mas levantava acontecimentos e escritos regionais.

A circulação do periódico acontecia no município de Itaberahy e, sendo assim, o maior acesso ao jornal era da população que residia na cidade interiorana. Embora o jornal ainda fosse pequeno, suas páginas circularam em outras cidades do estado de Goiás como na capital (Cidade de Goiás) e demais cidades vizinhas como Jaraguá-GO, Pirenópolis-GO e Palmeiras de Goiás – atingindo um maior público de leitor/a. Chegou a ser referido em outros estados onde, após o seu surgimento, O Itaberahy foi citado em 1926 nos jornais “O Estado de São Paulo” (1875) e “Gazeta de Uberaba” (1875):

« ITABERAHY – Temos sobre a mesa o primeiro numero do "Itaberahy", interessante quinzenario que acaba de ser fundado na cidade do mesmo nome, no Estado de Goyaz, pelos srs. Arthur e Eliezer Pinheiro.

Trata-se de um jornal literario e noticioso, com quatro paginas nitidamente impressas, em elegante formato, enfeixando materia de apreciavel valor informativo. A novel publicação, sendo o primeiro jornal que se imprime na longinqua Itaberahy, marca indubitavelmente um apreciavel progresso na vida dessa prospera cidade. »

(Jornal O Estado de São Paulo, 1926)

<sup>33</sup> O Jornal foi dirigido por Arthur Pinheiro e tinha como gerente Elieser Pinheiro.

<sup>34</sup> Estudo feito pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) no ano de 2021. Segundo o IBGE, a população de Itaberaí em 1970 contava com 25.371 moradores, ou seja, a metade do que é hoje. Sendo assim, pode-se imaginar que a população na década de 20 e 30 era ainda menor, sendo considerada uma das menores cidades do estado.

«Itaberahy» – Em Itaberahy, no visinho Estado de Goyaz, acaba de surgir um jornal bi-mensal, independente, literario e noticioso. Dirigido pelo sr. Arthur Pinheiro, tendo como gerente o sr. Eli «ser Pinheiro, o collega goyano surge animado dos mais ardentes propositos de bem servir Itaberahy, Goyaz, e o Brazil, sob o lemma: «pela Patria e pelo povo». Ao novel collega, a «Gazeta» retribue a visita, formulando votos de muitas prosperidades»  
(Jornal Gazeta de Uberaba, 1926)

No jornal O Lar, na comemoração do seu aniversário, o periódico foi citado em palavras de agradecimento juntamente com outros jornais da época:

Aos nossos distintos confrades O Democrata, Voz do Povo, Mensageiro do Rosário e O Estudante, todos da Capital e ao Ytapemeri; Araguay e Itaberahy, agradecemos, cordialmente, as amáveis referências que tiveram para com nossa folha, pelo motivo da passagem do nosso primeiro aniversário (O nosso aniversário, sem autoria, O Lar, 15/08/1927, p. 2).

Nesse contexto, se o jornal foi referido é porque estava sendo acessado pela população da cidade de Goiás e pessoas de outros estados. O Itaberahy e O Lar eram jornais com objetivos distintos e escritos diferentes. Ainda que ambos tivessem escritas femininas, percebe-se que o jornal O Itaberahy não focalizava suas escritas e notícias voltadas para a emancipação das mulheres, afinal, era um periódico dirigido por homens. Já o jornal O Lar, enquanto dirigido por mulheres, tinha o objetivo voltado para a defesa e apoio ao público feminino. Um exemplo disso é a diferença das temáticas tratadas por Grace Machado onde suas escritas no jornal O Itaberahy não priorizava discussão sobre feminismo e sim outros tipos de temáticas.

Na primeira publicação do jornal, no ano de 1926, foi escrito de forma evidente os principais focos e objetivos do periódico – destacando sobretudo as qualidades do município. A escrita deixa evidente que o jornal seguiria uma linha de imparcialidade e que não iria fugir dos interesses gerais da sociedade:

#### **O ITABERAH Y**

“O Itaberahy”, que hoje se apresenta ao publico, não vem vestido com as pomposas roupagens da política ou do officialismo.  
Imparcial, jamais se emiscuirá em questões que não visem o interesse geral do nosso municipio, do Estado de Goyaz e do querido Paiz Cruzeiro do Sul.  
Noticioso, dará sempre as noticias de grande importancia.  
Defensor, estará sempre de arma em punho e na lissa da lucta, todas as vezes em que o nosso municipio, o Estado ou a União se sinta na necessidade de defeza.

Como órgão de interesse geral, noticiará todos os actos do Governo, que possam interessar, sem os commentar.

Eis em poucas linhas traçado o programma do nosso primeiro jornal. Sempre de viseira alevantada palmilhará a trilha, que lhe é traçada, não se importando nunca com as caretas dos invejosos, ou com o indifferentismo dos jgnorantes.

Apresentado ao publico o nosso modesto jornal, pequeno no tamanho, mas, grande no ideal [...] (O Itaberahy, 1 de fevereiro de 1926).

O jornal preocupava-se em atender os interesses do público e, pensando nesta característica do periódico, estava disposto a não se envolver em polêmicas e escândalos em suas escritas, afinal, os jornais de modo geral “deveria impreterivelmente estar em sintonia com o interesse do público leitor” (Santos, 2018, p.45).

Os periódicos começaram a publicar escritos de autoria feminina e as mulheres que publicavam no jornal O Itaberahy quase sempre deixavam seus escritos sem autoria ou utilizavam pseudônimos.

A escrita das mulheres iluminou os caminhos pelos quais elas seguiram, conscientemente ou não, em busca de autonomia e ampliação de seus espaços de poder. Espaços que se ampliaram consideravelmente a partir do momento em que elas se lançaram no universo da literatura inicialmente, eclipsadas por pseudônimos e, posteriormente, enfim, assistindo suas assinaturas inseridas nas colunas de jornais e revista. Tendo seus nomes estampados em livros de própria autoria (Santos, 2018, p.02).

Nesse sentido, a literatura permitiu que as mulheres goianas fossem intelectualmente reconhecidas e tivessem voz por meio de suas escritas, contribuindo para o progresso social e político regional. A autora Ferreira (1998, p.91) considera que a literatura “possibilita ao leitor a capacidade de averiguação da linguagem, dos usos, dos costumes, das representações e do cotidiano das pessoas inseridas em determinado tempo e espaço”. Assim, a partir da análise das falas, das críticas e discursos das mulheres goianas, percebe-se seus intuitos e propósitos em relação a sociedade da época.

É percebido que os diretores do periódico tinham receio de se envolver em polêmicas. Em outra publicação, em determinado momento eles lamentam as críticas e julgamentos surgidas ao jornal:

#### **ITABERAH Y**

Porém o que devéras não esperavamos era que encontrassemos espiritos què, longe de baterem palmas generosas aos nossos esforços, ao nosso emprehenmento, atirassem-nos os seixos da critica injusta e desarrazoada, esquecendo-se de que temos carencia de tudo quanto necessario se torna para a bôa confecção de um periodico moderno.

Com isso não reclamamos louvôres. ao nosso trabalho, mas lamentamos que só enxergassem defeitos em nosso modesto jornal, que é órgão do povo, para o povo e pelo povo (O Itaberahy, 14/02/1926).

Pelas palavras dos diretores, o periódico não possuía tanto recurso para tornar uma publicação moderna de alta qualidade e expressa decepção com as críticas. Nesta época, os jornais eram “o recurso midiático das diversas oposições políticas; eles demarcavam o início de uma nova composição política e as oposições às essas” (Freire, 2014, p.17). Nesse sentido, o jornal O Itaberahy também se destacava por promover inúmeros debates políticos da época. Ainda assim, os diretores não esperavam receber críticas injustas ao invés de reconhecimento pelos seus esforços.

Ainda que seus escritos não priorizava o público feminino e discussões sobre o feminismo, no ano de 1928, Grace Machado tornou-se redatora do jornal, algo inédito para a época, ainda mais em um jornal dirigido por homens. Assim, o periódico divulgou o anúncio da escritora como nova redatora:

#### GRACE MACHADO

Sentimo-nos ufanos em transmittir aos amaveis leitores que o astro feminino, que brilha na constellação dos litteratos goyanos, a fulgurante jornalista Graciema Machado "Graace Machado", gentilmente accedeu ao nosso convite, acceitando o logar de Redactora de nosso modesto jornal. Essa estrellá, que fulgura no firmamento das lettras patrias, é um dos espiritos mais bem formados, que perlustram a senda do jornalismo sertanejo.

A belleza de sua alma vibrante é espelhada em seus artigos, que traduzem a grande illustração de uma intelligencia robusta.

Com esse auspiciosa noticia, que damos aos nossos amaveis leitores, nos cougratulamos com elles e nos sentimos em extremo honrados.

No proximo numero "Itaberahy" estampará um magistral artigo da lavra de nossa novel Redactora, sob a epigraphe "Miseraveis"<sup>35</sup> (Jornal O Itaberahy, 01/03/1928).

A escritora é elogiada com palavras de “essa estrela”, “espírito bem formado”, “beleza de sua alma” e “inteligência robusta”. Esses elogios referidos a Grace Machado mostra a admiração que se tinha na época pela sua intelectualidade. É anunciada como redatora de forma que o autor expressa honra e gratidão pela participação de Grace no jornal, antecipando a publicação do artigo “Miseraveis”.

Em uma das primeiras publicações de Grace Machado no jornal, percebe-se a diferença das temáticas tratadas por ela neste periódico. A escritora utiliza uma linguagem

---

<sup>35</sup> A escrita “Miseraveis” de Grace Machado encontra-se nas páginas 84-86.



poética em que explora a beleza e a efemeridade das nuvens e assim, reflete sobre a natureza e a passagem do tempo:

### NUVEM

Vapor d'agua que se acumula ... paisagem celeste... quadros da natureza... dansarinas do ether...flores das alturas...scintillações de arte... flocos de algodão.... companheiras dos astros... moldura da terra...adornos da natura... blocos de granito... inspiração de artistas...fôrmãs esguias... musas de poetas... montanhas do céu... figurinhas chinezas...taes são ellas, cirrus, nimbas, os cumulus

Interessante!

Penugens que se alongam esgarçam. crescem, estiram, amontoam, desenham no alto brancas azas gigantescas, á semelhança dos membros pandos, volateis, da aguia soberana a pairar no infinito.

E o jogador, infatigavel, lembra-se do "Bicho" e exclama:

– Para amanhã... a Aguia!

O Carneiro!

Uma massa compacta, de côr acinzentada, move paulatinamente a estampar no espaço uma figura exquista...

E os jogadores, olhos perdidos nas alturas, numa alternativa, murmuram:

– Ah! O Porco!

–O Urso

A Tromba do Elephante!

O chifre do Toiro!

–As orelhas do Burro!

– A juba do Leão!

– A cauda do Cachorro!

O cavallo!

A Vacca!

O Veado!

A Cabra

As corcovas do Camello!

E a nuvem preguiçosamente se desdobra...

A cobra

– O Jacaré!

– O Tigre!

– O Gato!

– O Gallo

– O Macaco!

– O Coelho!

E na nuvem continua a metamorphose... Abre-se no azul a parodiar um leque japonéz.

–A Avestruz!

–Ah! O Pavão!

–O Perú!

A atmospherã tornou-se anilineã. Apenas alguns cirrus velozes, como punhados densos de neve pontilham o ether.... Esvoaçam.... Dispersam... Imitam borboletas, flores aladas, a adejarem lá, em cima.

E o palpito recorre ao jogador:

– A Borboleta!

Nuvens! As nuvens são como os sonhos que perpassam pela nossa mente, pairam algum tempo em nosso cérebro e são acariciados pelo desejo e acalentados pela alma.

No entanto... uma desilusão, um nadinha qualquer derruba o nosso ideal, enquanto a esperança, constructura, ergue novos castellos em nossa imaginação...

Aliás, são idênticas às nuvens todas as cousas da vida: submetidas á lei implacavel da substituição.

Susceder! Evoluir, como as nuvens! Eis os preceitos irrevogaveis do destino (Jornal O Itaberahy, 16/02/1927).

Em suas palavras, a escritora figura imagens vívidas e ressalta sentimentos de contemplação diante da natureza. Nesta obra, percebe-se uma característica pessoal da escritora: a admiração pela natureza. Suas palavras relacionadas a descrição das nuvens, imaginação, mudança e reflexão sobre a vida mostra a sua intelectualidade diante de outros temas. Embora a escrita não esteja relacionada às mulheres, a obra foi produzida por uma mulher onde colaborar com o jornal já é “um decisivo passo na longa trajetória das mulheres em direção à superação de seus receios e conscientização de direitos” (Duarte, 2003, p.155). Além disso, “a escrita traduz sentimentos, sensibilidades” (Souza, 2017, p. 67).

Em sua obra “Ilusão e Esperança” (1927), Grace Machado escreve um trecho literário em que descreve diferentes fases do tempo e das experiências humanas, associando-as à ilusão e à esperança. Suas escritas neste jornal ressaltam, além da sua visão sobre a natureza, seu olhar sobre a vida:

#### **Ilusão e Esperança**

Manhãs radiantes, quaes sonhos roseos, perfumadas de flores, cheias de trilos alacres, frescas de ventos bons, doiradas de raios de sol, matizadas de nuvens esvoaçantes, aparecem na nossa vida e sobem para o meio dia...

Tardes calidas, de bellezas ciciantes, de sôpros mornos, de viração muito leve, de coloridos delicados, de pipilar hirundino, de maciez de pellucia, encantam as nossas almas, acariciam os nossos corpos e aprofundam-se nas noites...

E estas escuras ou claras, faiscantes de brilhos de estrellas ou dominadas pelo pallor do luar, em cuja tela se estira a coma brilhante da Via-Lactea, decorrem scismarentas, rociadas, tremulas de nevoas pelo nosso viver e abrem-se no sorriso magico das auroras...

E por todas estas phases do, tempo nas pégadas sangrentas do Ideal, desnastram-se os nossos sonhos, radiosos ou embrumados.

E estes são as Illusões que transmudam o lado feio que as cousas apresentam, cobrindo e dulcificando os pesares com o manto vellutino e suave da chimera.

Oh! E a Illusão é o doce sophisma, a deliciosa mentira que reverdece a nossa vida de Esperança.

E, por vezes, eu não fico a pensar que a Ilusão e a Esperança constituem certamente algum prémio misericordioso de indulgência que Deus nos quiz dar pelo consolo reconfortante que, por eventualidade, derramamos nas outras almas e pelo bem desinteressado, que, acaso, praticamos (Grace Machado, *Jornal O Itaberahy*, 1927).

Descrevendo sobre as manhãs radiantes, as tardes calmas, as noites, a ilusão e a esperança, Grace Machado pontua suas admirações. As ilusões são vistas por ela como uma forma de resistir às dificuldades e encontrar conforto na beleza do mundo, enquanto a esperança é vista como um presente divino que se manifesta quando compartilhamos nossa bondade com os outros. Nesta obra, pode-se perceber uma característica da personalidade de Grace Machado: o modo em que ela vê a vida. O modo da escrita, as palavras utilizadas e a dominação sobre os assuntos tratados por ela demonstram a intelectualidade e habilidade de Grace Machado:

A atividade intelectual pressupõe a inteligência, o raciocínio lógico e o domínio do mundo público, algo que historicamente foi desassociado das mulheres, especialmente pelos discursos religiosos, jurídicos e médicos... (Soares; Santos, 2021, p.286).

Apesar de que Grace Machado tratou sobre diversos temas em que descrevia sobre a natureza e a vida no jornal *O Itaberahy*, houve também escritos em que buscou discutir outras temáticas como crônicas, poemas e artigos sobre culturas, tradições, paisagens etc. Na próxima obra apresentada, por exemplo, a escritora publica uma história romântica e melancólica sobre os personagens Selenita e Ayrton, abordando um conjunto de questões como riqueza, amor, saudade, ambivalência e solidão:

#### **Poema Aurífero**

Na clareira do bosque, aquelas tendas improvisadas são uma recordação das cidades.

Os garimpeiros se estiram nos seixos de cristaes esbranquiçados, á beira

Das fossas profundas que as escavações produziram.

Choveu muito quasi todo o dia.

E, á tarde o sol, numa orgia polychroma, resplandece nas folhas gotejantes no chão humido, esmaltado de pedras brancas e doiradas.

Os reflexos solares esbatem sobre as arvores grandes da matta, que sacodem cadenciosas, o rocio da chuva.

Os garimpeiros que a bôa fortuna empurrára para aquelle recinto precioso, recostam-se commodamente nos montões de ouro, antegosanco o que haverão de possuir e profanando a religiosidade da scena florestal com as fumaças mammadas em bons charutos, adquiri dos nos armazens ricos das capitaes...

A maioria delles, homens rusticos do commercio, com tendencias judaicas, depois de esvasiarem o copo de cognac, já dormem sonhando com o tilintar das moedas sonantes em que se converterão as loiras pepitas.

E sonhos nababescos em profusão de papel-moedas, galas e galarins, povoam aquelles cerebros, á maneira de borboletas que esvoaçassem, numerosas e irrequietas, naquellas regiões.

Mas o commandante da expedição – alma nobre e artística – não via naquella riqueza senão a imagem de sua amada, realização do seu mais doce e sentimental sonho.

Elle é pobre. E obedecendo ás leis sociaes e de conveniencia, para possuir Selenita é preciso ser opulento {...}

Durante a narrativa é descrito o lugar em que percorre a história. A cena ocorre em um bosque onde garimpeiros estão trabalhando. Grace Machado descreve a transição do clima ao longo do dia: “Os reflexos solares esbatem sobre as arvores grandes da matta, que sacodem cadenciosas, o rocio da chuva” (Freitas, 1928). Em seguida, a história ressalta que os garimpeiros estão em busca de riquezas onde muitos deles, com traços culturais judaicos, depois de beber conhaque, dormem sonhando com as moedas de ouro.

A caracterização dos garimpeiros como judaicos possui o objetivo de destaca-los como gananciosos, ou seja, sempre em busca por riquezas. O sociólogo Pierre Ansart (2005) discute sobre as humilhações políticas. O autor analisa a natureza das humilhações, como elas são aplicadas e as consequências que têm na esfera política e social, considerando também o papel desses eventos na dinâmica internacional. Assim, ele reflete sobre as humilhações sociopolíticas:

Dizem respeito ao funcionamento da vida política, ás relações de poder, humilhações sofridas por grupos em situação de dependência, por partidos, etnias ou nações, quando de acontecimentos históricos particulares ou de forma durável.

Ao Grace Machado pontuar em sua obra os judeus como gananciosos e que estão sempre em busca de riquezas, destaca-se que desde essa época há a construção de um preconceito em relação aos judeus, onde eles estariam sempre ligados ao comércio e riqueza, ou seja, há uma naturalização desse preconceito, de que os judeus são exploradores e gananciosos, e por isso são ricos. Esta colocação em relação aos judeus é uma forma de humilhação como refletida pelo sociólogo Ansart. O autor Asseburg destaca que “os judeus permanecem sendo vistos como os exploradores por excelência (1963, p.30).

Durante a Idade Média, quando muitos cristãos eram proibidos de praticar empréstimos com juros de acordo com as leis religiosas, os judeus, em algumas regiões, eram frequentemente envolvidos em atividades financeiras, como o empréstimo de dinheiro. Nesse sentido, ocorreu a associação entre a comunidade judaica e o campo financeiro, criando estereótipos e os colocando como gananciosos e exploradores (Asseburg, 1963).

Posteriormente, a narrativa descreve o comandante de forma diferente, retratando a sua alma nobre e artística, que não vê a riqueza do mesmo modo que os outros garimpeiros. Para ele, o ouro representaria a possibilidade de realizar seu sonho: a imagem de sua amada. O comandante, no decorrer da narrativa, é motivado pelo amor e pela busca de uma vida melhor para ele e sua amada, em contraste com a ganância materialista dos outros garimpeiros. Neste momento entra a melancolia da história que retrata Selenita e Ayrton, onde ressalta que para ter Selenita é preciso ser possuidor de bens:

A instrução e grandeza de caracter engrandecem os homens.  
 O pae de Selenita, porém, desconhece estas qualidades e só a entregará a quem a puder comprar com uma lisonjeira posição social ou com muito dinheiro.  
 O doutor Ayrton, parece, tem uns vinte e quatro annos. Usa barba cerrada e aparada em ponta.  
 A fronte larga, espaçosa e branca. Os olhos scintillantes.  
 Por investigaçõs, attingira na magnificencia do sertão aquelle refugio, onde o oiro corre, como as lymphas crystallinas...  
 E, agora, longe da sua cidade, poetica e romantica, deitado na colheita do dia, olhando as irisações da luz, recorda-se da bella amada, que elle deixára coberta de pranto...  
 Selenita, já não o tem a seus pés...  
 Quem lhe poderá narrar o que se passa?  
 E quem será capaz de sondar o coração capaz das mulheres  
 Ser lhe á constante?  
 Ella que possúe o condão do encanto, com aquelle sorriso esvoaçante e seductor?  
 E ele já avalia alto preço daquelle sorriso, numa noite de Natal, num  
 salão de prendas...  
 Selenita talvez já não o ame.  
 – Idiota! Debates-se contra o impossivel, mas alli, diante della, vigiando lhe as attitudes.  
 Não é possivel. Será melhor dirigir os pensamentos para o lado optimista...  
 Selenita definha de saudades. Seus cabellos doirados, como aquillo que. o rodeia, já não sentem os beijos quentes de Ayrton.

Sua pelle rosada seu corpo colleante, como as nuvens côr de rosa, que se desdobram no cèu, são um entardecer languido, envolto em melancolia...

E divisa, em todo aquelle rustico panorama, quadros da cidade...

Ao fundo da alèa tortuosas, no reconcavo que as arvores produzem, o caramanchel de jasmim, emcimado pelo Amor de bronze com e frecha ervada, que envenena os corações, onde se despedira de Selenita...

A um lado, o canteiro, de violetas insinuava se no ambiente esperitualizado pelo mysterio da hora vesperal. Um aroma penetrante de essências esvaecidas, de hervas pisadas, de flores machucadas, insinuavam-se no ambiente com o aspecto enervante de lagrymas e de saudades... {...}

Descreve-se que o garimpeiro Ayrton está longe de sua cidade natal e, portanto, tem saudades de sua amada. Durante a narrativa, Grace Machado pontua a dúvida de Ayrton sobre o amor de Selenita por ele – questionando a capacidade das mulheres de manterem seus sentimentos constantes. Selenita é descrita como uma figura encantadora e de um sorriso sedutor. A narrativa transmite a luta emocional e a angústia de Ayrton diante de sua busca por riqueza e seu relacionamento com Selenita. Ao concluir a narrativa, é percebido o sentimento de saudade de Ayrton.

Oh! Que o prédio ter alma para sentir e comprehender a Saudade, no seio da matta, na hora em que tudo se veste da luz, indecisa do crepúsculo!

A dôr dessemina-se na atmospha...

Se uma arvore humida respinga, baloiça fustigada pelo vento, o coração tambem chora...

Que importa longe da civilização, no dia de Natal, que as minas promettam muito oiro para a vida, se a existencia, para quem soluça de amor, é o oiro que ficou longe, dentro de um corpo flebil de mulher que tem os olhos pisados de lagrymas e ooração torturado de saudades?

E os dias que custam a passar, irão sulcando com rugas o rosto de perfil fidalgo do rapaz que se gasta denodadamente como se fôra intoxicado pele morphina do oiro da ambição...

O oiro! Como seria boa a for sua posse sem os sacrificios que a acompanham!

Se para muitos o vil metal synthetisa a volupia deliciosa de possuir, para outros representa o premio cubiçado para o desperdicio.

E naquella matta espessa, onde a vista só abrange um pedaço triste de céu crepuscular e verdura brilhante as folhas, aos poucos se vae sentindo, com mais intensidade, a tristeza do crepusculo que paira envolvente no espaço...

Breve Ayrton poderá abandonar esta região de dôr e de lagrymas...

Mas terà ou uma alegria radiosa, ou um crepúsculo melancolico dentro da alma...

Na sua terra se costuma consorciar no dia de Natal.

E nada lhe assegura a zorte de Selenita.

As estrellas já brilham no céu.

E o vento forte, que fustiga as arvores, tem a sonoridade dos sinos que cantam na sua cidade e glorificação, a elegia da noite scintillante, que decorre sob a magia das diversões. (Jornal O Itaberahy, 16/01/1928).

Embora Grace Machado não retrata sobre o feminismo no jornal O Itaberahy como retratava no jornal O Lar, nesta obra a escritora abordou uma diferente escrita sobre o feminino ao descrever a personagem Selenita. Percebe-se que na narrativa há um “casamento arranjado” em que marca o período, pois nesta época “os casamentos eram arranjados e a família devia submeter-se à ordem patriarcal” (Simões; Hashimoto, 2012, p.02).

Na obra também pode-se perceber uma construção tóxica do masculino, onde o homem deveria ter riqueza para conquistar uma mulher. Esta construção é negativa tanto para as mulheres quanto para os homens, pois o homem deve estar sempre ligado a riqueza e bens, enquanto a mulher é educada para buscar esse tipo de homem. Ao dizer sobre os sorrisos esvoaçantes, Grace Machado reflete que cabe a mulher o poder de seduzir e encantar: “Ella que possúe o condão do encanto, com aquelle sorriso esvoaçante e seductor?” (Freitas, 1928). Nesta época as mulheres deviam conquistar, atrair e fascinar os homens, enquanto eles deviam ser o provedor.

Já em outra publicação no periódico a escritora dirige-se as suas palavras a uma tradição: “A entrada da rainha”. Grace Machado descreve raízes históricas de uma celebração realizada em uma igreja que foi construída na baixada do outeiro pelos esforços de escravos negros, como caracterizado por ela. Ela cita a festa "Regina Sacratissimi Rosari" que era realizada anualmente, e os encarregados de organizar o evento eram chamados de "rei" e "rainha":

#### **Entrada da rainha**

Os annos, em amontoamento sobre tão singular instituição, não exerceram ainda em torno de semelhante festejo o seu poder de agua lustral.

Ha muitos lustros atrás, quando a nossa cidade não era mais do que um simples arraial de poucas casas, erguera-se ahi, pelos esforços dos pretos escravos – que naquelle tempo, em politica com os brancos, queriam reviver a epoca dos Guelfos e Gibelinos – na baixada do outeiro, aquelle templo de Nossa Senhora do Rosario, que se perfila, ridente, no seu pedestal de verduras...

Era a romantica Igrejinha dos negros.

E todos os annos no dia seguinte ao de Pentecostes festejava-se, como nas cidades vizinhas, "Regina Sacratissimi Rosari".

Os encarregados da direcção da festa recebiam o nome de "rei", de "rainha".

De ordinario, a "rainha" escolhida era sempre uma fazendeira ricaça, que beneficiava largamente o povo com acepipes e bebidas e a santa, com doação de terras e de alguns objectos valiosos.

Attraía com isto a *sympathia* popular e era recebida com alegria e entusiasmo.

Entrava na cidade, triumphalmente, ao lado do "rei" acompanhada das comadres dos compadres, dos parentes, dos amigos, dos camaradas, de sua enorme e garrida bagagem que se compunha de carros de bois, athulhados de provisão, de cargueiros, repletos de viveros, de vacas leiteiras, de gallos, de gallinhas...

Este cortejo exotico per corria todas as ruas, aos sons marciaes de philarmonica, ao ruido espoucante dos foguetes, aos repiques festivos dos sinos...

Mas... os tempos mudam muito.

Hoje... a "rainha" pouco doce e menos bebidas distribue ao povo e nenhum presente offerece a santa.

Exige, no entanto, a sua "entrada" mesmo depois de muitos dias de estadia na cidade, e percorre todas as ruas, ao lado do "rei" com o seu sequito berrante e ridiculo, levantando pò, ostentosamente, alegremente, sob acompanhamento de fogos e musicas...

E a multidão anonyma applande o grotesco cortejo e se distende pelas ruas em agrupamentos, em agglomeração; para assistir á passagem da "rainha"

O povo gosta de espalharato, de aberrações!

E é por isto que até hoje ainda aprecia o nyethêmero da "entrada da rainha" ... (Jornal O Itaberahy, 01/07/1927)

Grace Machado descreve sobre uma tradição religiosa em que envolve escravos, rei e rainha, abordando questões de mudanças culturais e sociais ao longo do tempo, onde as tradições e os valores podem se desvanecer. A "rainha", no decorrer da escrita, é posta como escolhida entre as fazendeiras ricas da região, que contribuía com comida, bebida e doações de terras para beneficiar o povo e a igreja. Em seguida, coloca-se que com a mudança de tempo a "rainha" atual distribui menos doces e bebidas ao povo e não oferece mais presentes à santa. Em sua conclusão, é pontuado que “a passagem da rainha” é assistida pelo povo com prazer e alegria, descrevendo a importância da tradição, mas criticando as mudanças ocorridas ao longo do tempo. Nesta obra também é descrito sobre a ganância do ser humano onde a “rainha” não se preocupa mais em distribuir alimentos ao povo e sim mantém apenas a celebração e exibicionismo da entrada da rainha.

Percebe-se que a escrita de Grace Machado não era limitada apenas a um tipo de temática. Assim, de maneira geral, a escritora traçava escritos sobre feminismo, a vida, a natureza, histórias de romance, tradições e entre muitos outros. Além dessas temáticas, Grace Machado escreveu no jornal O Itaberahy sobre o sertão, ressaltando a sua visão



acerca dos sertões naquela época – haja vista que ela vivenciava o sertão goiano. A autora Sena pontua a categoria sertão da seguinte forma:

O sertão é, simultaneamente, singular e plural, é um e é muitos, é geral e específico, é um lugar e um tempo, um modo de ser e um modo de viver, é o passado sempre presente, o fora do tempo, o que não está nunca onde está. (1998, p.23).

A categoria sertão está associado a uma série de significados, experiências e dimensões, e que não pode ser reduzido a uma única interpretação ou definição. É necessário ir além do pensamento limitado de que o sertão é atrasado e rejeitado: “No âmbito da corrente sertanista, gestou-se, portanto, um pensamento dualista que percebia um país atrasado, doente, abandonado, isolado...” (Silva, 2008, p.186).

### 2.2.1 O sertão sob o olhar de Grace Machado

Diante da diversidade de temas tratados por Grace Machado no jornal O Itaberahy, a escritora publicou escritos em que descrevia o sertão, levando em conta a época em que vivia onde o sertão goiano era visto por muitos com o olhar negativo e estereotipado. A autora Almeida (2019, p.32) pontua que os sertões “seria o oposto do que existia no litoral – considerado como um espaço de progresso e desenvolvimento”. Nesse sentido, as visões positivas sobre o sertão foram postergadas ao longo do tempo: “O lugar geográfico ou social identificado como sertão acompanha este caminho que recebe ora uma avaliação positiva, ora negativa” (Oliveira, 1998, p.196). Ainda assim, na literatura, houveram autores/a que ousaram tecer elogios ao sertão daquela época, como Grace Machado.

A escritora abordou escritos em que tratava sobre a realidade do sertão, mas ao mesmo tempo abordando a sua visão sobre a paisagem e pontos positivos do sertão goiano em forma poética. Em sua obra nomeada “Sertão”, Grace Machado exalta a beleza “selvagem” e primitiva da região, destacando a exuberância da natureza que nela possui. Em primeiro momento, a escritora descreve a paisagem, com suas árvores, plantas, rios, e animais de forma elogiosa, apontando a riqueza da vida que se esconde por trás da aparência difícil do sertão. Além disso, suas palavras colocam o sertão como um lugar sagrado:

### Sertão

Na terra inculta, onde crescem as searas bravas, onde as arvores desabrocham, refolham-se e tornam se seculares, onde os bambusaeas entrançam a ramalhada verde, onde os coqueiros se erguem erectos, ás rezes flexiveis, onde a vegetação toda se refloresce, colorida e perfumada, há motivos lyricos sorrindo, á medida que as estações rodam.

O sertão selvagem!

As arvores frondosas de leve irisadas pela viração fresca, que acaricia bladiciosamente, são zurzidas pelo vento enfurecido que chicoteia bravio a ramagem. Fios de aves, pipilar de passaros, urros de feras, furor dos seres embrutecidos, a cantar, a explodir, a bater, a retumbar, por toda a extensão da floresta ou dos campos, orde as emas pesadas manqueiam, lepidas, a correr...

Flores que se entreabem, atirando nas azas das auras o perfume de sua concepção. Rios que cascalham crystallinos, marulhantes, ou avançam escurecidos pela quantidade de agua, ondulosos, roucos. Fructos saborosos que entumecem balouçantes e em cuja polpa zumbem insectos alegres...

Sertão, glorioso sertão bárbaro!

Como o ermitão armazena, procura guardar dentro d'alma os thesouros espirituaes e vive precavendo-se na solidão, com cilicios e penitencias das cousas profanas, tu proteges, com espinhos insidiosos, com perigos pompeiantes em dentes e gargantas a animalescas, com os arcanos da mattaria virgem, as riquezas contidas na profundeza insondavel das entranhas, no cerne milenar dos troncos, na virtude das raizes e das folhas...

Sertão, formoso milagre da natureza inteligente! {...}

Nesta época, o sertão e os sertanejos/as, muitas vezes foram colocados como bárbaros onde os lugares afastados do litoral eram considerados “o de terra ignota, desconhecida, perigosa” (IBGE, 2009, p. 11). Nesse sentido, quando Grace Machado diz “glorioso sertão bárbaro” após elogiar o sertão, percebe-se a menção de forma irônica. Ela compara o sertão a essa visão de deserto, ressaltando que o sertão, embora possa parecer selvagem, na verdade é possuidor de inúmeras riquezas – o colocando como “milagre da natureza inteligente”. A escritora termina a obra e suas palavras com mais elogios, descrevendo o sertão como lugar de beleza e admiração:

Como deves esplender em bel'eza, quando a luz gloriosa do sol te inunda dorso virgem. Pungente deve ser o teu gemido, quando os elementos desorganizados correm doudos a açoutar os galhos gritando em resonancia pelo interior, as soprando em sarabanda as folhas mortas que no chão repousam, quando a chuva quer dar de beber á terra, como fazia Baccho ás suas rosas

Sertão, maravilhoso, sertão de minha terra.

A atenção que te prescruta só vê a brutalidade, a selvageria estuante de tuas riquezas que promettem sempre, mas não avançam, não

sobem á superficie acceptivel para se offerecer e só divisa plasmadas do solo a esmeraldadas folhas, a variegada florescencia das arvores.

Eu advinho mais: antevejo em ti a liberdade triumphal de teus habitantes, naturalmente emancipados e qué, sob a formosura verdadeira das cousas creadas, não possuem o coração ferido pela opressão da hypocrisia, latejante, batendo pelos mysterios remansosos de teus abyssos, nos recessos refteridos de teu interior! (Jornal O Itaberahy, 01/02/1928).

A menção de que a beleza do sertão quando é banhado pela "luz gloriosa do sol", contrapõe a ideia de que o sertão é apenas lugar de sofrimento quando os elementos da natureza se manifestam mais violentos, como o sol, o calor ou a chuva. Assim, Grace Machado descreve a chuva da seguinte forma: "dar de beber à terra" como "Baccho" fazia às suas rosas.<sup>36</sup> Reflete-se sobre uma relação de cuidado entre o sertão e a natureza utilizando como exemplo uma divindade. Considerando o fato de que "o sertão trazia consigo as marcas do processo colonizador, refletia a linguagem do outro, do civilizado" (Almeida, 2019, p.35), esta visão colonizadora influenciou na imagem de que o sertão é isolado e não é digno de ser valorizado. A escritora vai contra a percepção equivocada que a sociedade possui do sertão que é visto como sinônimo de "brutalidade" e "selvageria" e nunca sendo percebido por sua riqueza interior que nele contém.

Em outra escrita de Grace Machado publicada no periódico, suas palavras opinam acerca do urbanismo das cidades goianas da época. Vivenciando o sertão daquela época, a escritora também expõe as necessidades e pontua o que precisa ser melhorado para a população sertaneja:

### URBANISMO

A remodelação de nossas cidades, a obrigatoriedade do estylo gracioso nas plantas das casas que se constroem e reconstroem, o alinhamento das ruas, a canalização da agua, o jardim publico, a luz electrica, a multiplicação das estradas de vehiculos, são de ordinario cogitações logicas e louvaveis dos governos que assumem a gerencia de nossas municipalidades.

Estes elementos em conjuncto, ou simplesmente cada um delles em separado representam já um passo avançado no caminho do desenvolvimento, uma pedra atirada no seio luminoso do progresso, um marco que permanecerá, attestando para as gerações futuras a existencia dos valores de nossa epoca.

---

<sup>36</sup>A palavra mencionada por Grace Machado se trata de "Baco", ou seja, o deus romano do vinho. De acordo com a autora Serignolli (2017, p.01), Baco "Como divindade simpótica e orgiástica, seus poderes libertadores ligam-se à excitação e ao êxtase da celebração. Como herói deificado, ele simboliza poder civilizador, libertação da tirania, triunfo e apoteose".

No entanto, a revolução que tem o seu germen em fermentação no seio da arte e dos povos, distendendo-se, renovando-se, encolhendo-se, atingirá os estylos das casas, o delineamento das ruas, rebellando também a luz electrica, a canalização das aguas, com processos novos, como o fez com as cisternas os lampeões publicos de eer ozene.

Antes porém, de idear, de esculpir nos seus planos, a magnificiencia material destes projectos, os senhores Intendentes mais lucrariam se dispensassem alguns minutos de attenção para reflectirem sobre a grandeza das palavras do doutor Miguel Couto, conglobadas na celebrada conferencia: – No Brazil sò ha um problema: a educação do povo, que grangeou o pasmo, a admiração de todos os brasileiros, repercutindo por toda a nossa Nação.

E' necessario, principalmente nos nossos meios pouco desenvolvidos, que se trate do assumpto por excellencia grandioso: a educação de todos os indivíduos sem faltar um só incluindo no numero de suas leis mais uma – o ensino compulsorio não só nas cidades como também nas fazendas, e que se cogite do magno problema do saneamento rural, que assegure a saúde dos habitantes de cada zona.

O de que Goyaz carece é de homens sadios de corpo e de intelligencia.

A educação physica, a educação moral, a educação intellectual, distribuidas sabiamente aos individuos, torna-los-ão dignos de nosso solo immenso e abençoado, aptos a compartilhar o pão do communismo na lei do saber. com todos os irmãos da vasta e imponente nação brasileira.

Reflectem, senhores Intendentes, na hygiene de nossas cidades e na formação do espirito de nossos conterraneos.

Jaraguá, – 10 12 927 (Jornal O Itaberahy, 10/12/1927).

É discutido as necessidades das cidades goianas: mudanças no estilo arquitetônico nas construções, do alinhamento das ruas, da canalização da água, da criação de jardins públicos, da eletrificação e do aumento das vias para veículos – insinuando que devem ser preocupações dos governos municipais. É pontuado que a adoção dessas medidas representa um avanço no desenvolvimento urbano e contribuem para o progresso das cidades, afinal, naquela época a urbanização, a modernização e a industrialização refletem no sentido de “uma maior migração na busca de melhores condições de vida por parte dos trabalhadores” (Lima, 2003, p. 7841) e, assim, conseqüentemente o crescimento das cidades.

Em seguida, Grace Machado discursa sobre a educação refletindo as adversidades em relação à educação do povo, além do desenvolvimento do bem-estar da população. Ela escreve palavras referenciando Dr. Miguel Couto<sup>37</sup> e sua asserção: "No Brasil só há

---

<sup>37</sup> De acordo com Almeida (2020, p.902), Miguel de Oliveira Couto foi um médico, educador e político. Nascido em 1 de maio de 1865 no Rio de Janeiro, Miguel Couto era “filho do português Francisco de Oliveira Couto e da brasileira Maria Rosa do Espírito Santo; era o filho mais novo de quatro irmãos. Ficou órfão de pai aos cinco anos, recebendo da mãe os primeiros ensinamentos de leitura e escrita”. Além disso, exerceu atividades políticas que defendia a educação.

um problema: a educação do povo", ou seja, argumenta que a educação é a base para o progresso de uma nação. Percebe-se a ideia de educação obrigatória não apenas nas cidades, mas também nas fazendas, destacado a importância do saneamento rural para a população sertaneja. Ela ressalta a importância da educação física, moral e intelectual na formação dos cidadãos para que possam contribuir para o crescimento do país, afinal, é direito de todos participar das decisões políticas.

Ao dizer sobre a necessidade da educação “não só nas cidades como também nas fazendas, e que se cogite do magno problema do saneamento rural, que assegure a saúde dos habitantes de cada zona” (Freitas, 1927), percebe-se o olhar atento de Grace Machado que revela sua preocupação em melhorar as condições daqueles que enfrentavam as dificuldades do sertão naquela época, sendo aqueles que residiam nas zonas rurais, eram frequentemente relegados ao esquecimento. A autora Almeida (2019, p.38) reflete que “o sertão resulta como produto da cultura ecológica e os sertanejos ilustram essa cultura” e, sendo assim, os sertanejos são representantes de uma cultura que vive e é adaptável ao ambiente, mas que no cotidiano não eram inclusos nas decisões políticas.

Em uma outra obra publicada, a escritora descreve detalhadamente a paisagem de uma cidade pequena. Nomeada “Paisagem da minha terra”, percebe-se que Grace Machado caracteriza a sua terra, ou seja, o sertão em que viveu. Ela destaca elementos como as casas coloniais, as ruas com palmeiras e flamboyants, a igreja e a natureza:

#### **Paisagem da minha terra**

Dormem as casas coloniais as refulgências doiradas de todos os sóes, aos beijos fabricantes de todas as chuvas, às passagens inconscientes de todas as estações, aos raios argenteos de todas as fases do luar, na minha pequenina cidade, alevantada na baixada de colinas, quasi no centro de meu paiz...

Ha na parte da villa, toda enfeitada de grammas, que se ostenta para o lado do poente e converge para a pequena igreja – lavor antigo, uma adaptação às capelinhas luso-hespanholas, que se debuxa do pé da serra, alcatifada de verdura – ao despontar de Vesper, no inicio do segundo mês do anno, um aspecto interessante e alegre que parece rir, rir á agonia do Sol.

As ruas sinuosas e coloridas, onde pompeiam farfalhando, palmeiras e flamboyans, apresentam nas vidraças das habitações, que se assemelham à couraça de bronze dos antigos guerreiros, rebrilhando á luz solar, o reflexo multicôr do lusco-fusco da tarde.

Andorinhas em bandos, cruzam-se no espaço e assentam, chilreando, nos fios telegraphicos.

Passaros, diversos, com seu irrequieto ruflar d'azas gorgem um funeral ao Sol que vae morrendo paulatinamente e que marca um dia a mais no calendario do mundo, a semelhança do papel de folinha que o vento leva...

De cada lado do Astro Rei, agonizante, duas massas enormes de nuvens vermelhas, como sentinellas a circundarem o horizonte, erguem-se à feição de serras intermináveis e abruptas, arrepiadas do brumas.

E Phebo, que declina, è como batel a naufragar no oceano da noite...

Cava, com os derradeiros raios de sua claridade, nas montanhas alcandoradas de nuvens escaletes, que já se metamorphosearam em alcantis de oiro, uma especie de lago azul que tremeluz ás irisações da luz indecisa e trepidante. {...}

Além da escrita trazer detalhes visuais da paisagem da terra de Grace Machado, transmite também uma sensação de tempo e movimento, onde ressalta a transformação da paisagem ao longo do dia, do sol durante o dia ao cair da noite. A beleza da natureza de sua terra é posta como viva e vibrante. A autora, na conclusão da escrita, se mostra encantada pela variedade e beleza do céu, abordando sempre elementos geográficos e culturais:

As sombras da noite cada vez mais se aproximam, à guisa de um reposteiro que se cerra lentamente... vagarosamente...

E o nosso céa, immensamente mutavel, filma a cada instante um espectáculo differente. Uma varinha magica, parece, brinca nas alturas a cada momento.

Um jardim babylonico aereo... um palacete de nababo, offuscante de ciro... um pedaço do Hymalaia, ponteagudo... uma fraccão do mar Morto, phosphorescente... uma adaptação do céo de Mussolini, deslumbrante... uma paisagem dantesca, ma-ravilhosa... ranchos de namorados, idyllicos... se desenrolam na cupola cerúlea de nossa cidade, nessa abobada azulenea nossa, verdadeiramente brasileira, genuinamente goyana céo cambiante e bello, tão decantado pelos nossos poetas!...

O sol some-se de todo e sino, tangendo, canta Ave-Maria!

E, nas regiões astraes, fulgura triumphante a curva do crescente... (Jornal O Itaberahy, 1927)

Os detalhes abordados nesta obra mostram admiração da escritora pela sua terra, tecendo elogios ao sertão vivenciado por ela. Durante a década de 20, que foi quando a obra foi escrita, o sertão era retratado como um espaço desafiador, que não era percebido pela sua diversidade cultural e paisagística. A referência às casas coloniais, ruas sinuosas e igrejas estão relacionadas a herança histórica e cultural da cidade, enquanto as descrições detalhadas da natureza destacam a beleza da paisagem do sertão:

A paisagem que compõe esse território está vinculada àquela formação denominada os gerais, ou seja, os planaltos, as encostas e os vales das regiões de cerrados, com suas vastidões que dominam as paisagens dos sertões (Almeida, 2019, p.40)

A escritora não se limita apenas a escritos que elogiam o lugar em que vive, mas também se mostra preocupada ao pontuar os problemas que o sertão goiano enfrentava naquele período. Nesse sentido, na próxima obra escrita por Grace Machado percebe-se a exposição das situações difíceis e injustas que devem ser resolvidas nas cidades goianas:

### PROBLEMAS A RESOLVER

As cidades goianas, na sua maioria, situadas em fertilíssimas zonas, em privilegiadas posições topográficas, com lindas perspectivas e clima saluberrimo, foram remuneradas prodigiosamente pela natureza que implantou no seio uberrimo destas terras, gemmas preciosissimas que, exploradas, constituíram fabulosa riqueza para o nosso país

E facto comprovado pela historia de nosso Estado e pelas impressoes dos estrangeiros, que visitam as nossas mattas, haver em todos municipios de Goyaz grande quantidade de minerios de diversas especies, sendo geralmente mais conhecidos o ouro e o ferro.

Estés metaes encontram-se facilmente, quer nos vestigios de antigas excavações, quer nas aguas correntes...

E, se não nos faltasse animo, se encarregasse-mos pessoas capacitadas de estudarem o terreno para descobrirem os verdadeiros logares, onde se acham os veios de taes minerios, seria para o governo uma das melhores rendas do Estado, mormente nesta época utilitaria, em que a nossa moeda propende a converter-se em ouro.

As minerações feitas ha alguns annos atrás, os sulcos profundos a accidentar o dorso azulineo de nossas montanhas, os cursos de nossos rios transviados de direcção, são obras de engenho e arte de nossos antepassados, que revolviam as profundezas do solo para colher a fonte de suas riquezas e patenteiam com evidencia a abundancia mineral de nosso subsolo

E ainda, como prova mais frisante da exuberancia aurífera de nossas terras, temos, á vista, as minas de Crixás, do Abbade e da fazenda Cachoeira nosso municipio em que o aureo veio espalha quasi na superficie do solo precioso metal em um misto de pepitas e pós.

Esta ultima, filhos da Allemanha e do Japão exploraram-n'a de sociedade com o proprietario da fazenda. {...}

Inicialmente, as cidades goianas são mais uma vez elogiadas por Grace Machado. A riqueza natural do sertão goiano tendo em vista a sua localização em áreas férteis, posições topográficas privilegiadas e o seu clima é destacado em sua obra. Ela evidencia a presença de valiosos minerais, como o ouro e o ferro que são encontrados facilmente. Assim, a escritora opina que se houvesse ação por parte das autoridades do estado, especialmente através do estudo do terreno por pessoas capacitadas, as riquezas poderia ser uma das melhores fontes de renda para o Estado, especialmente em uma época em que a moeda estava se valorizando em ouro.

A partir do século XVI o território goiano foi submetido a uma fase de exploração, sendo que Grace Machado opina sobre o período de colonização em Goiás. Segundo Gomez et al. (1994, p. 21), a exploração mineradora nesta época teve como resultado o impacto urbano:

O povoamento da mineração teve um sentido fundamentalmente urbano. Onde as lavras se consolidavam, surgia uma cidade. Da cidade a população se irradiava para os sítios e fazendas. Ela era o centro de produção, comércio e de administração. O campo não passava de um apêndice.

Em relação às minerações ocorridas nesta época, a escritora evidencia as obras de engenho e arte de antepassados que exploraram as riquezas do solo em busca de riquezas. Como prova da exuberância aurífera, ela menciona as minas de Crixás, do Abbade e da fazenda Cachoeira, esta última explorada por indivíduos da Alemanha e do Japão. Na continuação da escrita, é ressaltado o sofrimento experimentado pelo povo goiano nos últimos anos, destacando assim os problemas a resolver:

\*\*\* Repercutiu, felizmente, fora dos limites de nossa terra o éco de angustia do povo goyano, que ha dois annos soffre as maiores torturas decorrentes das incursões dos revoltosos no territorio deste Estado.

Assim nos expremindo, não queremos dizer que apenas os rebeldes, acossados pelos seus adversarios e em completo desespero de causa, deram prejuizos á gente inerme que habita esta desventurada unidade federativa.

Tanto como elles, ou excedendo-os em exigencias inconcebiveis as forças ditas legalistas impuzeram ao povo os maiores soffrimentos.

Devem os leitores estar lembrados de como verberámos, nestas columnas, a acção desenvolvida nesta cidade pelo celebre major Agnello, official do exercito, que, despido de qualquer verniz de civilidade, maltratou pessoas de destaque do nosso meio social, quando lhe iam reclamar contra requisições iniquas por elle feitas.

Mas, não é só. Essa industria da legalidade é fertil em coisas inconcebiveis...

Sabemos que o engenheiro Christiano Moraes Janior, ha pouco chegado á Capital, conduzia para a Secretaria de Finanças quantia superior a 10 contos de réis, remettida pela collectoria de Rio Bonito. Em caminho, encontrou-se elle com uma força legalista, commandada por um tenente do exercito, que insistentemente lhe exigia a entrega do dinbeiro que trazia. Apòs muita relutancia, o referido engnheiro logrou trazer comsigo o dinheiro, gratificando, porem, o alludido official com a quantia de 200\$000.

Como triste tudo isso!... (Jornal O Itaberahy, 16/04/1927).



A indignação e a crítica em relação aos acontecimentos ocorridos no estado de Goiás são nítidas. O sofrimento da população goiana, causado pelos revoltosos e pelas forças legalistas são mencionados na obra. Neste momento de exploração, o estado de Goiás passava por conflitos ocasionados pelo governo colonial, onde a população sofria com tamanha exploração. Nesse sentido, Grace Machado ressalta os problemas que atingiram o povo goiano da época. A escritora faz menção a ações desumanas do Major Agnello<sup>38</sup>, um oficial do exército, que maltratou pessoas influentes da sociedade local.

Além disso, a obra refere-se aos injustos impostos aplicados à população, como no caso de um engenheiro que teria sido forçado a entregar uma quantia em dinheiro a um tenente do exército. Grace Machado condena a violência e a injustiça, concluindo suas palavras dizendo "Como triste tudo isso!", ou seja, se colocando contra as corrupções ocorridas neste período no sertão goiano.

Já em sua obra "Folias e Foliões", Grace Machado descreve a cultura do sertão em que vive, defendendo a tradição que ocorria/ocorre todo ano no estado de Goiás: a folia. Ela destaca as raízes históricas, remetendo-se aos tempos coloniais e às práticas jesuíticas:

### FOLIAS E FOLIÕES

No intervalo, compreendido entre Paschoa e Pentecostes, povo da roça exulta na independencia de seu prestigio.

E o periodo de certas folganças, cuja commemoração, historica, passa pelos habitantes das fazendas, como um legado avoengo de devoção e piedade e constitue uma das notáveis praticas campézinas.

Organizam-se grupos de homens que, sob o commando de um "alferes", destinado a manter a ordem entre os componentes, caminham sob a protecção do E. Santo, cujo estandarte, como symbolo augusto de fé, pelas phrases rudes dos jecas, esmola de fazenda em fazenda a abençoar e a agradecer os moradores que lhes proporcionam o mais franco acolhimento.

E' a folia... A sua instituição, muito remota, porém dos tempos coloniaes, das praticas jesuíticas, que os denodados missionarios, encarregados da catechese dos autochtones, empregavam para captar sympathia dos selvagens.

A tradição trouxe-a, hereditariamente, até os nossos dias, aos nossos roceiros, em cujo centro ella subsiste sempre, apesar da critica e erisão do povo da cidade, pejado, petulantemente, de costumes europeizados, escravo da arrogancia estulta de uma civilização mal comprehendida.

---

<sup>38</sup> Major Francisco Agnello de Souza valente foi um oficial do exército, Tenente-Coronel de Infantaria (Alves, 2004). Não se tem muitas informações biográficas sobre o Major Agnello.

Os ranchos de foliões, todo o dia vistosos cavallos, aos sons de viola, tambor, pandeiros e canticos, marcham, de par em par, com a flammula sagrada á frente.

De espaço a espaço, ouve-se o estampido do clavinote.

A' noitinha effettúa-se a chegada ao pouso.

E' pomposa, Espancam-se os foguetes.

Ha salvas de carabinas.

O ruido dos instrumentos torna-se mais audível.

E os cantores, num hymno triumphal, fazem a sua apresentação;

Sandam o dono da casa. Pedem acolhimento á bandeira e gasallhos aos foliões, em quadras singelas, sem metrica, sem rythmo, porem significativas:

“O divino E. Santo,  
 Que na vossa casa está  
 Vem pedi vossa esmola  
 P’ra seu dia festejá  
 Deusvos salve casa cheia  
 Toda cheia de alegria  
 Onde está o E. Santo  
 Com toda a sua folia  
 O divino E. Santo  
 Veio corrê sua freguezia  
 E pediu uma pousada  
 Den'anoite p’ra um dia  
 Senhor, dono de casa,  
 Tem o coração leal  
 Tomai conta da bandeira  
 Com todo o seu pessoal.  
 Seguem entusiasticos vivas.  
 Ha a ceia. O “bem-dicto” é complemento á sobremena:  
 “Deus vos pague a bella ceia,  
 "Deus seja vossa defesa  
 O divino E. Santo Abençõe a vossa mesa  
 Bemdito louvado seja  
 São tres palarras de Deus.  
 Padre, Filho, E. Santo  
 Seja pelo amor de Deus.  
 Offerecemos este bem-dito  
 Ao Senhor d'aquella cruz.  
 Padre, Filho, E. Santo,  
 Para sempre, amem Jesus.

Mais tarde, quando as cousas todas, embaladas pelas brisas das trevas vão repousando, quando a noite desproporcionalmente augmenta vae crescendo a vida da folia, que recrudesce aos poucos nas afinações dos instrumentos a preludiar a catira... {...}

A "folia" é descrita como uma tradição que persiste hereditariamente, mesmo enfrentando críticas e zombarias da população urbana, considerada mais europeizada e presa a uma civilização mal compreendida. Ainda que a folia teve a sua origem na Europa,

chegou ao Brasil no período da colonização portuguesa onde “os primeiros registros da Folia de Reis no Brasil datam do século XVIII e desde então a festa se difundiu pelos estados brasileiros tendo ainda hoje grande presença na zona rural” (Golçalves, 2012, p.04). Nesse sentido, a folia no Brasil ocorria predominantemente nas roças e campos rurais e durante a peregrinação, ocorre-se elementos festivos, como música (viola, tambor, pandeiros), foguetes, salvas de carabinas e cânticos.

As críticas naquela época eram feitas a partir da população elitizada e inseridas nas áreas urbanizadas. Só mais tarde, a partir da década de 60 é que a Folia de Reis foi se expandindo para as áreas urbanas devido ao fluxo de pessoas saindo dos campos e indo para as cidades (Golçalves, 2012). Mesmo sendo uma mulher de classe alta, Grace Machado se colocou contra as opiniões que zombavam e desfaziam das práticas culturais exercidas nas folias, destacando sempre a sua importância para o povo. Ela destaca as características da folia e de que forma ocorrem, trazendo os cantos e expressivos feitos durante a festança:

Soam as violas. Plangem os violões. Cantam as harmonicas.  
Chocalheam os pandeiros. Catereteam os foliões, del safogando alegria,  
num sapatear

Enervante e grotesco.

Formam-se alas em cuja vanguarda se collocam os  
"cantadores" de má dicção que, de cabeça alta, olhos fechados, entoam  
os "ballados" e recortes":

“Rosa branca, serenada,  
Nascida de uma paixão,  
Rosa branca cheira muito.  
Prenda de meu coração.  
Atrevida da saudade  
Para onde quer me levà  
Tão longe de minha gente  
Pra acabá de me mata

Os demais foliões, visa-vis, sapateiam, á maneira do charleston,  
a bater palmas e a fazer tregeitos com os braços.

Entre as "moda,, existem algumas interessantes e mesmo com  
algum fundo philosophico, nas quaes se reflecte a imaginação colorida  
e inventiva de nossos jécas. No pensar de Ronald de Carvalho – um dos  
grandes historiadores da literatura nacional – verdadeira poesia nasce  
da bocca do povo, como a planta, do solo agreste e virgem.

E isto à bem certo, pois entre os nossos foliões encontram-se  
diversos, em quem è innato o sentimento poetico.

Em suas quadrinhas modestas sem relevo, de pès quebrados  
notam se todavia o purissimo sentimento e o vivo fulgor dessas  
invenções.

Eis á mostra um expressivo “lundú" cantado pelo caboclo  
Manoel C. de Almeida.

Coitado do Benedicto Rato, Pois que sorte que elle tinha  
 Mudou lá pr'esse matto, Ficou sem a Joanhinha  
 Sentimento que elle tem Della sai sem despedi,  
 Agora tem cem mil reis  
 Pra quem levà Joanhinha ali  
 Quando foi de madrugada,  
 Saiu atrás caçano  
 Foi até ao Chico de Bastos  
 E voltou pra trás chorano.  
 Ella deixou um lenço branco  
 Elle não quis mais leva  
 Pra toda noite chorá;  
 A Joanhinha tava lá  
 Elle vivia alegre, contente  
 No domingo, dia santo  
 Tinha a casa cheia de gente.  
 A Joanhinha foi-se embora  
 A casa ficou triste assim  
 Vez em quando parece alguém  
 Mais è pr'a cobrá do Benditim  
 Um dia, choramingão.  
 O bôbo foi me qeixa,  
 Dizeno que a Joanhinha  
 Pr'a mod ouro o quiz largá.  
 A Joanhinha me adorava,  
 Adorava mais alguem  
 Muie bonita como essa minha  
 Nessa matta não tem  
 A braganha desse damnado  
 Não è possiavel; eu não acceito  
 Levou minha muie linda  
 Deixou uma feia sem geito  
 Assim mêmo, seno feia  
 A diaba não me quê  
 Eu mêmo nasci sem sorte  
 Sei que morro sem muie  
 A Joanhinha foi se embora.  
 Mais atrás saiu o Chico,  
 Jógo a mala na cacunda  
 Sem Joanhinha aqui não fico  
 Se Joanhinha não volta  
 P'ra olhá esse menino  
 Eu rumo mala, derrubo  
 rancho,  
 Facó fogo e vou sahino.  
 O lundú está acabado  
 Para todos ficá intendeno  
 Quem tem amô segura,  
 Quem tem Joanhinha é isso mêmo

As horas passam..E o somno, ensuflado pela monotia fatigante dos cautaes quasi invariaveis em musica vae se apoderando da assistencia

As cousas tomam gradativariante aspecto de visão.

O barulho do "bataque" no assoalho é como o tropel de mil corceis, disparados a toda a brida em estradas silenciosas. As vozes querulas dos cantores lembram o córo majestoso que formariam juntos muitos carros de bois a guinchar desprezenciosamente... As palmas, á semelhança das matracas de quaresma, tornam-se metálicas, infundáveis. E aqueles homens, grandes, trajados á americanos das fronteiras a sambar, a pular, aos pinchos dos guinchos, recordando a supertição, as historias terríveis de phantasmas e de allucinações, são como doidos Sacys e Pererês...

Os rumores se confundem enchendo livremente a fazenda.

E tudo isto, banharo de escassa luz se assemelha á alma popular ao genio da noite, que já muito alta, a espantar intrusos, a perseguir curiosos...

Muitas vezes é como se o seu barrete vermelho coroas se aquelle grupo de pessoas e os istrumentos lhe multiplicassem o sapatear febril.

Um fino arrepio de medo, num pesadello, percorre a assistencia somnolenta. {...}

A intensidade da celebração e as características da festa é destacada nas palavras da escritora: as violas, violões, pandeiros ressoam enquanto os foliões dançam e celebram se mostrando alegres e contentes com a festa. A autora menciona Ronald de Carvalho<sup>39</sup>, destacando a origem popular e a poesia nas raízes do povo. A descrição de um "lundu" cantado por um caboclo exemplifica a prática cultural onde são narradas histórias de amor e desilusão de personagens como Benedicto Rato e Joaninha. A narrativa poética e simplificada expressa sentimentos e eventos da vida cotidiana. Além disso, o som do "bataque" no assoalho é comparado ao tropel de corcéis, as vozes dos cantores lembram o guinchar de carros de bois, e as palmas tornam-se metálicas e infundáveis – reforçando uma forte característica da folia.

Os foliões dançam ao som dos instrumentos, evocando histórias de fantasmas e alucinações como posto por Grace Machado. Ela descreve a cena como uma manifestação do espírito popular da noite, como se o barrete vermelho dos participantes fosse coroadado por uma aura febril. Na continuação, ela destaca a celebração dos foliões nos campos brasileiros como uma epopeia suprema da liberdade consciente das tradições brasileiras:

---

<sup>39</sup> Ronald de Carvalho (1893-1935) foi um escritor, historiador, poeta e político brasileiro. Atuou na Semana de Arte Moderna. Não há muitos dados biográficos de Ronald de Carvalho. Segundo a autora Abreu “Diplomado em Direito, Ronald viaja para Europa a fim de complementar seus estudos, o que o faz ao longo de 1913 e 1914, nas cidades de Paris e Lisboa. A oportunidade de atualizar-se culturalmente não é desperdiçada pelo estudante. Ele e seus amigos Alceu Amoroso Lima, Álvaro Moreira e Rodrigo Otávio Filho procuraram conhecer de perto as vanguardas europeias, sendo que Ronald estabeleceu vínculos estreitos com os intelectuais que, junto a ele, viriam a ser os artífices do movimento modernista português”.

E os foliões, altivos na epopéa suprema da liberdade consiente das cousas brasileiras, aos sons da tosca orchestra, dansam e cantam sempre, até que venha madrugada. E a poesia bucolica e nostalgia desses festejos rusticos estende-se em lendas pelas distancias das campinas extensas, cõa-se pelas folhagens austeras das selvas e toca de magia e encantamento as casinhas modestas, situadas do fresco aconchego das columnas...

A estes festejos nos campos, é logico, faltam as bellezas sedutoras das sedutoras das festas das cidades.

No entanto sobem ao cumulo do illogismo as recriminações descabidas de certas pessoas que chamam vagabundas aos pobres jécas que folgam.

As leis do país não prohibem o divertimento. Cara um por instincto natural tem o gosto pelas diversões.

Demais, todo o dinheiro recrutado nas folias é empregado mesmo nos municipios em que elles percorrem nas compras das vestimentas com que os foliões se engalavam para se divertir e sambar.

Não é iusto pois que as pessoas, requintadamente civilisadas, que muitas vezes trocam a nossa moeda pela estrangeira, que gastam somas incalculaveis em sessões de cinemas modernos, em cafês chics, em theatros ultra-elegantes, recriminem os nossos foliões, chamem n'os vadios pelo simples motivo do pequeno descanso que o curto abandono de um mês das grosseiras ferramentas lhes concede ás mãos callosas, para tão ephemera folga.

Deixai-os, pois, com seus innocentes folguedos, envoltos nessa onda de fê sincera e pura, com as suas canções dolentes, aos sons querulos dos rudes instrumentos, é obrigação de todos os que comprehendem que a vida na sua maior parte é composta de soffrimento a que è necessario mesclar certa dose de distração e de felicidade.

E elles, os pobres ingenuos, na sua suave estupidez, em se divertindo naturalmente hão de ser fezes.

Deixai-os, pois... (Jornal O Itaberahy, 01/06/1927)

Percebe-se na obra a crítica às recriminações infundadas feitas por algumas pessoas que rotulam os foliões como vagabundos e desocupados. Ela argumenta que as leis do país não proibem o divertimento, e cada pessoa tem um instincto natural para o gosto pelas diversões. Além disso, destaca que o dinheiro arrecadado nas folias é empregado nas compras de vestimentas e em outros gastos locais, contribuindo para a economia dos municípios. Grace Machado pontua que acha injusto essas pessoas chamarem os foliões de vadios, afinal, os mesmos que os criticam são àqueles que gastam com entretenimento estrangeiro, como cinema, cafês e teatros. Ela defende a felicidade e o divertimento dos foliões concluindo suas palavras na defesa da prática cultural: “Deixai-os, pois...”.

Já em sua obra “Rodovias”, a escritora aborda sobre o urbanismo nas cidades goianas. Ela critica a febre pelo locomotivo e desenvolvimento ferroviário, observando

que a natureza é explorada para a construção de muitas rodovias que não se mantêm cuidadas, prejudicando acidentes:

### RODOVIAS...

Estradas! Estradas que se cortem, se cruzem, se distendam, se tornem paralellas, eis a nota predominante, o ponto proeminente das plataformas, das mensagens de quasi todos os governos dos Estados de nossa Federação.

Emquanto alguns dos nossos grandes homens de valor, se batem denodadamente, em paginas magistraes de conferencia, em favor da diffusão do ensino no país, já outros, de capacidade não menos reconhecida, clamam a bem da reforma monetaria.

No entanto, a maioria delles, cuja autoridade incontestavelmente manifesta, todos apreciam, erguem muito alto as suas fallas e, fazendo imprensa de porta-voz, demonstram a todos os filhos do Brasil, até a nós, pobres jecas que rumorejamos nas sendas labvrinthicas da retrogradação que problema essencial a resolver, a nossa necessidade palpitante consiste nas rodovias que darão entradas francas aos melhoramentos de Nossos municípios.

O locomotivo actualmente constitue a febre contagiosa que empolga a imaginação de muita gente!

As mattas são presass de mercadores, de operarios que cavam, capinam, derrubam, limpam, desbastam, monopolizam os velhos caminhos de nossos carreiros e viandantes.

E o povo bate palmas de alegria, quando o suor dos trabalhadores que mal se incumbem da tarefa de que foram encarregados, rega uns tantos kilometros de caminho cheio de accidentes e curvas, onde possam rodar, fonfonando, a urrar, aos trombalhões, uma Chevrolet ou um Ford, em decadencia.

E as faixas de fitas terreas e poeirentas que se desenrolam nos seios de nossas florestas, desmoralizam muitas vezes a arrogancia estulta dos empregarios que sobre ellas requereram privilegios.

Entretanto o povo, na furia de possuir caminhos de locomoção, não considera a lacuna sensivel a preencher em nossas pequenas cidades: possuir uma unica estrada, que as ligasse entre si, em bom estado, amassada sob as rodas do tractor, macadamizada, que pudesse elevar bem alto a bandeira de nossa ufanía, de nosso orgulho e o estandarte do cammodismo e da admiração dos viajantes que sobre ella passassem.

Bem faria o legislativo se, attendendo a esta necessidade imperiosa, não concedesse mais privilegio de construcção de estradas a cidades que já possuíssem uma, para não abrir concurrencia a esta, e tambem se multass os proprietarios, desleixados, que não zelam pelo conservamento e melhoras de suas rêdes de viação?

E' grande erro o dizer que o resurgimento de nossas terras depende dos numerosos meatos de locomoção.

São todos uns "detraquês" os que assim pensam: em alguns casos não è a quantidade que o momento exige, mas a qualidade.

O progresso não necessita de muitas vias para aqui entrar.

Apenas um bom caminho, mantido em conservaçao e bem tratado, seria sufficiente para chegarem até nós os meios de adiantamento de que necessitamos.

Voltas que o mundo dá!

Ha vinte anos atrás ninguém commentava esta questão. (Jornal O Itaberahy, 1927).

No final do século XIX e início do século XX, o estado de Goiás passava pela implantação de redes ferroviárias, colaborando para o seu processo de modernização. A obra reflete sobre o processo de construção de ferrovias em excesso. Segundo Arraias (2016, p.18), a estrada de ferro “fundou municípios; alterou a estrutura fundiária; influenciou a cultura por meio da modernização; e provocou mudanças no mercado de trabalho”. Ou seja, a parte positiva da construção das estradas foi o desenvolvimento econômico e tecnológico do estado de Goiás. O autor Castilho reflete acerca desse processo de modernização no sertão goiano:

O fato é que a modernização que se emergiu em Goiás foi imposta de fora para dentro, mas apesar de exógena, ela foi produzida também por ações internas, caracterizando o seu ritmo e a sua dinâmica espacial. O Sudoeste goiano foi a primeira região a receber os trilhos e por isso se tornou, primeiramente, a mais dinâmica economia de Goiás nas primeiras décadas do século XX. Se houve resistência ou não à implantação da ferrovia, o fato é que o período foi marcado por um movimento hegemônico nacional movido pela expansão das lógicas capitalistas por diferentes espaços do país (2022, p.06).

A escritora Grace Machado não se coloca contra esse processo de modernização, mas coloca como principal preocupação a falta de estradas bem conservadas ligando as pequenas cidades, enfatizando que uma única estrada de qualidade seria mais benéfica do que várias mal conservadas. É pontuado as partes negativas da construção de estradas no sertão goiano, onde o legislativo deveria evitar conceder a construção de estradas sem necessidade já que não possui o cuidado de as manter seguras para a população. Ela conclui suas palavras dizendo “O progresso não necessita de muitas vias para aqui entrar”, ou seja, que um bom caminho, bem mantido e tratado, é suficiente para trazer os avanços necessários ao desenvolvimento da região.

### 2.2.2 Temas diversos

A escritora Grace Machado, em suas escritas publicadas no jornal O Itaberahy, não se limitava a um único assunto. Dentre tantos temas escritos por ela, há aqueles que mostram um pouco da sua personalidade e estilo literário. A literatura nesta época era um meio onde as mulheres descreviam, de alguma forma, os seus sentimentos, seus pensamentos e pontos de vista. A literatura na pós-modernidade, as mulheres do século



XX “desejam contestar os modos culturais dominantes (patriarcado, capitalismo, humanismo, etc.), ao mesmo tempo sabendo que não pode se desembaraçar completamente deles” (Hutcheon, 2002, p. 2). Nesse sentido, ainda que o estado de Goiás estava em processo de modernização, as mulheres utilizavam das escritas para serem vistas intelectualmente. Nas próximas obras de Grace Machado é percebido a diversidade de assuntos escritos por ela.

Na obra "Ironia Matutina", por exemplo, a autora descreve a experiência matinal diante da natureza. Pelas palavras de Grace Machado, percebe-se a sua admiração pela manhã, destacando a luz do sol e a vida como expressão da beleza:

### **Ironia matutina**

Dealba o sol na plenitude do estio.

A claridade esplendorosa liberta-se do céu por detrás das collinas alcandoradas e despejase na terra em estilhaços refulgentes.

A belleza deslumbrante do astro rei, na orgia das fulgurações coloridas, culmina a manhã, à laia de fogos incandescentes que, em opulencia, em cascatas de luz, engrinaldassem a natureza toda, serpenteando por entre o bosquedo florido.

Eu sou a amante ardorosa das cousas bellas...

Por isso amo o sol, symbolo supremo do bello, concretização lidima da gloria, emblema sublime da vida.

E a vida é formosa!

O povo, na sna linguagem simples e philosophica, a soube proclamar de boa maneira, de modo que só a comprehende, quando sorte bonançosa e feliz.

"Isto não é vida!" exclama quem soffre.

A vida é bôa, é encantadora, porque é a saúde, o gaudio, a ventura...

Os outros estados, por que passam os individuos, são a vegetação, as amarguras, o acabrunhamento...

O bello tem poder ascendente na trama dos mundos, palpita, canta...

Por vezes, ponho-me a escutar a canção da belleza.

Ouço-a cantar...

A mim me parece que è o poema da existencia que ella entoa nessa voz melodiosa e alegre, que determina o rythmo, a cadencia da evolução dos seres, sob a protecção calorosa do sol.

E como todos os hymnos maviosos de encantamento nos trazem sempre alguma recordação bôa, en me lembro de uma creaturinha santa, de mãos finas e aristocraticas, de olhos ternos e de infinita bondade, de voz acariciadora e doce...

E essa flor humana que tão cêdo a morto transplantou para os jardins do céu, foi Sceur Jeanne, uma virtuosa educadora, jovem e linda, uma verdadeira santa na accepção da palavra.

Lá fora, as cousas que Deus creou, continuam com o seu cantar de formosura e jubilo.

Um raio solar, leve e fluctrante, entra pela sala, poisa nos objectos,

lento, tepido, doirado, como um ideal maravilhoso que nos acaricia a imaginação.

Este acto de luz é para mim a imagem radiosa da alma de minha mestra querida, que a Parca roubou...

E, então, toda a minha saudade recrudescerá confrangendo-me  
O coração, enquanto a natureza engalanada modula a glória da beleza,  
nessa canção pungente, cheia de ironia... (Jornal O Itaberahy,  
16/06/1927)

Ela se declara como "a amante ardorosa das coisas belas", demonstrando sentimentos de emoção pela estética e pela harmonia presentes na natureza. A autora associa a vida à beleza, destacando o sol como um símbolo supremo do belo, uma expressão pura da glória e um emblema sublime da vida. Ela reflete sobre a vida ao descrever a saúde, a alegria e a ventura como elementos fundamentais da existência. Percebe-se que Grace Machado nesta obra retrata uma visão poética e emocional da natureza, da vida e da beleza, incorporando elementos de lembrança, saudade e uma ironia que acrescenta complexidade à existência.

Em sua obra “Bucolica”, a autora expressa mais uma vez uma contemplação poética da vida cotidiana. Ela descreve a rua com suas casas coloridas e destaca a atividade das crianças brincando. A nuvem branca no céu é comparada aos sonhos do coração, sugerindo uma associação entre a natureza e os sentimentos humanos. Grace Machado nunca limita seus elogios à natureza e, diante disso, percebe-se a sua admiração pelos elementos da natureza e o sentimento de prazer em viver:

### **Bucolica**

A rua num recolhimento morno, veronático, é sempre a mesma  
com as suas casas achatadas e de cores diversas.

Creanças pagodeiam.

No céu muito azul, levanta se perto do morrete verde, lá pelas  
bandas do norte, uma nuvem compacta, grande, muito branca.

Parece a sombra prolongada e reflectida para cima do avelludado  
outeiro...

Já é tardinha.

O sol se esquiva...

E a nuvem grande se movimenta, espalhando-se, colorindo...  
Azulada, ouro refulgente, lilás, rosa, que cambiantes!

Ah! a nuvem grande é como os sonhos de nossos corações ...

A relva da rua é de pelúcia esmeraldina.

Homens da roça, puxando animaes, passam monotonamente com  
um pensamento bonito na cabeça que se lhes reflecte nas feições.

E' presente que compraram para a namorada. Um pretexto  
fútil de conversa:

– Êta morena: a festa é na sumana qui veim; e eu truxe prô cê  
botá  
na fatiota um chêro bão lá da rua!

E ella contrafeita, com os olhos brilhantes, liquidos de satisfação, arrebatava-lhe das mãos brutalmente a essencia baratissima de flor de laranjeira e corre para o quarto com um "Deus lhe pague" na bocca a sangrar.

E eu advinho-lhe no rosto a scena que elle antegosa.

Um perfume embriagante de flores e de hervas frescas erra no ar, entrelaçado com o do verniz das casas que se pintam.

Os roceiros desengonçados e parladores continuam a passar.

Os moleques assoviam

Os barulhos das maschinas silenciaram.

Os sinos tocam as novenas.

E' a festa que se aproxima.

Todos se preparam.

Os apetrechos amontoam.

Baila em tudo a esperança do Anno Bom.

O sol já se sumiu quasi de todo...

E o céu é azul palido de porcelana transparente.

Subito o céu racha-se numa fresta comprida pelo lado do oriente.

O céu, o bello céu azul, está trincado... barulha...

Foi o raio... o trovão...

Depois deu ar céu e elle, esfanicado, principia a cair em cima das casas com o ruido alegre de cacos de louça que se despedaçam...

E' a chuva.

Ha tambem na nossa vida um céu azul de porcellana...

Cuidado! E' fragil, como a louça de Saxe, o céu azul de nossa existencia. (Jornal O Itaberahy, 01/03/1928)

Em sua escrita, há a descrição de homens da roça – destacando a simplicidade da vida. A narrativa se desloca para uma interação entre um homem da roça e sua namorada, onde um presente simples, uma essência de flor de laranjeira, é oferecido como um gesto de carinho. Ela interpreta a emoção desse momento, destacando a satisfação da namorada e a antecipação do homem da roça. Esta obra possui o objetivo de destacar a simplicidade nas vivências.

Já na sua próxima escrita, Grace Machado reflete sobre condições sociais. Em sua obra "Miseráveis", a autora analisa a condição dos mendigos, abordando temas como a mendicância, a caridade e a responsabilidade das autoridades. A escritora é irônica ao dizer que os moradores de rua são preguiçosos e não querem trabalhar e ser generoso/a é incentivar a preguiça, fruto de um pensamento social presente na época e que reflete até os dias de hoje:

#### **Miseráveis**

Ah! Elles só têm a arte de insinuar em nós o dô e a apprehensão.

Elles sabem bolir com a nossa sensibilidade e nos commover até as lagrymas!

Elles vivem na atmospha de dôr que crearam com os proprios ocios e padecem a agonia lenta que incita As blasphemias, os anatemas anodynos, ou a humildade resignada que vive a implorar misericordia.

Elles sabem se mostrar chorosos ou desesperados, tristes ou melanholicamente alegres, estampar nas faces o sorriso doentio da amargura que apunhale o coração bondoso do esmoler.

Elles são artistas. E artistas inconscientes que a preguiça fabrica, a ociosidade crêa, que nascem na penúria e crecem inultamente sem conhecer o trabalho, tornando-se com o evoluer dos annos, os herdeiros da tara que os mendigos transmitem de geração em geração, vadiagem.

Ah! Se os prodigos, se os infelizes cordeiros do sacrificio, como os esanoleres, pudessem advinhar!

Se os generosos acreditassem que inocentemente constituem o incentivo, o pivot da preguiça alheia, o factor da mendicidade que confia na benemerencia dos "mãos abertas " que são elles os protectores dos meleques e indirectamente os patronos de muitos viciados.

Mas, para quem a apparencia é tudo e não dá ao cuidado de sondar a alma tibia das multidões que se aboleta na inercia, não julga, não crê, ou não quer acreditar que creaturas cadavericas de feições contrahidas, as vestes em farrapos, tresandando a immundice, com a voz compungida, olhos supplices, mãos estendidas, busto arcado – que esse acervo de miseria ambulante não reja estatua de Moicek devorador, o santuario de energias que se tão aproveitam, machina pedinte, o espoliador, o cavalheiro de industria, a parasita que a mandriice pranta para sugar a seiva de generosidade ostensiva ou da caridade anonyma dos trabalhadores!

Bem dita a missão de Henry Ford, berfazeia a obra do conde de Matarazzo!

Abrir fabricas e não azylos, abrir escolas e não hospitais

O nosso congresso estadual e o nosso executivo bem poderiam saccudir a proverbial e tropical inacção de muitos goyanos, preenchendo, assim, as avarias dos erários publicos com impostos aos preguiçosos e vagabundos, creai campanhas estimulantes ao serviço, estabelecer medidas serias e proveitosas no sentido de forcar ao trabalho os que vivem, explorando a caridade alheia.

E a sciencial com tantas drogas que manipula, não cogita tambem de encontrar a pedra philosophal, um estimulo qualquer que imprima á machina humana os movimentos, a reacção da energia?

Miseraveis! Enfraquecidos enterrados, no lamaçal da indolencia, philosophicamente, vivem os mendigos aos punhados pelas sargetas, pelas casas, por toda parte, a insultar cynicamente a caridade dos transeuntes.

E não será caridade e não será compaixão dar de beber e de comer a quem a par da fome e da sêde, possui ainda bons músculos e força sufficiente para serem gastos na faina diaria e que, sob o pretexto imaginario de um soffrimento qualquer que poderia ser combatido pela actvidade, se esmorece confiado benevolencia publica {...}

As autoras Sicari e Zanella (2018, p.669) discutem sobre a construção social da imagem dos moradores de rua que, embora hoje houve mudanças no pensamento de que seriam uma ameaça, perpetua a visão discriminatória de que as pessoas em condição de rua oferecem risco a sociedade e estão na situação porque querem. No século XX, este pensamento era ainda mais comum que os dias de hoje. Grace Machado, em sua obra,

ironiza que o ato de pedir os tornam preguiçosos e que o ato de ajudar colabora com a mendicância.

A escritora cita Henry Ford e Matarazzo, ambos comerciantes e homens de muito dinheiro, debatendo sobre a falta de trabalho para os mendigos – ironizando que o sofrimento dos moradores de rua pode ser “resolvido” com alguma atividade. Na conclusão da obra, Grace Machado diz “Mas os culpados não são elles, pobres miseráveis” (Freitas, 1928), criticando as autoridades:

Mas os culpados não são elles, pobres miseráveis

A incuria recê sobre algumas autoridades, sobre alguns poderes que sacrificando muitas vezes bem estar individual! a Verdade do povo que sacrificando muitas vezes ao bem estar individual a liberdade do povo que se sujeita ao indifferetismo superior, presencia e aceita sem rebellião as injustiças que lhe são impostas que assiste ao espectáculo do egoísmo, da inercia, de pouco caso, em um meio, em um centro, onde os elementos favorecem, onde ha campos vastissimos para as operações do espirito e dos braços, para o desenvolvimento de proveito collectivo, para a acção efficiente, donde se derivaria o amor pelo trabalho da vontade de todos os homens, no labor, na obra commum da cultura e do engrandecimento desta fraccão brasileira que, por central, deve ria ser o emporio em torno do qual rodasse toda uma Federação, não estimula, com o exemplo, o seu povo à actividade.

E’ preciso que no seio das massas haja o gosto pelo trabalho, ao lado do desprendimento, para que vivifique o amor da Patria. (Jornal O Itaberahy, 16 de março de 1928).

Assim, a escritora descreve a irresponsabilidade das autoridades e dos poderes constituídos em relação às condições sociais e econômicas em que as pessoas vivem. Há uma crítica à negligência dessas autoridades, que acabam sacrificando o bem-estar coletivo em prol de interesses individuais, sendo “egoístas” como pontuado por ela. É destacado também a falta de estímulo para o trabalho e para o desenvolvimento coletivo ressalta que é importante para a construção de uma sociedade mais próspera. Grace Machado critica o fato de que as pessoas e autoridades discriminam os moradores de rua, mas não fazem nada para solucionar.

### **2.3 Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás (AFLAG): Anuários 1970-1972**

A Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás (AFLAG) foi fundada no dia 9 de novembro de 1969. Surgida na cidade de Goiânia, capital de Goiás, teve como

fundadoras Rosarita Fleury<sup>40</sup> e suas parceiras Nelly Alves<sup>41</sup> e Ana Braga<sup>42</sup>. O objetivo dessas mulheres era criar uma academia em que incluísse as mulheres e suas escritas, contribuindo para a emancipação das mulheres intelectuais.

O ponto de vista feminino muitas vezes traz perspectivas que o olhar masculino não consegue captar, ou seja, a participação da mulher, escrevendo sobre temas que antigamente era de predominância masculina, foi firmando assim sua posição intelectual diante da sociedade. Rosarita Fleury, juntamente com suas co-criadoras, conseguiram uma Academia predominantemente feminina, trazendo suas vivências como mulheres, mães, esposas, literatas, poetisas, contribuindo assim para o crescimento da cultura goiana em vários aspectos (Maia; Coelho, 2016, p.142)

Com a criação da AFLAG, as mulheres ao escreverem sobre temas que antes eram predominantemente abordados por homens, conseguiram afirmar sua posição intelectual na sociedade. As escritoras da academia feminina expressavam suas vivências como mulheres em uma época que o estado de Goiás e sua capital Goiânia possuía uma sociedade conservadora e que contribuía para o preconceito e discriminação em relação às mulheres (Maia; Coelho, 2016, p.141).

Com a fundação da AFLAG, Grace Machado retomou a literatura onde publicou alguns escritos na década de 70 – ocupando a cadeira de número 15. Destaca-se que seus escritos colaboraram para o reconhecimento intelectual das mulheres, haja vista que “escritoras e poetisas como Eurídice Natal e Silva, Graciema Machado, entre outras, são mulheres, além de seu tempo, que levantavam a bandeira feminista em suas épocas” (Maia; Coelho, 2016, p.142).

---

<sup>40</sup> Rosarita Fleury nasceu na cidade de Goiás em 27 de outubro de 1913 e faleceu em Goiânia no dia 14 de março de 1993 (AFLAG). De acordo com a autora Maia “esteve à frente da presidência da AFLAG, sendo este período 17 compreendido entre 1969 a 1993, marcando a criação da instituição até o falecimento da escritora” (2021, p.16-17).

<sup>41</sup> Nelly Alves de Almeida nasceu no município de Jaraguá no dia 1 de outubro de 1916. Faleceu em Goiânia no dia 5 de dezembro de 1999. Nelly “foi membro da União Brasileira de Escritores, Seção de Goiás, da Academia Goiana de Letras, da Associação Goiana de Imprensa e do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. Recebeu inúmeros diplomas, medalhas e troféus, que se encontram em seu memorial, na AFLAG. Emprestou seu nome a auditórios, salas e bibliotecas” (AFLAG).

<sup>42</sup> Ana Braga nasceu em Peixe no estado do Tocantins no dia 29 de novembro de 1923. Faleceu em Goiânia no dia 20 de junho de 2023 (AFLAG). Segundo Maia era “mulher negra e de origem humilde, advinda do interior do Tocantins-GO” (2021, p.31).



**Figura 3** Ata da Fundação da A.F.L.A.G, 1970 Fonte: Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás, Anuário 1970

A figura acima retrata o momento da fundação da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás. Apesar que Grace participou deste momento, não há registros da sua presença com suas companheiras. Retoma-se ao fato de que a escritora se afastou mais uma vez da literatura por questões de saúde, e diante disso não há muitos escritos de sua autoria nos anuários da AFLAG, pois talvez já estivesse adoentada nesta época. Ainda assim, a escritora deixou obras que mostram a sua intelectualidade na década de 70, demonstrando ser a mesma Grace da década de 20. Em “Um novo estilo” a escritora trata sobre as mudanças percebidas na nova geração em relação à expressão de sentimentos e emoções ao longo das décadas.

### UM NOVO ESTILO

A mocidade de hoje, com vivência e ambientes diferentes dos de alguns anos atrás, sugere uma série de conclusões pelo modo de agir.

Houve, realmente, profunda modificação na maneira de encarar a vida, de proceder, nestas últimas décadas.

E o fruto desta nova geração, criada com todo o carinho, amor e cuidado, dentro dos princípios com certa rigidez ou conceitos de educação, vindo de colégios de freiras, transformou-se nesta esplêndida juventude, aliás esplêndida mesmo.

Há, naturalmente, exceções, mas não atingem a maioria.

Dentro do nosso saudosismo, a orientação tão sábiamente ministrada por ilustres e queridas professoras, nos incutia a idéia de despreendimento, no sentido de repressão à vontade, um rígido contrôlo de nossos desejos, um perfeito domínio sôbre os impulsos e explosões de nossos sentimentos e palavras.

Teríamos de agir com modos comedidos, mais ou menos sem grandes efusões, nos movimentos controlados e medidos, de certa forma com graça, dentro do teor que a educação da época exigia.

Uma carta para o namorado... representava uma peça literária bem trabalhada, burilada, repleta de palavras carinhosas em que o sentimento brotava em profusão, na tônica, por excelência, de palavras de amor, saudades, juras...

Nada de muito positivo, de prático.

Agora, tudo diferente. Não quanto ao sentimento que continua o mesmo, desde priscas eras até à nossa.

Neste tempo de progresso inusitado da era atômica, das visitas do homem à lua, da era caracterizada pelos inventos que assombram a humanidade.

Complexos eletrônicos lançam aos ares aviões controlados por computadores e a imaginação do homem se tornou tão fértil e aguçada que é espantoso e incalculável determinar até onde vai a faculdade de atingir as raiais da ousadia e da perfeição, nos métodos e aparelhos existentes e por existir {...}

A intenção de Grace Machado nesta obra é comparar a criação e a educação mais rígida do passado em que ensinava a juventude a demonstrar mais afeto, como por exemplo a realização de cartas românticas. De fato, com o processo de modernização e avanços tecnológicos, refletiu-se na mudança na forma como as pessoas são educadas, especialmente na expressão de sentimentos. O autor Castilho debate sobre o processo de modernização no estado de Goiás onde pontua que as consequências da modernização é ela ser imposta “como única alternativa para o desenvolvimento social, alcançando patamares de aceitação não só no meio social como também no campo científico” (2014, p.47). Nesse sentido, é fato que as novas gerações vão sendo formadas e educadas de outras formas, causando mudança do meio social e na forma de ser e agir das pessoas.

A obra menciona o progresso da era atômica, as conquistas na exploração espacial e os avanços tecnológicos como elementos que influenciaram a maneira como a juventude contemporânea expressa seus sentimentos, tornando as expressões mais imediatas e práticas, possivelmente devido à rapidez e eficiência que a era moderna exige. O autor Castilho discute a definição de modernização: “ela representa o caráter específico da modernidade, a qual é um fenômeno mais geral e que demarca uma temporalidade” (2014, p.34).

Nesse sentido, a obra ressalta que a modernização e a tecnologia influenciaram para uma conveniência imediata na comunicação que provoca a mudança na sociedade. Na continuação de suas escrita, Grace Machado apresenta uma carta como modo de representar essa mudança na forma de comunicação e expressão de sentimentos, comparando-se com o estilo mais formal utilizado no passado:



Eis a suposta carta, imaginada e escrita, por conclusão, à maneira de como vive e exprime a juventude de hoje, desinibida e valente, a maior parte, estudiosa e operante:

Meu amigo,

eis-me de volta ao cotidiano, depois de uma estada que em não esperava tão bacaninha, por aí.

No início, era quase insuportável lembrar-me de tudo que se passou. E' tão bom sentir-se viva e capaz!

Não sei se me entende, mas é muito importante para mira sentir isso. E, agora, sinto-o muito.

As minhas tentativas em arte me acolheram de braços abertos.

A elas entreguei-me. Tenho trabalhado muito, muito.

Ainda, aproveito tudo que senti e sinto.

E' a "psicologia" mesmo, funcionando às mil maravilhas, nesse quase universo de fisiológicos.

Por que denunciar a falsa dicotomia "corpo-alma"?

Tão impossível quanto "vida-morte", não acha?

Envio-lhe isso, essa coisa. Matéria pura e simples.

Não vou lhe dizer mais nada sôbre isso. Peço-lhe não se zangar.

Afinal eu tinha lhe prometido uma homenagem, ao burguês calmo e fisiológico. Não é trabalho muito bom e o sistema é superado. Também não é para dizer que imito professôres, como você o disse quando viu aquêle trabalho em casa de nosso amigo.

Li Quarup. Comprei-o ainda no "Santos Dumont. Gostei bastante.

Li-o para amenizar um pouco o estudo de Estética de Georg Luckake, conhece? Estou agora com "Necessity of Art? um ensair socialista no assunto e "Lobo da Estepe" de Hermann Hesse.

Outra coisa, já que você está se interessando por Vivaldi, ouça um concêrto em Ré menor, para cordas e cravo, que é um espetáculo!

Adoro a música barrôca. Haverá um seminário de arte nos próximos dias. Não sei bem quando será exatamente, ou se conseguirei ir, mas gostaria muito. Insista com o nosso amigo para que venha até aqui.

Seria ótimo eu poder mostrar-lhe as coisas.

Gosto de pessoas que enxergam. E' triste lidar com cegos, os piores que não sabem ver. Aquelas toupeiras que abrem os olhos e não divisam que está escuro. De que lhes adianta? Fechar de nôvo os olhos!

Como está a vida? Muito cheia, ou cheia de vazios?

Querido, deixe cair os escudos. Desculpe-me se digo assim.

Escapou.

Também de que lhe adianta eu lhe dizer isso, se também eu não deixo os meus no chão? Odeio as imagens e me torno uma delas

Neste último fim de semana, fui para o interior.

Tenho tido raiva de mim por não saber encontrar calma suficiente para não me lembrar também dos meus amigos.

O ambiente... Escudos! Não sei porque, mas o ambiente de certa forma me fêz parecer com o que vi.

Bem, meu amigo, esta carta podem não lhe parecer suficientemente longa, mas, talvez, você goste do que estou mandando: êste trabalho.

Um pouco mais...

Só (AFLAG, Anuário 1970, p.91-93)

A linguagem utilizada na carta é colocada como mais direta, exemplificando uma juventude mais desinibida e imediata. Há uma mistura de assuntos, desde experiências pessoais até referências culturais e literárias, mostrando uma mente mais ativa. A carta revela uma pessoa que compartilha seus sentimentos e pensamentos de forma aberta e espontânea, diferente das cartas escritas antigamente.

Além disso, a escritora aborda temas como a arte, a música, a leitura de obras literárias e reflexões sobre a vida, demonstrando uma interesses e uma mente inquisitiva, característica da juventude que busca explorar diferentes áreas do conhecimento. Essa carta ilustra a evolução na maneira como as pessoas se comunicam e expressam emoções na contemporaneidade, refletindo uma mudança no estilo e na profundidade das interações emocionais em comparação com tempos anteriores.

Em sua próxima publicada no ano de 1972, ou seja, dois anos após a publicação de “Um novo estilo”, Grace Machado retrata novamente sobre a tecnologia e os avanços modernos, destacando sobre comunicação e interação humana nesse contexto. Inicialmente, ela destaca o Dia Mundial das Comunicações e a comemoração deste dia:

#### **Micro mensagem**

O mundo católico vem celebrando, há seis anos, o Dia Mundial das Comunicações, instituído por S.S. O Papa Paulo VI.

Pela segunda vez, em todo o nosso País, se comemora tão importante data, oficializada pelo Poder Executivo, através de decreto de 27 de abril do ano passado e, em Brasília, diversas solenidades foram realizadas, presididas pelo Ministro Higinio Corsetti.

Estas descoloridas linhas não representam um discurso, uma alocução, ou coisas semelhantes, mas um simples recado, onde tento transmitir o que, no momento, sinto com relação a esta época de técnicas, de tantos empreendimentos e outras novidades por aí, que nos deslumbram e comovem.

Ainda existe gente isolada, desiludida, introvertida, fechada em ambiente tétrico, sem maiores informações do que ocorre pelo mundo, sem conhecimento das maravilhas de nosso tempo, que nos põe em suspenso, pasmados com a sabedoria de Deus, que, na sua extensão sem limites, inspira aos homens a agirem e fabricarem novos inventos, fazendo da nossa época, a mais rica e importante  
Era de todos os tempos.

A Comunicação, como mensagem, entrosagem jamais, em qualquer período de nossa vida, foi tão necessária à sobrevivência da sabedoria com relação às pessoas, como na hora presente.

O movimento cotidiano dos homens e povos não se expressa exclusivamente nos inventos deslumbrantes da técnica.

A Comunicação não só seria de ordem visual e barulhenta, mas especialmente humana no encontro, na palavra, na atitude das pessoas

Quanto mais nos fechamos nesse horizonte limitado do egoísmo, mais nos afastamos da autêntica sabedoria que a caridade nos impõe {...}

Ela cita Higinio Corsetti<sup>43</sup> que, enquanto ministro das Comunicações entre os anos de 1969 e 1974, publicou um decreto para a celebração da data. Grace Machado descreve que, apesar da celebração do Dia Mundial das Comunicações e do reconhecimento dos avanços tecnológicos, evidencia-se que a comunicação vai além dos meios visuais – sendo fundamental o encontro, as palavras e as atitudes das pessoas. É destacado a importância desse momento, referindo-se à era das tecnologias e inovações.

No entanto, aponta que apesar desses avanços, ainda há pessoas isoladas e privadas das informações e novidades do mundo atual: “ainda existe gente isolada, desiludida, introvertida, fechada em ambiente tétrico, sem maiores informações do que ocorre pelo mundo” (Freitas, 1972). Na continuação de sua escrita, Grace Machado explora a ideia de que o conhecimento humano abrange um saber que, simultaneamente, é natural. Essa jornada do conhecimento permite o contato e convivência entre as pessoas.

Os planos de conhecimentos humanos vão do empirismo ao saber que é, ao mesmo tempo, natural e sobrenatural e nos leva ao amor ao próximo e, em consequência, aos meios de convivência.

Não é uma idéia muito confortável em função de nossa comodidade.

A religião, no entanto, nos leva a ponderar esta situação à luz da caridade cristã e substituímos a competição pela cooperação.

As pessoas só atingem a maturidade quando param de fazer indagações e aprendem a visualizar e ver pessoas e coisas.

A descoberta de um sentimento essencialmente religioso contribui e, talvez, nos leve a solucionar alguns problemas que atualmente nos assoberbam e implicam.

A Religião nos dará a solução a esses problemas e, com ela, compreenderemos que a nossa individualidade está em função da atividade universal.

Não podemos fugir, nem nos isolar do convívio com o próximo.

O mundo exterior não é objeto ou coisa inanimada, mas existe e pode existir algo cheio de vida dentro de nossa própria realidade.

Os nossos atos deverão respeitar a integridade vital do ambiente do qual participamos.

Teremos que estabelecer relações amistosas com quem se aproxima de nós e de quem nos aproximamos, criando um clima de paz e harmonia, e de respeito mútuo.

---

<sup>43</sup> De acordo com o autor Pieranti, Higinio Corsetti, o presidente Emílio Garrastazu Médici nomeou o militar Corsetti: “foi chefe do curso de eletricidade e eletrônica da Escola de Comunicações da Vila Militar do Rio de Janeiro, organizador do curso de Comunicações da Academia Militar das Agulhas Negras em Resende, Rio de Janeiro, comandante e diretor de ensino da Escola de Comunicações do Exército, chefe da Seção de Operações da Diretoria Geral de Comunicações do Exército e membro do gabinete do então Ministro da Guerra do governo Castello Branco, Arthur da Costa e Silva” (2006, p.100).

No meu ponto de vista, comunicar ou comunicações está nesta definição mais ou menos lógica aqui exposta. (AFLAG, Anuário 1971-1972, p. 43-44)

Ao dizer que “as pessoas só atingem a maturidade quando param de fazer indagações e aprendem a visualizar e ver pessoas e coisas” (Freitas, 1972), a escritora refere-se a religião e sua conexão com a caridade cristã, apontando que a religião encoraja a substituição da competição pela cooperação. É importante perceber que Grace Machado defende sempre a harmonia, a paz e o respeito – destacando a necessidade de não se isolar do convívio social. Para a escritora, a comunicação está intrinsecamente ligada a essa definição lógica, onde a interação humana, a compreensão mútua e o respeito são aspectos fundamentais para uma convivência harmoniosa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Historicamente, as sociedades foram estruturadas em torno de sistemas patriarcais, onde os homens detinham o poder e as mulheres tinham um papel subordinado. Devido a isso, os homens viam o feminismo como uma ameaça à sua posição social, o que prejudicaria o seu domínio sobre as mulheres. O sertão goiano foi, por um longo tempo, associado a solidão e a miséria. Este olhar, fruto de uma construção colonizadora, refletiu para que a população sertaneja fosse ignorada e isolada dos avanços ocorridos em outros estados do país. Assim, esta visão do sertão afetou sobretudo as mulheres sertanejas, dificultando os seus processos de conquista e as submetendo a inúmeras formas de violência e opressão.

Como apresentado, a autora Soihet (2008) debate sobre a luta das mulheres por igualdade de direitos através do movimento feminista<sup>44</sup>. Ela discute que as resistências das mulheres se concentraram em garantir direitos sociais onde, principalmente no século XX, a primeira onda do movimento feminista buscou o acesso ao mercado de trabalho, educação e participação política. Nesse sentido, destaca-se que o feminismo foi categórico para conquistar mudanças sociais como meio que reconhece e protege os direitos das mulheres, principalmente em um contexto onde as desigualdades de gênero eram vigentes.

Em Goiás no século XX, haviam mulheres que defenderam e entraram na discussão sobre o movimento feminista, este sendo debatido principalmente na Europa nesta época. Como discutido, o movimento feminista teve sua origem nos Estados Unidos entre mulheres de classe alta que exigiam exercer os mesmos direitos dos homens. A autora Pedro (2005), como mencionado no capítulo 1, debate-se que na Primeira Onda as mulheres buscavam reivindicar direitos políticos, sociais e econômicos, enquanto na Segunda Onda (meados anos 60), elas passaram a defender o direito ao controle sobre seus corpos, ao prazer, e lutaram contra a estrutura patriarcal que ainda controlava os corpos das mulheres<sup>45</sup>. Percebe-se que as conquistas das mulheres, ainda que de maneira lenta, vão aderindo os seus espaços.

---

<sup>44</sup> SOIHET, Rachel. Mulheres investindo contra o feminismo: resguardando privilégios ou manifestação de violência simbólica?. **Estudos de Sociologia**, v. 13, n. 24, 2008.

<sup>45</sup> PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: O uso da categoria na pesquisa histórica. **HISTÓRIA, SÃO PAULO**, v.24, N.1, P.77-98, 2005.

Tendo em vista o crescimento do feminismo em Goiás, percebemos o fato de que o processo de conquista das mulheres ocorreu de maneira lenta, mas houveram aquelas que participaram e protagonizaram suas vidas. O estado de Goiás estava acompanhando o processo de modernização, e um exemplo disso é a escritora Grace que possuiu acesso à educação, literatura e política. Infelizmente, o estado foi discriminado e isolado pelas outras regiões mais desenvolvidas que não percebiam a capacidade do seu povo. A autora Lima (2013) ressalta um debate intelectual sobre a construção de nação – considerando a oposição sertão e litoral, examinando a forma como o sertão e o litoral são retratados e percebidos, tanto historicamente quanto contemporaneamente. O olhar construído de que o sertão estaria relacionado ao atraso refletiu no processo de conquista das mulheres no estado.

Nesta época, ocorria nos Estados Unidos e na Europa as reivindicações das mulheres por seus direitos. Essa ocorrência refletiu em Goiás e demais estados, onde contribuiu para o processo do feminismo no estado. A autora Zirbel (2021) discute sobre o início da modernização na Europa, destacando que as transformações políticas e sociais favoreceram os homens brancos proprietários em que influenciou na privação das mulheres em ter voz e influência na vida social<sup>46</sup>. Isso resultou na dificuldade das mulheres de se inserir nas questões econômicas e políticas.

As mulheres que tiveram privilégios e resistiram ao patriarcado em Goiás foram as mulheres elitizadas que, em geral, possuíam apoio familiar. Diniz (2013, p.29) debate que as mulheres, especialmente as pertencentes às classes privilegiadas, se inseriam na esfera pública através da organização e promoção de eventos sociais, culturais e intelectuais<sup>47</sup>. Nesse sentido ressalta-se, obviamente, que as mulheres ricas e brancas tinham mais privilégios que as pobres e/ou negras.

A literatura foi um meio utilizado pelas mulheres elitizadas para mostrar que possuem intelecto e são tão capazes quanto os homens de escrever, opinar, narrar, participar da vida pública. A escritora Grace Machado, diante da sua trajetória e temas tratados em jornais da época, ousou e mostrou essa capacidade. Ainda que fosse uma mulher elitizada, vivenciou o sertão goiano e enfrentou o patriarcalismo da época.

---

<sup>46</sup> ZIRBEL, Ilze. Ondas do feminismo. **Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas**, p. 10-31, 2021.

<sup>47</sup> DINIZ, Sávaia Barros. Mulheres na imprensa: representações femininas no Correio Oficial, Cidade de Goiás (1930 – 1936). Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Goiás, 2013.

Suas escritas nos jornais O Lar e O Itaberahy mostram a sua intelectualidade e que de fato, foi uma mulher à frente do seu tempo. Suas escritas no periódico O Lar eram voltadas para o feminismo, enquanto no jornal O Itaberahy priorizava outros tipos de temas, como a natureza, tradições regionais, religião etc. A autora Santos (2018) explica que o jornal O Lar, por ser dirigido por mulheres e ter o objetivo de mostrar as capacidades intelectuais das mulheres, defendeu e reivindicou os direitos femininos, principalmente o direito ao voto. É fato que o periódico foi criado por mulheres elitizadas onde suas diretoras e colaboradoras tinham acesso ao debate e participação do feminismo local e regional. Já o jornal O Itaberahy, enquanto criado e dirigido por homens, evitava discutir sobre o movimento feminista diretamente. Ainda que o periódico abordou temas relacionado às mulheres, o estilo literário e notícias presentes não possuía o objetivo de buscar uma transformação social.

Grace Machado debatia abertamente sobre o feminismo no jornal O Lar, enquanto no O Itaberahy utilizou o estilo literário irônico para criticar o patriarcado. Só mais tarde é que O Itaberahy inicia a inclusão das mulheres, quando a escritora se torna redatora do periódico – fato incomum para a época. No O Lar a escritora diz: “Eu falo por mim e sei que a minha palavra terá repercussão no espírito de muitas outras. Eu serei eleitora. Eu também reclamo meu direito de voto” (Freitas, 1928), mostrando sua potência e resistência ao defender o sufrágio. No Jornal O Itaberahy não percebemos falas como essa da escritora e, ao abordar sobre o feminino em sua obra “Poema Aurífero”, se trata de um outro tipo de descrição onde discute a visão das mulheres como sedutoras, enquanto os homens provedores.

Ao se afastar da literatura por um longo tempo devido à sua dedicação a família e lar, Grace Machado retorna na fundação da Academia Feminina de Letras (AFLAG) onde deixa seus últimos escritos. A academia, composta só de mulheres, tinha o objetivo de incluir os escritos das mulheres, demonstrando sua capacidade intelectual. Destaca-se que a academia, surgida no ano de 1969, está em um outro contexto onde o estado de Goiás já estava desenvolvido tecnologicamente e estava passando pelo processo de modernização. Nesse sentido, os escritos de Grace abordam sobre essa modernização e as mudanças ocorridas na região.

É importante destacar a falta de estudos sobre Grace Machado onde este fato representa um silenciamento e um apagão de sua memória na narrativa histórica, na qual sua contribuição e legado literário ainda não é visibilizado. Buscar seus vestígios para perceber sua trajetória na história é uma forma de desconstruir a herança opressiva que o

patriarcado construiu sobre as mulheres, para reconhecer aquelas que protagonizaram suas vidas através de seus escritos, como a Grace Machado. Esta história segue, pois há muito ainda para ser dito.

## REFERÊNCIAS

### FONTES DE ARQUIVOS:

ANUÁRIO 1970 a 1985, Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás: Goiânia. Disponível na AFLAG.

JORNAL O ITABERAHY, Cidade de Itaberahy: edições de 1926 a 1930. Disponível no Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central (IPEHBC- Goiânia).

JORNAL O LAR, Cidade de Goiás: n.1 ao 110, agosto de 1926 a 1932. Disponível no Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central (IPEHBC- Goiânia).

### FONTES BIBLIOGRÁFICAS:

ABREU, M. M de. (2007), “Do ensaio à história literária: o percurso intelectual de Ronald de Carvalho”. *Remate de Males*, Campinas, (27): 265-275, jul.-dez.

ALENCAR, José de. *O sertanejo: romance brasileiro*, v.1 e 2. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1875.

ALMEIDA, M. G. Sertão, Identidades e Representações no Centro-Oeste. *Revista Observatório Itaú Cultural*, v. 25, p. 34-43, 2019.

ALVES, Francisco das Neves. Fontes para o estudo da história do Rio Grande do Sul no acervo da biblioteca Rio-Grandense: o arquivo José Arthur Montenegro (levantamento parcial de fotografias). *Biblos*, Rio Grande, 16: 107-124, 2004.

ANSART, P. (2005) As humilhações políticas. In I. Marson, & M. Naxara, (Orgs.), *Sobre a humilhação: sentimentos, gestos, palavras* (pp. 15-30) Uberlândia, MG: EDUFU.

ANSART, PIERRE. (2005), “As Humilhações Políticas”, in I. Marson e M. Naxara (orgs.), *Sobre a Humilhação. Sentimentos, Gestos, Palavras*. Uberlândia, EDUFU, pp. 15-48.

ASSEBURG, Hans Benno. Ódio aos Judeus?: posição teológica frente ao anti-semitismo. *Estudos Teológicos*, v. 3, n. 2, p. 30-38, 1963.

BALLESTRIN, Luciana. “Feminismos Subalternos”. *Revista Estudos Feministas*, v. 25, n. 3, p. 1035-1054, 2017.



BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo: a experiência vivida, v. 2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BONATO, N. M. da C. O Fundo Federação Brasileira pelo Progresso Feminino: Uma fonte múltipla para a história da educação das mulheres. *Acervo*, [S. l.], v. 18, n. 1-2, p. 131-146, 2011.

BRITO, Mariana Gonçalves Campos de. Literatura de autoria feminina na América Latina. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

CALIXTO, Carolina; GOUVÊA, Viviane. O fundo Federação Brasileira pelo Progresso Feminino no Arquivo Nacional. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 2, p. 239-253, maio/ago. 2020.

CAMPOS, Francisco Itami; DUARTE, Arédio Teixeira. O Legislativo em Goiás. *Histórias e Legislaturas*, v. 2. UCG. Goiânia, 2002.

CAMPOS, Francisco Itami; DUARTE, Arédio Teixeira. **O legislativo em Goiás**. Assembléia Legislativa, 1996.

CARNEIRO, Sueli. A mulher negra na sociedade brasileira—o papel do movimento feminista na luta anti-racista. **História do negro no Brasil**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, p. 1-21, 2004.

CASTILHO, D. Estado e rede de transportes em Goiás-Brasil (1889-1950).

CASTILHO, D. Modernização Territorial e Redes Técnicas em Goiás. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Goiás – IESA. Goiânia, 2014.

CHARTIER, Roger. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica). *Cadernos Pagu* (4) – fazendo história das mulheres, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, 1995.

COSTA, Suely Gomes. **Movimentos feministas, feminismos**. *Rev. Estud. Fem.* [online]. 2004, vol.12, n.spe, pp.23-36.

CURADO, Bento Alves Araújo Jayme Fleury. O legado cultural de Graciema Machado de Freitas. Disponível em: *Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás (AFLAG)*, Goiânia.

CURADO, Bento Alves Araujo Jayme Fleury; Valdez, D. (Org.). (2017). *Dicionário de educadores e educadoras em Goiás: séculos XVIII/XXI*. Goiânia, GO: Editora da UFG.

DA COSTA SILVA, René Marc. O papel da categoria sertão no processo de construção da identidade nacional. *Revista de informação legislativa*, Brasília, v. 45, n. 177, p. 185-197, jan./mar, 2008.

DA SILVA, Mônica Martins. As festas populares e a “invenção” das tradições: uma reflexão sobre as cavalhadas e a procissão do fogaréu em Goiás (1940-1980). **Patrimônio e Memória**, v. 7, n. 1, p. 212-230, 2007.

DALMEIDA, José Mario; DALMEIDA, Claudia Alves. Trajetória de vida de Miguel de Oliveira Couto (1865–1934), médico, educador e político. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) biográfica**, Salvador-BA, v. 5, n. 14, p. 900-915, 2020.

DE MELO, Augusta Faro Fleury. Anuário 1985/1986. *Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás (AFLAG)*, p. 17-20, 1986.

DE OLIVEIRA DERING, Renato. A Resistência/Existência na vida de uma mulher negra de Goiás: Leodegária de Jesus Resistance/Existence in life of a black woman from Goiás: Leodegária de Jesus. Rio de Janeiro, PUC Rio: Periódico L.E.R, p. 106-123, 2020.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História oral**, v. 6, 2003.

DERING, Renato de Oliveira; SILVA, Thaís Fernanda. Diálogo entre ficção e realidade: a língua-gem literária como uma das representações de mundo. *Revista Anhanguera, Goiânia*, v. 16, n. 1, 2016.

Diniz, S. B. Mulheres na imprensa: representações femininas no Correio Oficial, Cidade de Goiás (1930-1936). Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Goiás, 2013.

DINIZ, Sávia Barros. Mulheres na imprensa: representações femininas no Correio Oficial, Cidade de Goiás (1930 – 1936). Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal de Goiás, 2013.

DOS SANTOS MARQUES, Paula Regina Pereira et al. O SERTÃO E O SERTANEJO: um Brasil de vários sertões. **Revista Científica Novas Configurações–Diálogos Plurais**, v. 1, n. 1, p. 4-11, 2020.

DUARTE, C. L. Feminismo e literatura no Brasil. *Estudos Avançados, São Paulo*, vol.17, n. 49, p.151-172, 2003.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. *Estudos Avançados, São Paulo*, v. 17, n. 49, p. 151-172, Dec. 2003.

DUARTE, Lélia Parreira. Ironia, revolução e literatura. **Cadernos de Linguística e Teoria da Literatura**, n. 22-24, p. 92-113, 1989.

ERGAS, Y. O sujeito mulher: o feminismo dos anos 1960-1980. In: DUBY, G.

FERREIRA, Gracy Tadeu da Silva. O coronelismo no Estado de Goiás (1889-1930): as construções feitas do fenômeno pela história e literatura. In: CHAUL, Nars Fayad (coord.). *Coronelismo em Goiás: Estudo de casos e famílias*. Goiânia: Mestrado em História/UFG, 1998.

FOLLADOR, Kellen Jacobsen. A mulher na visão do patriarcado brasileiro: Uma visão Ocidental. *Revista fatos&versões / n.2 v.1 / p. 3-16 / 2009*.

FREIRE, Isabela Barbosa. *Jornal o lar e a escrita de mulheres em Goiás: O Entre-lugar das negociações e reiteraões com o poder patriarcal*. 2016. 201f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Goiás, Pós-graduação em Antropologia Social, 2016.

GODOY, Maria Paula Fleury. *Sombras. Contos*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 1966.

GONÇALVES, Gabriela Marques. *Religiosidade popular e Folia de Reis*. Anais do III Congresso Internacional de História da UFG/Jatí: História e Diversidade Cultural. Setembro de 2012.

HADDAD, Marcos. *A EXPANSÃO CAPITALISTA EM GOIÁS: DA INCIPIENTE MINERAÇÃO AO SÉCULO XX*. BVRU: Goiânia, v. 2, n. 1, p. 71-92, jan./jun 2016.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *O feminismo em tempos pós-modernos. Referências e impasse*. In: *O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

IBGE. *Atlas das representações literárias de regiões brasileiras. Sertões Brasileiros. Vol 2. Coordenação de Geografia*. Rio de Janeiro: IBGE, 2006. rev. 2009.

KARAWEJCZYK, Mônica. *O voto feminino no Congresso Constituinte de 1891: primeiros trâmites legais*. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História–ANPUH São Paulo**, 2011.

KARAWEJCZYK, Mônica. *As filhas de Eva querem votar: dos primórdios da questão à conquista do sufrágio feminino no Brasil (c.1850-1932)* 2013. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

KOFES, Suely. *Uma trajetória em narrativas*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2001.

LEAL, Halina. *Feminismo negro*. **Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia**, v. 6, n. 3, p. 16-23, 2020.

LEITÃO, Tania Maria de Maio. *Abastecimento alimentar em Goiás na primeira metade do século XIX*. Orientador: Sonia Maria de Magalhães. 2012. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil*. São Paulo: Editora Hucitec, 2ª edição, 2013.

LIMA, V. B. *A urbanização goiana: Os fatores de origem e crescimento da cidade*. In: *Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina*, São Paulo, 2005, p. 7825 a 7852.

MAIA, D. F. *As "mulheres de azul" da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás: trajetórias, (res) existências e estratégias de intelectuais e artistas goianas (1969-1993)*. 2021. 340 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.

NASCIMENTO, Amanda Cristine Oliveira. Diálogo com o cânone na ficção de Augusta Faro: linhas de força na produção literária contemporânea feminina, Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes Montes Claros, Minas Gerais, 2021.

NEIVA, Artur; PENA, Belisário. Viagem Científica pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e norte e sul de Goiás. Edição Fac-Similar. Brasília: Senado Federal, 1999.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. A conquista do espaço: sertão e fronteira no pensamento brasileiro. Hist. cienc. Saúde-Manguinhos [online]. 1998, vol 5.

PRADO, Paulo Brito do. Aventuras Feministas nos sertões de Goiás: as mulheres e suas lutas nos guardados de Consuelo Ramos Caiado (1899-1931). / Rachel Soihet, orientadora. Niterói, 2019. 471 f. : il. Tese (doutorado). Universidade Federal Fluminense, 2018.

PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. **Topoi (Rio de Janeiro)**, v. 12, p. 270-283, 2011.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: O uso da categoria na pesquisa histórica. **HISTÓRIA, SÃO PAULO**, v.24, N.1, P.77-98, 2005.

PERROT, M. História das mulheres no ocidente. Porto: Afrontamento, 1994. p.583-611.

PERROT, Michelle. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. **cadernos pagu**, n. 4, p. 9-28, 1995.

PIERANTI, Octavio Penna. Políticas para a mídia: dos militares ao governo Lula. **Lua Nova, São Paulo**, 68: 91-121, 2006.

PINTO, Céli Regina Jardim. “Feminismo, história e poder”. **Revista de Sociologia e Política, Curitiba**, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.

PIRES, Herculanum Ghirello. Mulheres e roupas: as feministas da Federação Brasileira pelo Progresso feminino (1922-1936). Dissertação de Mestrado. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2016.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista estudos históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-215, 1992.

PRIORE, Mary Del. História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto 2015.

RIBEIRO, Maria E S R C; LONGO, C. A. **Geralda Minomia: uma protagonista de sua própria história.** In: Maria José Pereira Rocha. (Org.). **FIOS DE ARACNÊ: Narrativas de Resistência e Epistemologia Feminista.** 1ed.GOIÂNIA: Editora PUC GOIAS, 2019, v. 1, p. 114-130.

RIBEIRO, Maria E S R. Cavalcante (org.) **REVISTA FRAGMENTOS DE CULTURA - GÊNERO E SERTÃO**, v.14, n. 6,jul. 2004. GOIANIA: PUC GO, 2004. v. 6.

RIBEIRO, Maria E.S. Rosa Cavalcante(Org.) Vidas faladas, mulheres em perspectivas. Goiânia: Ed. PUC GO/ KELPS, 2012.

RIBEIRO, Maria E.S.R. Cavalcante Gênero e envelhecimento: a história de vida de uma sertaneja. OPSIS, Catalão, v. 15, n. 2, p. 417-431, 2015.

RIBEIRO, Paulo Rodrigues. Sombras no silêncio da noite: imagens da mulher goiana no século XIX. In: CHAUL, Nasr Fayad; RIBEIRO, Paulo Rodrigues (Orgs.). Goiás: identidade, paisagem e tradição. Goiânia: Editora da UCG, 2001.

SANDES, Noé Freire. Marcos de fundação: identidade regional e historiografia. Educação & Mudança, Anápolis, v. 11/12, p. 23-40, 2003. Disponível em: Acesso em: jan.2018.

SANT' ANNA, Thiago Fernando. Mulheres que não eram sombras, “sombras no silêncio da noite: práticas abolicionistas femininas na Cidade de Goiás- século XIX. Vidas Faladas mulheres em perspectiva, / Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante (org). Goiânia: PUC-GO Kelps,2012.

SANTOS, Danielle Silva Moreira dos. Construindo o lar e conquistando a rua: discursos e práticas “femininas” no jornal “O Lar” (1926-1932) escrito por mulheres em Goiás. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

SANTOS, Noemi. CLÍMACO, Magda. O protagonismo da mulher vilaboense e sua atuação no cenário musical: registros em periódicos e cruzamento de representações.

SIMPÓSIO: A PRODUÇÃO MUSICAL E SONORA DE MULHERES. XXVIII Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música – Manaus, 2018.

SCHEIDT, Déborah. Nacionalismo e ambivalência em O sertanejo, de José de Alencar. *UniLetras*, v. 32, n. 2, p. 325-338, 2010.

Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de noviembre de 2012, vol. XVI, nº 418 (67).

SENA, Custódia Selma. Regionalismos e sociabilidades. **O olho da História**, n. 14, 2010.

SENA, Selma Custódio A categoria sertão: um exercício de imaginação antropológica. Sociedade e cultura. Revista de Ciências. Sociais, Goiás, v.1, n.1, p.19-28, jan/jun.1998;

SERIGNOLLI, Lya Valeria Grizzo. Baco, o Simpósio e o Poeta. Tese de Doutorado. 269f. Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas. São Paulo, 2017.

SICARI AA, Zanella AV. Pessoas em situação de rua no brasil: revisão sistemática. P. 662-679. *Psicol Cienc*, 2018.

SIMÕES, Fatima Itsue Watanabe; HASHIMOTO, Francisco. Mulher, Mercado de trabalho e as configurações familiares do século XX. Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas: Universidade Federal dos Vales dos Jequitinhonha e Mucuri, Minas Gerais, v. 1, n. 2, 2012.

SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho; DOS SANTOS, Danielle Silva Moreira. A intelectualidade telúrica de Ada Curado: uma grande escritora em Goiás no século XX. Universidade Federal de Goiás, UFG. **Dimensões**, n. 45, p. 284-314, Goiânia, 2020.

SOIHET, Rachel. História das mulheres e história de gênero: um depoimento. **Cadernos Pagu**, n. 11, p. 77-87, 1998.

SOIHET, Rachel. Mulheres investindo contra o feminismo: resguardando privilégios ou manifestação de violência simbólica?. **Estudos de Sociologia**, v. 13, n. 24, 2008.

SOUSA, Beatriz Alves de; PEDRO, Joana Maria. Trajetória das mulheres brasileiras na carreira das letras: ensaio bibliográfico a partir de autoras contemporâneas. Caderno Espaço Feminino - Uberlândia-MG - v. 25, n. 1, p. 79- 95, 2012.

SOUZA, Rayza Sarmiento de. Das sufragistas às ativistas 2.0: feminismo, mídia e política no Brasil (1921 a 2016). Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SOUZA, Talita Michelle de et al. A história de mulheres escritoras em Goiás: atravessando trajetórias e produções literárias. Dissertação de pós-graduação em História. Universidade Federal de Goiás, 2017.

SOUZA, Wlaumir Doniseti de. Patriarcado, patriarcalismo e neopatriarcalismo: por um debate terminológico de uma longa história. In: SOUZA, Wlaumir Doniseti de; NOGUEIRA, Silas. Cultura e diversidade na resistência ao retrocesso: aspectos de degradação e agravamento de crises na sociedade brasileira contemporânea. Jundiaí: Paco Editorial, 2021. p. 59 – 75.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar? Belo Horizonte: Editora UFMG (2010 [1985]).

ZILLY, Berthold. Sertão e nacionalidade: formação étnica e civilizatória do Brasil segundo Euclides da Cunha. **Estudos sociedade e agricultura**, 1999.

ZIRBEL, Ilze. Ondas do feminismo. **Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas**, p. 10-31, 2021.